

JOÃO,

relatos do
EVANGELHO

O Evangelista



EDITORA
LUCAS

Boque
S. Paulo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Série

RELATOS DO EVANGELHO

A Serviço de Jesus
Efraim, o Coxo
Judas Iscariotes
Maria de Magdala
João, o Precursor
Maria de Nazaré
Lázaro Volta à Vida
João, o Evangelista
A Casa do Caminho
Simão Pedro e Jesus
Cornélius, o Romano Cristão

Revisão: Marcos D. Agathão
Revisão Final: Silvia Regina Jacintho
Capa e ilustrações: R. Matias

1ª edição
do 1º ao 5º milheiros
Junho/1993

Depto. Editorial LUZ NO LAR
Grupo Espírita Fabiano de Cristo Rua Delfino Facchina, 61 CEP 04409-080 —
São Paulo — SP — Brasil CGC 53.637.435/0001-08 - IE 112.502.080.118 VAN
MOORSEL, ANDRADE & Cia. Ltda. CGC 61.089.868/0001-02
IE 104.761.708.119

Roque Jacintho

JOÃO,
O
EVANGELISTA

Infanto-Juvenil Espírita

ÍNDICE

1. Atenas
2. Corpo e alma
3. Um só Deus
4. Reencarnação
5. Ameaças
6. No lar
7. Provações
8. Prisioneiro
9. Na prisão
10. Últimas horas
11. Em Jerusalém
12. Em busca da Luz
13. Ouvindo o Profeta
14. Chamados
15. Os escolhidos
16. O Mestre e o discípulo
17. Tolerância
18. A transfiguração
19. Humildade
20. Expulsos de Samaria
21. Preocupações paternas
22. A mãe de João
23. Indignação
24. Próximo de Samaria
25. Alimento do espírito
26. Frutos da Vida
27. Na última ceia
28. Traição
29. Marcas do discipulado
30. Amigos
31. Predições
32. Equívocos do mundo
33. Convém que eu vá
34. Pedir em meu nome
35. No Getsêmani
36. No Palácio
37. No Calvário
38. No Domingo
39. Instruções

40. Mediunidade com Jesus
41. À margem do Tiberíades
42. Minhas testemunhas
43. Prisão dos Apóstolos
44. Na Casa do Caminho
45. A disciplina
46. Dispersão
47. O convertido
48. Êfeso
49. Afinal

1 - ATENAS

Estamos em Atenas, capital da Grécia.

O sol, nesta manhã de névoas, atravessa as brumas, cobrindo a paisagem com clarões ténues que pouco aquecem os que deixam os seus lares.

Na planície da Ática, circundada por colinas, às margens do Mar Egeu, próximo da Acrópole, veem-se edifícios extremamente belos, com arquitetura helénica.

Uma muralha cerca as edificações.

A cidade, quase sem pedestres nesta hora, é toda esplendor debaixo dos raios dourados do astro rei.

A arte, indutora de sentimentos nobres, ali floresce dadivosa, secundando aquele povo que ama a liberdade, dedica-se à cultura, levando, assim, a mensagem silenciosa de vida e de beleza a outras nações da Terra.

Péricles, na governadoria, imprimira-lhe, em seu século, o máximo de educação ao povo, despertando-o para as noções do belo, trazendo das bases da civilização egípcia os princípios da espiritualização, e abrindo amplas luzes de humanização aos atenienses.

* * *

Nesta manhã, reúnem-se sobre Atenas, no plano do Espiritualidade Superior, os mais célebres sábios, entre os quais aqueles que haviam colaborado diretamente para esta florescência de Atenas.

Junto à assembleia culta, há um ar de franca expectativa e, de súbito, irrompe um núcleo de luz. E, resplendendo mais que um sol, eis que dá lugar à presença de um dos mais diletos colaboradores de Jesus.

Jesus, o Governador da Terra, corporifica-se diante da assembleia augusta e vai ao encontro desse seu fiel mensageiro.

Coloca-o a seu lado.

— Estamos às portas da maioria espiritual da Humanidade terrena — anuncia Jesus — e, por isso, em breve tomarei um corpo físico para levar a todos os corações a mensagem do Pai Celestial.

As fisionomias rebrilham de esperanças.

E Jesus, detendo-se na personalidade de Sócrates, anuncia-lhe:

— Após ter enviado a Atenas muitos de nossos mais elevados emissários, quero que você, Sócrates, revista-se de um corpo perecível e, mergulhando no turbilhão da carne, desejo que você ajuste o pensamento da Grécia para ser o portador supremo da Mensagem da Luz.

Sócrates inspira submisso e indaga:

— Sabendo-se que os sofistas confundem almas imaturas em toda a Grécia, Senhor, onde deverei deitar as sementes da verdade que reflitam o seu coração amoroso e justo?

Jesus, então, esclareceu-o:

— Você buscará, Sócrates, nas ruas de Atenas, os jovens e as crianças e, ao tomá-las ainda desvestidos das falsidades dos sofistas, transmita-lhes os clarões genuínos da sabedoria celestial e ensine-lhes a excelência do Amor e a submissão necessária à Lei Celestial.

Sócrates, de pronto, afastou-se.

Deixando as Luzes da Eternidade, seguiu na direção das névoas que envolviam Atenas, buscando o ventre materno que lhe seria o passaporte para a imissão que o Senhor Jesus lhe confiava ao coração amoroso.

2 - CORPO E ALMA

Sócrates levantou-se do tosco banco.

Xantipa, a sua esposa, disse-lhe de pronto:

— Não se cansa de ensinar a juventude, Sócrates? Vejo que você se desgasta, querendo levar a muitos o seu conhecimento!

O filósofo sorriu.

— O conhecimento não é propriedade minha, Xantipa! E, bem por isso, sinto que devo fazer com que todos compartilhem daquilo que nos chega do Mais Alto.

Ela balançou a cabeça, discordando.

— Por contrariar os sofistas, meu caro — assegurou a sua esposa, com algum receio na voz — você coloca em risco a sua própria vida, contrariando interesses de terceiros.

Sócrates balançou a cabeça negativamente:

— De que vale existir, Xantipa, se não pudermos repartir o dom verdadeiro da vida junto daqueles que, assim como eu, querem crescer em sabedoria, mulher?

Xantipa mostrava-se contrariada.

Sócrates, docemente, quis retirá-la daquele estado negativo, dizendo-lhe:

— Para que servirá o fermento, se ele não levedar a massa, Xantipa? O que de sagrado tivermos em nós deverá ser compartilhado por todos, para que, como as plantas, busquemos a luz do Sol espiritual em nossas vidas!

* * *

Sócrates, como fazia todos os dias, naquela manhã buscou a praça pública, em Atenas, onde dirigiria a sua palavra a jovens e crianças que o aguardavam silenciosos.

Aproximava-se calmo, quando viu o retardatário Lísias chegar, trazendo uma almofada debaixo do braço direito.

Lísias arrumou-a e sentou-se nela, entre os demais.

— Por que a almofada, Lísias? — indagou Sócrates. — Você não vê que todos sentam sobre pedras?

— Ah! Mestre! Isso é desconfortável! — redarguiu Lísias, complementando: — Não posso alcançar a sabedoria com algum conforto?

Alguns sorriram com o gracejo.

— O corpo físico, Lísias, nos cria muitos obstáculos. Mas temos necessidade de cuidar dele com atenção e prudência. Se, porém, além disso, nos deixarmos arrastar pelos seus muitos desejos, pelos seus muitos apetites, pelos seus muitos temores e, ainda, pelo seu muito repouso indevido, por certo que adquiriremos o sono e não a sabedoria.

Lísias, visivelmente contrariado, opôs-se:

— Mas... o corpo não sou eu mesmo, Mestre?! Sócrates sorriu, advertindo:

— O corpo físico, Lísias, é simplesmente o nosso instrumento de manifestação. Você não é o seu corpo. Antes diremos que você é, na essência, um alma encarnada, vinda a um novo estágio de aprendizado.

Mênon, já presente, contrapôs:

— A alma, então... Pode ser confundida pelas exigências de nosso corpo, Mestre?

Sócrates, tranquilo, indagou:

— Você não se apercebe que, bastas vezes, deixamos que falem por nós os instintos, Mênon? Quantas vezes a alma se deixa sufocar e conduzir por esses impulsos primários que nos revelam os animalzinhos?

— Sei disso, Mestre! — confessou um outro dos jovens ali presentes.

— Sei que, depois de me deixar ser dirigido por impulsos e exigências de meu corpo, condeno-me a mim mesmo!

Sócrates, após as observações que cada um fez sobre si próprio, esclareceu:

— Somos a alma! E, se contemplarmos a nossa própria essência imortal, descobriremos em nós mesmos o que é puro e eterno, que somos nós mesmos. E, somente então, nós nos assumiremos e comandaremos nosso corpo, rompendo com a escravidão de nossos instintos e de nossas preferências ou opiniões pessoais, deparando-nos, então, com a nossa própria imortalidade.

Após ligeira pausa, Sócrates complementou:

— A prudência, portanto, nos adverte que devemos ver o mundo não com os olhos do corpo, mas pela janela da alma, a fim de não nos confundirmos com o que é circunstancial e transitório.

A troca de opiniões generalizou-se.

E, ao cair do sol, quando chegavam as sombras da noite, todos voltaram para as suas casas, já sonhando com o dia seguinte.

3 - UM SÓ DEUS

Sócrates chegou, naquela tarde, surpreendendo-se com as ásperas discussões entre os jovens que o ouviam diariamente.

Estabeleceu-se o silêncio.

— O que discutiam vocês? — indagou o filósofo, sem nenhum tom de censura.

— Gostaria de partilhar daquilo que se fez objeto ardente entre vocês!

Fedro, erguendo-se, informou:

— Esteve aqui, entre nós, um sofista afirmando que *"assim como há diversidade de homens, há, também, multiplicidade de deuses. E que não existe, pois, um só Deus, porque a criação do homem não nos fez iguais"*.

Houve um longo e expectante silêncio.

— Esse é um grosseiro sofisma, ou seja, uma falsa verdade — ponderou Sócrates

— já que, se houvesse muitos deuses, teríamos muitas naturezas a se conflitar entre si.

Ligeira pausa e complementou:

— A Natureza, contudo, é uma só, embora a sua manifestação seja múltipla, cuidando tanto da Terra como de todas as coisas!

— E por que nos templos religiosos fala-se em muitos deuses, Mestre?

Sócrates suspirou condoído.

— É que, por uma falha humana de observação, os sacerdotes e as sacerdotisas tomam o Espíritos que protegem e inspiram as artes, o comércio, a indústria e as próprias famílias como se cada um deles fosse um deus particular, quando, na verdade, são meros, mas superiores, auxiliares da Ordem Divina.

E, após ligeira pausa, com o interesse fermentado em todos, informou com naturalidade:

— Nos templos egípcios, quando os visitei, compreendi que os iniciados nos segredos da fé alimentam a alma do povo com a ideia de múltiplos deuses, porque as criaturas ainda primárias não comportavam entender um só Deus, diante da extensa manifestação da Providência Divina.

Fedro, então, indagou:

— Os sacerdotes egípcios... Sabiam da existência de um só Deus e um só Criador do Universo?

— Exatamente, Fedro! Reservavam, contudo, tal conhecimento apenas para os iniciados na arte da Vida! Como poderiam levar à praça pública a noção de que o homem ainda pensa que a ave do céu tem um deus particular que a criou e que o ferreiro, por sua vez, tem outro deus que o atende em particular?

— Mas, isso faz mal ao homem! — irrompeu Lísias. — Se cultuam o que não existe, confundem-se a si próprios!

Alguns jovens, baixando a cabeça, retiravam-se do centro das indagações.

Sócrates os conclamou, vigorosamente:

— Oh! Jovens! Para onde vocês pretendem ir, se há uma só fonte a reger todo o Universo? Não retardem o seu crescimento espiritual tão só para se alimentarem de fantasias!

Fedro, indiferente aos que saíam amuados, suplicou:

— Oh! Mestre! Esclareça-nos ainda mais! Sócrates, mansamente, ergueu os olhos ao infinito.

— Há, filhos meus, entre a Terra e o Céu, o Verbo Divino que nos governa, em nome do Criador! Esse Verbo de Luz é patrono único de nosso crescimento espiritual e, pelo que sei, um dia estará de alma e corpo entre nós, desvendando-nos as Leis do Criador.

Um dos que se mostravam insatisfeitos, antes de retirar-se dentre os discípulos de Sócrates, voltou-se, indagando:

— Se tal mediador existe, por que não está já entre nós?

Paciente, o filósofo ponderou:

— Somos, ainda, crianças espirituais a recolher, nesta hora, noções que nos farão crescer para bem interpretar o Verbo Divino! Se antes Ele estivesse entre nós, seria como uva temporona, sem sabor e sem vida! Até que se faça o tempo certo, portanto, convém-nos o esforço de adquirir virtudes reais, qual aluno que vence as primeiras etapas do conhecimento, para penetrar no campo da verdadeira sabedoria!

Silêncio geral.

— Na minha família — aditou, tímido, um jovem — cultuamos a Deus e fazemos oferendas no altar doméstico, Mestre!

Sócrates sorriu.

— A mais formosa de todas as preces nada é se o homem não busca retratar em si mesmo as virtudes sublimes. E tolo seria Deus se desse mais atenção a nossas oferendas do que à nossa própria alma, já que os mais culpados poderiam tornar-se os mais favorecidos.

Espanto de muitos dos presentes.

— Não se revoltam e nem se espantem — advertiu Sócrates — já que sabemos que justos e sábios são somente aqueles que, por suas palavras e atos, cumprem seus deveres diante de seus semelhantes.

Ligeira pausa, e Sócrates complementou:

— O amor traz paz ao homem e, por isso, o laço da fraternidade legítima é a nossa mais alta expressão de culto ao Criador. E só esse amor, vivenciado no dia a dia, é que silencia os ventos das adversidades e abranda todas as dores.

Alguns se retiraram, efetivamente, ao final do diálogo.

Fedro fez menção de retirar-se também, quando Sócrates lhe diz:

— Não convém, Fedro, nós e todos os jovens que aqui permanecem e que voltarão a seus lares, que façamos uma prece antes de retirar-nos?

Fedro hesitou mas concordou:

— Sim, você tem razão, Sócrates.

E o filósofo, tomando uma posição respeitosa, proferiu em tom sereno e profundamente tocado em seu próprio coração:

— Oh! Deus! Dê-me a beleza interior, iluminando minha alma. E permita que a minha conduta se harmonize com a beleza espiritual que busco. Rogo-lhe permitir-me ver o sábio como alguém profundamente rico de virtudes e que eu mesmo possa ter tanta riqueza interior quanto um homem sensato possa suportar e que possa demonstrá-la com meus atos na vida comum, pois nada vale ter virtudes e não vivenciá-las!

A noite anunciava-se com o pôr do sol e, por isso, muitos apressaram seus passos, deixando a praça vazia e Sócrates ainda a meditar em silêncio.

4 - REENCARNAÇÃO

Xantipa atendeu à porta.

— Sócrates está, Xantipa?

A esposa do Mestre sorriu, informando:

— Estava de corpo presente, mas, ouvindo a sua voz, Mênon, por certo ele se fará presente também em espírito!

Mênon sorriu também, entrando. Sócrates aproximou-se, abraçando Mênon.

Sentaram-se e o filósofo logo indagou:

— A que devo a sua visita, Mênon?

— Caro Mestre, de que modo poderemos procurar e ter conhecimento daquilo que nos seja completamente desconhecido?

Sócrates sorriu.

— Por certo, Mênon, tudo aquilo que o homem já conhece não necessita procurar, porque já sabe o que é. Mas o que não conhece não pode procurar, porque não sabe o que é.

— E você crê que seja certo esse princípio, Sócrates?!

— Não! Não creio ser isso inteiramente certo, Mênon, porque já tive oportunidade de ouvir, sobre tal princípio, homens e mulheres com profundo conhecimento de coisas divinas e que são superiores ao comum da vida.

— Seja mais claro, Mestre!

Sócrates, pondo-se à vontade e com humildade, informou:

— Os sábios, ligados aos conhecimentos iniciáticos dos verdadeiros templos religiosos, demonstram que a alma é imortal.

— Até aí, Sócrates, é o que você também ensina!

— Eles, contudo, vão além. Asseguram e demonstram que a morte é simples transferência entre os planos da Vida, com a alma entrando numa nova existência, sem perecer jamais! Quando, então, não suficientemente evoluída, a alma se sente oprimida e arrastada para uma nova vida na Terra, trazendo, ao renascer, toda a sua bagagem de experiências de vidas anteriores é, por isso, comum nos repetirmos nos mesmos costumes e preferências de vidas anteriores.

— Uma... Nova reencarnação?!

— Não se espante, Mênon! Quando a alma se despe do corpo físico, ela carrega os traços de seu caráter, de sua personalidade, de suas afeições e as marcas de todos os atos de sua vida. E nesses ciclos de desencarnação e reencarnação, a alma tem contato com todas as coisas existentes tanto na Terra quanto na Espiritualidade.

— Deus meu! — prorrompeu Mênon.

— Não se espante, Mênon! É graças a essas migrações que cada homem pode evocar da memória o conhecimento dos objetos e das coisas que já viu anteriormente.

— Falando de reencarnação, Sócrates? — indagou Xantipa, ao trazer alguma coisa para servir a Mênon.

O visitante sorriu, admirado.

— Assim, Mênon — prosseguiu Sócrates — o que chamamos de "saber" são todas as coisas de que nos lembramos, sacadas de nosso passado infinito.

— Mas... Então a ciência e a investigação... — reticenciou Mênon.

— A ciência e a investigação, Mênon, são simples recordações do que já vimos e ouvimos.

— Nesse caso... O que chamamos de "saber" nada mais é do que a recordação de coisas já vistas!

— Essas recordações são conquistas da alma, Mênon. E é por isso que já lhe disse que não há ensino, mas apenas reminiscência, mera recordação que, de nebulosa em princípio, torna-se um conhecimento por corporificar-se em nós mesmos.

Ligeira pausa e complementou:

— A virtude, assim, é adquirida por esforço pessoal e não é uma concessão da divindade que nos deu a vida. Despojando-nos, pois, de nossa imperfeição, crescemos na direção do Criador.

— Então... Todos teremos múltiplas existências!

— É verdade, Mênon! E, bem por isso, convém-nos aprimorarmo-nos no campo da virtude, para que cresçamos espiritualmente, participando e colaborando com todos os que convivem conosco, para ter mais sabedoria e tornar-nos maduros em espírito e verdade.

Mênon levantou-se.

— Ganhei a Vida, Sócrates!

— Não! Por enquanto, Mênon, você informou-se sobre a extensão da vida. Mas, para ganhá-la, você deverá repassar as suas conquistas a favor de todos aqueles que ainda não sabem o que detêm dentro de si próprios.

E, após abraços, despediram-se.

5 - AMEAÇAS

A tarde era amena.

O sol, presente com seus raios brandos, criava condições de tranquilidade e harmonia em toda Atenas e cada um cuidava de sua existência, no clima de harmonia que predominava na região.

Sócrates, na praça pública, estava rodeado de jovens.

Todos se postavam a ouvi-lo e ele, por sua vez, instigava os que o circundavam a refletir sobre a vida.

Absolutamente livres para indagar, um deles levantou uma questão que já tinha sido objeto de discussão entre eles, antes de Sócrates ter chegado:

— Mestre, você que tudo sabe, por que não nos leva a conhecer todo o Universo?

O filósofo sorriu, paternal.

— Filho, você conhecer-se a si mesmo, dominando a própria personalidade, é infinitamente mais importante e decisivo, para o seu próprio futuro espiritual, do que especular sobre o Universo.

— Você acha, Mestre?!

— Sim! Além disso, um dia você descobrirá que você é um universo. E, então, ficará sabendo que a verdade e a virtude estão estreitamente ligadas entre si. E saberá, também, que os vícios e o próprio mal são meras consequências de quem não se conhece a si mesmo.

— Você coloca os vícios e o mal como frutos da ignorância, Sócrates?

— Sim! Eles são fruto da ignorância de si mesmo e, por isso, todo aquele que "sabe" não se deixa escravizar por conduta que rebaixa o ser ao extremo da irracionalidade.

Longa pausa e, após alguma agitação, um deles questionou:

— Mas... Os homens ricos, de nossa terra, não pensam assim, Mestre! E, por isso, levam a sua vida como alguém que atingiu toda a glória possível, colocando-se acima do bem e do mal!

Sócrates, singelo, esclareceu:

— Todo homem que ama a riqueza, em verdade não ama a si mesmo e nem ama o que é verdadeiramente seu, já que o seu amor se centraliza naquilo que não lhe pertence de fato.

— E... O que pertence ao homem, Mestre?

— Ao homem, cuja alma é imortal, só pertence aquilo que ele pode levar do túmulo, sabendo-se que as glórias mundanas e os bens da fortuna sempre permanecerão aquém do túmulo.

Anito, um sofista, ouvindo as instruções de Sócrates, sentiu-se irado e, avançando ao meio dos discípulos do mestre, agitando freneticamente os braços, proferiu em voz alta:

— Que continua você fazendo com estes nossos jovens, Sócrates? Quer perdê-los, em loucuras semelhantes às suas?!

Sócrates, olhar fulgurante, humildemente indagou:

— Anito, que faz com a árvore tenra o jardineiro diligente? Não faz, porventura, o ato de ampará-la, socorrendo-lhe as raízes para que venha a recobrir-se de frutos?

O sofista, estremeando, gritou:

— Que tolice você me fala, Sócrates?

— Falo-lhe, Anito, que estes jovens são árvores tenras, recém-plantadas no jardim da Vida. E digo--lhe, Anito, que a árvore amparada, com solo enriquecido, é a que dará mais frutos, enquanto que a árvore abandonada à própria sorte, sem ter quem dela cuide, não dará o fruto necessário à vida.

Anito ficou rubro e, depois, perdeu a cor, falando:

— Você quer perverter a juventude com suas mentirosas noções de liberdade, Sócrates! Quer fazê-los desprezar a fortuna, em troca de mentiras e falsidades!

Sócrates sorriu amigável e ponderou:

— A verdadeira liberdade, a que quero levar estes jovens a dominar, começa no instante mesmo em que assumimos a nossa humanização, sobrepondo-nos aos instintos e, assim, alcançando o nosso livre arbítrio.

Anito apontou os jovens, indagando:

— Então... Você quer levar estes jovens a fazer tudo o que quiserem?!

— Anito, se nos tornarmos livres para as decisões sobre o caminho a seguir, a partir dessa liberação de nossas almas estaremos imantados às obrigações menores e maiores em favor de nosso semelhante, já que estaremos alçados à condição de quem aprende a ordenar com o Criador.

Ligeira pausa, e Sócrates prosseguiu:

— Os deveres, regularmente cumpridos, Anito, é que nos dão alforria à nossa alma, para sentirmo-nos crescer em termos espirituais.

Anito, visivelmente irado, afirmou:

— A filosofia é uma tolice, Sócrates! E, induzindo esta nossa juventude ao desejo de liberdade, você patrocina a desordem no Estado!

E, olhos injetados de ódio, Anito trovejou:

— Vou levá-lo aos tribunais, Sócrates!

6 - NO LAR

Sócrates, embora a noite fria, ficara um longo tempo entregue à meditação, repassando em sua memória tudo o que fizera em Atenas, nos seus contatos com os jovens e com alguns de seus discípulos.

Sentia que, com o transcorrer dos anos, conseguiria fazer florescer em muitos corações o amor pela verdade e pela sabedoria, tão necessários para a maturação da Humanidade.

Algo o ligava às alturas.

Como que possuído por intraduzível saudade, buscava, quase em vão, divisar no céu recoberto de nuvens o Verbo do Criador e, nesses momentos, seu coração se transferia da Terra para os paramos espirituais, pressentindo que algo transcendia a sua compreensão.

Suspirou profundamente, qual ave que sonha com seu ninho.

Assim, nesse estado d'alma, alcançou seu lar.

Xantipa, sua esposa, mal ele adentrou, veio a seu encontro com um ar indisfarçável de apreensão.

— Sócrates! Finalmente você chegou, são e salvo!

— E por que esse espanto, mulher?

— É que ouvi rumores, pela vizinhança, sobre juízes que querem prendê-lo! E, no fundo de minha alma, temi pelo pior!

— Acalme-se, mulher — aconselhou-a o filósofo a sorrir. — Também sei dos que tramam contra mim. Contudo, que me poderiam fazer, além de aprisionar-me o corpo físico, se ninguém consegue sufocar os pensamentos que nos revelam os sinais de vida?!

— Mas... Aprisioná-lo... Por que, Sócrates? Será que é por você estar criando uma vida mais nobre, entre os jovens da Grécia?

O filósofo acalentou Xantipa.

— Sabe, querida companheira! Tenho sonhado que algo que se encontra muito acima de nossas limitações vem ocorrendo nesta nossa terra. E como se estivéssemos a fazer uma sementeira de sabedoria, a fim de levedar a alma da Grécia com o fermento do Bem.

Sentaram-se os dois, lado a lado.

— Apesar de meus esforços, Xantipa, tenho visto sombras espirituais a rondar pelos monumentos de Atenas, qual se um exército macabro estivesse sendo mobilizado contra a Luz.

— E... Você é o alvo dessas sombras? Sócrates procurou tranquilizá-la.

— Toda sementeira, Xantipa, tem o seu preço. E, se falo a linguagem da humildade e do amor, o mundo em que estamos e que nos ouve poderá estar se sentindo violentado.

— Mas... Você nunca fez mal a ninguém!

— Contrariamente a isso, Xantipa, tenho recomendado e feito, por mim mesmo, todo o bem que me seria oportuno realizar, já que sei que não basta não fazer o mal, mas é preciso vivenciar o amor ao próximo.

— E o preço de sua dedicação poderá ser muito alto!

Sócrates, como que olhando para dentro de si mesmo, deixa escapar um longo e saudoso suspiro e, em seguida, pondera:

— Nenhuma ideia nova, renovadora de costumes, se implanta em plena calma, Xantipa. Por contrariar interesses humanos, vazios e transitórios, é quase natural que os incomodados pelas novas luzes da alma se choquem com o que fizemos a favor de toda a juventude ateniense.

Sócrates levantou-se:

— Vou repousar, meditando, Xantipa! Necessito buscar inspiração no Mais Alto sobre o que convém ser feito, já que nada faço por mim ou pelos meus desejos, mas, acima de tudo, o que procuro fazer é refletir os anseios de Espíritos Nobres, que patrocinam a maturidade da Grécia, em benefício de toda a nossa Humanidade.

O filósofo recolheu-se em seu aposento, levando no fundo de sua alma alguma apreensão sobre os rumores que o envolviam e que poderiam comprometer toda a sua obra redentora.

7 - PROVAÇÕES

A noite estava serena.

Através dos olhos da alma, Sócrates como que devassava no Infinito um amplo caminho de estrelas, na imensidão da abóbada celeste.

Seus pensamentos se voltavam ao Verbo de Deus.

Repousou a cabeça, deixando-se embalar pelo sonho de fazer da Grécia toda o princípio da redenção humana, retirando-a do lodaçal de paixões e libertando-a da ganga dos instintos primários.

Sentia-se, contudo, próximo de um julgamento no Tribunal de Atenas e, por decorrência, indagava-se sobre o veredito, sobre a sentença que lhe poderia ser imposta.

Adormeceu serenamente.

Minutos após cerrar as pálpebras, sob a ação do sono, eis que se sentiu leve, desperto, com uma energia incomum, observando que não se encontrava na Terra.

Uma estranha força o atraía na direção da Espiritualidade e, aturdido, viu-se no centro de uma imensidão de luzes.

Onde estaria? — indagava-se atônito.

Dois Espíritos se destacaram, na paisagem luminosa, vindo a seu encontro e, surpreso, Sócrates exclamou:

— Eurípedes! Esquilo! São vocês que revejo em meu sonho?!

— Somos nós mesmos, Sócrates — assegurou Eurípedes.

O filósofo, humilde, ajoelhou-se aos pés daqueles dois Emissários do Senhor, rendendo-se diante deles, num transpasse de incontida emoção.

— Não, Sócrates! — diz-lhe Esquilo, tomando-o pela mão. — Viemos tão somente recebê-lo. Mas quem reclama a sua presença, meu amigo, é o Verbo do Criador, a quem servimos!

— O... Verbo do... Criador?!

— Jesus, o Governador da Terra, Sócrates, a quem todos nós servimos, é que o requisita. E Ele quem o chama, neste momento crucial da Grécia.

E Sócrates, entre os braços desses dois amigos inesquecíveis, sentiu-se conduzido ao Mais Alto, distanciando-se do solo, até que se depararam num amplo gabinete, envoltos por uma claridade azulínea.

— Senhor! — clamou Sócrates, comovido até às lágrimas. — Senhor!

E postou-se de joelhos, comovido.

— Vem, querido amigo meu! — abraçou-o Jesus!

* * *

Jesus, fitando o humilde Sócrates, anunciou-lhe:

— Aguardemos a manifestação dos juízes dos atenienses, Sócrates. Sabemos que você será julgado e, nesse julgamento, a própria Grécia se incluirá através da sentença que os seus juízes proferirem.

— Serei... Submetido a uma provação, Senhor?

— Sim, Sócrates! A maioria espiritual que representa a alforria da Humanidade que se encontra sob a minha governadoria há de revelar-se agora. E se você vai ser provado em sua fidelidade à verdade eterna e ao eterno Bem, os que o julgarão também serão provados quanto ao estágio coletivo em que se encontram.

Após ligeira pausa, Jesus inteirou:

— O ouro, na Terra, prova-se com o fogo, filho meu.

Sócrates suspirou, condoído.

— Se a sentença for injusta — ponderou Sócrates — suplico-lhe, Senhor, por misericórdia a meus juízes e, também, rogo-lhe não deserdar os gregos de sua missão de ajustar as almas para a vinda de seu Evangelho, Senhor!

Súbito, o filósofo sentiu-se aturdido.

Ouvia como que pancadas na porta de seu aposento, qual se fosse chamado de retorno a seu corpo físico.

E despertou, aos clamores de Xantipa.

— Que houve, mulher?! — indagou o filósofo, ainda rememorando o que agora lhe parecia ter sido um sonho. — Que houve?!

— Os guardas... Vieram prendê-lo! — respondeu em lágrimas Xantipa. — E vão levá-lo daqui, nestas horas da noite!

Sócrates levantou-se, sem temores.

8 - PRISIONEIRO

Era noite, em horário tardio.

Nuvens escuras quase recobriam o disco lunar e, no horizonte, apenas alguns raios sulferinos atravessavam o espaço, deitando seus clarões sobre as ruas de Atenas.

Os guardas invadiram a casa de Sócrates.

Chegando ao leito tosco, onde o filósofo despertara, brutalmente o arrancaram dali, obrigando-o a postar-se em pé.

— Vamos! — ordenou um dos guardas, empurrando o filósofo e o ameaçando com o punho cerrado — Você é o lixo de Atenas!

Porta escancarada, empurraram-no às ruas sombrias, sem nenhum respeito, afastando brutalmente Xantipa, que chorava desolada.

Anito, representando a elite dos sofistas, contratara alguns desordeiros e desocupados, a peso de ouro, e instigava a turba, proferindo impropérios contra Sócrates e, impiedoso, fazia chacotas sobre o filósofo, anunciando-o como o louco de Atenas.

Sócrates, passivo, humilde, levantou os olhos e deparou-se com alguns dos jovens que instruíra em praça pública e que, agora, se revelavam acuados e temerosos.

Ao sentirem-se observados, os jovens, um a um e mudamente, se afastavam do local, observando à distância aquela prisão infamante.

* * *

Os guardas o faziam caminhar debaixo de sopetões e zombarias.

Aproximaram-se da prisão e, num gesto do comandante, os guardas dispersaram a multidão que se formara ao longo das ruelas obscuras e tristes.

Quando entregue aos carcereiros, Sócrates estava quase desnudo, com suas vestes singelas feitas em trapos pela violência com que fora tratado.

— Deixem-no incomunicável — ordenou o oficial da guarda. — Que ninguém tenha acesso a ele, já que este homem é um louco perigoso, condenado à morte! E, voltando-se aos guardas, o oficial ainda ordenou:

— Dispersem a multidão de curiosos! Entre eles poderão estar alguns de seus seguidores! E, se sobrar alguém, nestas cercanias, prendam-no também!

Anito, frio, fitou demoradamente Sócrates e, com um sinal discreto dispersou a turba indócil... E tomou distância.

* * *

Na cela, Sócrates suspirou, recompondo-se.

Humilhado ao extremo, não se sentia revoltado e nem ofendido. Condoía-se, contudo, daqueles que o seguiram a distância e, mais particularmente, apiedava-se da turba agressora.

Exausto, alongava o seu olhar por entre as grades, observando as ténues claridades daquela madrugada fria.

9 - NA PRISÃO

Silêncio... Um grande silêncio!

Sócrates estava preso e, na ignorância comum dos guardas, era submetido a dolorosas humilhações.

Embora desafiado, minuto a minuto, a rebelar-se, revelava-se sereno, sorvendo uma a uma as gotas da amargura que lhe impunham, sem acovardar-se em tempo algum.

A cela infecta, quase imunda, frequentada por ratazanas, mergulhada em penumbra permanente, só lhe inspirava a plena consciência da missão que lhe delegara o Verbo do Criador.

A noite adensava as suas sombras.

Súbito o filósofo ouviu ruídos nas grades da prisão e, atento, ouviu também vozes que determinam a abertura do cárcere.

Divisa alguns juizes na sua cela.

— Sócrates — diz um deles — estamos a abrir-lhe a porta do cárcere, para que você fuja da dolorosa e injusta pena que lhe impuseram em nossos tribunais!

Sócrates, sereno, assegurou:

— Agradeço-lhes a oferta, mas não pretendo fugir!

Espantado, outro dos juizes o advertiu:

— Fuja... Ou você será levado à morte, Sócrates!

O filósofo sorriu e afirmou:

— Se a morte do corpo físico representasse a dissolução da alma, por certo que os homens maus ganhariam com isso, já que estariam livres do corpo e da própria consciência.

— Mas... Você morrerá, Sócrates!

— Somos imortais — redarguiu o filósofo, convicto. — E a morte não resulta em nenhuma mudança substancial em nossa personalidade. Além disso, aqueles que me difamaram e também os que me julgaram também morrerão um dia!

Outro dos juizes se aproximou mais.

— Foram muitas as acusações que lhe fizeram, mestre! Enredaram-no em todas as mentiras e falsidades! Destacaram defeitos terríveis, qual se você fosse o último dos celerados!

O filósofo, sereno, considerou:

— É quase uma disposição natural, em cada um de nós, ignorar os nossos próprios defeitos e, por consequência, cultivamos uma visão aguda para descortinar os defeitos alheios.

— Se você fugir, Sócrates — contra argumentou outro dos juizes ali presentes — um dia você poderá voltar à Grécia e, então, denunciar todas as injustiças que lhe impuseram.

Sócrates, humilde e respeitoso, enunciou:

— Jamais deveremos retribuir uma injustiça com outra injustiça. E nem deveremos fazer o mal a qualquer pessoa, seja qual for o dano que nos haja causado.

Um dos juízes, impaciente, reclamou:

— Queremos que você fuja e, contrariamente a atender-nos, você ainda pretende dar-nos lições de conduta reta!

E, contrariados, retiraram-se.

* * *

Só, dentro das sombras da noite, Sócrates sentiu-se envolto por Espíritos Superiores, que lhe falavam ao coração, trazendo-lhe conforto naqueles instantes mais ásperos de provação.

O filósofo, rendendo-se de joelhos, ergueu seu olhar ao Infinito e, como a rever seu mestre, Jesus, na tela de sua imaginação, proferiu:

— Eis-me, Senhor! Sou escravo de sua vontade divina e beneficiário de sua misericórdia, o que me permitiu levar luzes onde predominavam as trevas da ignorância.

E permaneceu em doce oração.

10 - ÚLTIMAS HORAS

Xantipa, a mulher de Sócrates, entrou no presídio.

— Quero ver Sócrates! — balbuciou peito ofegante, rosto banhado pelas lágrimas de dor e desolação.

— Quer ver... O prisioneiro?! — inquietou-se o carcereiro, comovido diante daquele sofrimento. — Que quer com ele?

— Quero vê-lo, meu senhor!

O carcereiro, subitamente comovido com os rogos daquela que sabia ser a esposa de Sócrates, olhou pelos corredores e viu que estavam sozinhos.

— Siga-me! — ordenou após alguma hesitação. E, percorrendo um estreito corredor, o carcereiro disse a Xantipa, em baixa voz:

— Eis a cela! Seja muito breve!

— Sócrates — chamou Xantipa — Sócrates, venha ouvir-me.

O filósofo aproximou-se das grades.

Xantipa, agarrando-se às barras de ferro que a separavam de seu marido, deixou transparecer toda a sua angústia e desesperação.

— Acalme-se, mulher — rogou Sócrates comovido.

— Sócrates, Sócrates! Os juízes o condenaram à morte pela cicuta!

O filósofo, sereno, diz-lhe:

— E que tem isso, mulher? Todos eles também estão condenados à morte, pelas Leis da Natureza!

Rebentando em soluços, Xantipa exclama:

— Mas a sua condenação é injusta, Sócrates! Você nada fez de mal para merecê-la!

E o filósofo, após contemplá-la resignadamente, responde-lhe com carinho:

— E você quereria que essa condenação fosse justa, Xantipa? Antes sofrer por uma injustiça do que ser condenado por causas reais!

* * *

Silêncio na cela.

A cicuta, forte veneno, usada em Atenas para a execução dos réus condenados à morte, cumprira seu nefasto papel.

O corpo de Sócrates jazia inerte.

A cela, contudo, no justo instante da desencarnação do amável missionário de Jesus, tornou-se um palco iluminado por Espíritos Superiores que vinham acolher aquele sábio e bondoso tarefeiro do Mundo Maior, entre cânticos celestiais.

Aquele resignado e sábio trabalhador abriu os olhos para o outro plano da vida e, tomado pelas mãos santificadas de quantos ali aportavam, vindos do Mais Alto, foi prontamente alçado à presença de Jesus.

Humilde, com lágrimas a perolar-lhe as faces, Sócrates prostrou-se de joelhos ante o seu Excelso Mestre.

— Senhor! — proferiu aquele embaixador do amor e da sabedoria. — Que sombras envolveram a minha amada Atenas, para interromper-me na missão da Luz?

— Erga-se, filho — ordena-lhe Jesus.

Sócrates, tímido, fitou o seu Senhor.

— A sua condenação, Sócrates, marcará a Grécia por amargas e dolorosas provações coletivas, respondendo cada um pelas responsabilidades de ter contribuído para que o mal florescesse onde mandei semear a mensagem do Amor.

— Eles... Se equivocaram, Senhor!

— Bem sei, Sócrates. E, para se redimirem do equívoco, vou convocá-los todos para que, como escravos, venham a servir a civilização romana, instruindo e educando esse outro povo nos mesmos princípios com que você lhes semeou o jardim dos corações.

E, a partir dali, os mais cultos gregos se tornaram escravos e, ao mesmo tempo, como escravos foram chamados a ser professores do povo romano, em sua elite, para ajudá-los a erguer um novo Império, sob a tutela da Justiça e da Misericórdia.

11 - EM JERUSALÉM

Jerusalém estava repleta de peregrinos.

Suas ruelas estreitas fervilhavam de forasteiros, vindos de todas as partes para a tradicional festa da Páscoa dos judeus.

A família de Zebedeu também chegara.

João, em sua juventude, compenetradamente vasculhava por todas as partes, recolhendo impressões sobre o que via e sobre o Templo da cidade, que atraía multidões.

Tiago, seu irmão, acompanhava-o compenetrado, recolhendo em seu coração as paisagens que mais lhe tocavam a alma.

— Vamos à hospedaria! — convidou Salomé, esposa de Zebedeu e mãe de João e Tiago. — Se não nos apressarmos, corremos o risco de ficar sem vaga!

— Calma, Salomé! — pediu o velho Zebedeu. — Nossos filhos estão mais interessados em ver o Templo do que em se refugiar em hospedaria!

João lhes sorriu, confirmando.

De pronto, junto com Tiago, foram até o pátio do Templo, observando os que vendiam aves e animais para os sacrifícios no altar, em mistura com os cambistas.

Os jovens caminhavam, entre admirados e distraídos, comentando sobre a abóbada do Templo, que, ao receber os raios do sol da tarde, reluzia espelhando o ouro.

Súbito, João, absorto com o teto aureolado, tropeçou em alguma coisa que estava no chão e chocou-se com um senhor idoso, levando-o a cair.

— Oh! Perdoe-me, meu bom senhor! — desculpou-se João.

E, juntamente com Tiago, ambos procuraram socorrê-lo no chão e, de pronto, João recolhia algumas moedas esparramadas junto à banca do cambista.

— Esta moeda... É grega! — admirou-se João. Judá, a vítima da queda, levantando-se e retirando o pó de sua roupa, entressorrindo, confirmou:

— E dinheiro grego, sim!

— O senhor... É grego? — inquiriu João.

— Sou um judeu grego!

E, após ligeira pausa, Judá complementou:

— Vejo em você, meu jovem, uma sadia curiosidade!

— A Grécia estranhamente me atrai — confessou João.

— Já esteve lá, filho?

— Não! Mas já ouvi comentários e referências sobre Atenas que, segundo me relataram, é uma cidade esplendorosa!

Judá sorriu e, pelo seu modo, apreciava relacionar-se com a juventude, tanto que, tomando a João e a seu irmão Tiago à parte, deteve-se a descrever-lhes as obras de arte da Grécia.

— E... O povo, Judá? — indagou João — Como é o povo grego?

— Ah! O povo grego cultivava uma tradição de seu maior filósofo, chamado Sócrates, falecido há quase mais de quinhentos anos.

João estremeceu involuntariamente.

— Sócrates! — balbuciou admirado. — Já ouvi alguém... Algum dia... Falando dele!

Judá mostrava-se mais encantado ainda.

— Sócrates foi um notável mestre do amor, meu filho! Toda a vida desse notável filósofo foi demarcada por extrema fidelidade ao Bem!

— Ele... Foi um religioso? — indagou Tiago, admirado com o interesse de João.

— Ou teria sido um desses pregadores dos caminhos que se julgam superiores ao Criador?

Judá sorriu amigável, esclarecendo:

— Ao que me consta, na tradição oral em Atenas e em alguns escritos dos discípulos desse admirável filósofo, esse Sócrates foi um mestre que se dedicou a iluminar a juventude ateniense, ocupando-se em transmitir-lhe ensinamentos nobres e superiores, profundamente respeitosos a Deus.

João estava pálido.

Não sabia por que, mas à medida que Judá falava sobre a Grécia, com destaque a Sócrates, aquele jovem como que revia as praças públicas e, também, como que revia alguém que anunciava uma vida nova, dentro da Vida.

— Creio... — balbuciou, olhar distante — que um dia... Irei à Grécia!

Despediram-se de Judá, prometendo um reencontro.

Tiago, assim que caminhavam para a hospedaria, indagou:

— Por que você falou em... Ir à Grécia, João?! João suspirou, taciturno, confessando:

— Alguma coisa... Aqui dentro de minha alma... Fala-me que, um dia, irei a essa terra, Tiago — e, após alguns segundos, inteirou: — Sinto isso em minha alma, mano!

12 - EM BUSCA DA LUZ

A manhã, em Cafarnaum, estava no resplendor do sol e o lago de Genesaré, no marulhar de suas ondas, tremeluzia, qual se miríades de estrelas estivessem a agitar-se na crista das mansas ondas.

O jovem João, ao lado de seu irmão Tiago, revelava-se introvertido, qual se buscasse no fundo de sua própria alma respostas para as suas inquietações espirituais.

Ele suspirou, como que saudoso!

— O que é que você tem hoje, mano? — perguntou-lhe algo preocupado Tiago. João sacudiu a cabeça.

— Não sei, Tiago! Alguma coisa me ocorre dentro do coração... Como se eu sentisse a falta de alguém!

— Como assim, João?!

Depois de longa pausa, João aditou:

— Desconheço a causa de minha intranquilidade interior, Tiago! Sinto um vazio em nossas vidas, embora todo o respeito que tenho por nossos amados pais!

— Será que... Foi por termos ouvido falar daquele profeta chamado João, que está a atrair multidões, junto ao Rio Jordão?!

— Talvez... Sim, Tiago! João suspirou novamente.

— Talvez... Aquele profeta do Rio Jordão... Seja a porta de abertura para um mundo novo, Tiago!

— E... Se fôssemos ouvi-lo, João?

* * *

Salomé, esposa de Zebedeu, mãe de João e de Tiago, estava entregue aos quefazeres domésticos, quando seus filhos adentraram pela casa.

Ela fitou João, comovendo-se.

— Que tem você, filho? Há alguma sombra em seus olhos!

— Ah! Mãe! — quis justificar-se o jovem. — Seus olhos vêm no fundo de minha alma!

Salomé, sorrindo, considerou:

— Desde seu encontro com Judá, o velho judeu grego, lá em Jerusalém, percebo que você se desinteressou pela pesca... E você como que passou a viver aguardando alguma coisa... que não consigo saber o que seja, meu filho!

Tiago, sorrindo, aditou:

— Você tem razão, mãe! Pensamos até em ir ao Rio Jordão, para ouvir um novo profeta que está a clamar para que nos arrependamos de nossos erros e que palmilhemos caminhos novos, no campo da alma!

Salomé deixou transparecer uma ponta de contrariedade, mas reagindo e procurando compreender seus amorosos filhos, sugeriu:

— Por que vocês não falam com Zebedeu? Afinal... O pai de vocês é compreensivo... E muitas vezes ele me tem dito que gostaria que vocês fossem mais do que pescadores!

— Você... Fala sério, mãe?! — atreveu-se João, já embalado pelas suas mais caras esperanças.

— Claro que sim, filho! Afinal, Zebedeu tem muitos empregados em seus barcos de pesca... E a ausência de vocês, por breve tempo, não nos traria nenhum infortúnio!

Os dois irmãos se entreolharam com clara satisfação e alegria e, de pronto, decidiram-se.

— Falaremos com nosso pai, mãe — assegurou João — e saberemos aceitar o juízo dele sobre o que pretendemos fazer!

Salomé sorriu.

— Fiquem, então, tranquilos... que ele vai concordar com vocês, meus filhos! Saiam, pois, do campo da intranquilidade e busquem mais luz para as suas vidas! João, comovido, beijou as faces de Salomé.

13 - OUVINDO O PROFETA

Margeando o Rio Jordão, encontramos algumas encostas repletas de vegetação, num tom de um verde-escuro bastante forte.

As águas, aqui, correm mansas.

Árvores centenárias como que protegem as margens desse rio, evitando a erosão e, também, criando remansos para os que tomassem embarcações, nas águas plácidas.

O céu, num azul infinito.

Uma multidão se acotovelava.

O jovem João, espelhando doce ternura, junto com Tiago, discretamente se aproxima do Profeta, também chamado João.

Naquele justo instante, aproximam-se do precursor alguns fariseus e, junto deles, vinham também alguns saduceus, homens ricos e de alta posição social entre os sacerdotes judeus.

João, o precursor, ao ver os fariseus e saduceus se aproximarem, ergueu a voz clamando:

— Bando de cobras venenosas! Quem lhes disse que vocês podem fugir dos sofrimentos, pela vida que vocês desfrutam?

Os fariseus e saduceus se espantaram.

— Estamos vindo — protestou um deles, ardentemente — estamos vindo para que você nos inicie, ó Profeta, no caminho de nossa redenção!

João, o precursor, trovejou:

— Saibam que o machado renovador já está pronto para abater as árvores que, em não produzindo bons frutos, serão lançadas ao fogo da necessária renovação!

— Inicie-nos, João — suplicou um outro deles — afinal, somos descendentes de Abraão!

O precursor, olhando-os com alguma compaixão, assegurou-lhes:

— Eu poderei iniciá-los no novo caminho, usando a água como símbolo de purificação, para que, assim, vocês demonstrem que se arrependeram e que estão em busca de uma nova vida.

Tiago, admirado e chocado com a franqueza do precursor, voltando-se a seu irmão cochichou-lhe:

— Duras são as palavras deste profeta, mano!

— Ele sabe bem o que faz — confirmou João.

— E se busca despertar as almas para a verdade eterna, está a acordar aqueles que dormem no sono de seus enganos e que, quando dele despertarem, haverão de sentir-se desencantados com suas próprias falsidades!

Nisso o Profeta se aproxima dos fariseus e saduceus e, após ouvi-los, volta-se à multidão que o cercava, anunciando:

— Eu os inicio em novos caminhos, com água. Mas Aquele que virá após mim, esse é quem poderá iniciá-los no Santo Espírito e com o fogo sagrado da purificação espiritual.

— Então... — ponderou um dos fariseus — após você virá alguém mais importante, para renovar-nos espiritualmente?!

— Sim! — confirmou o precursor. — Após mim virá aquele que é mais decisivo que eu e, em verdade, eu não sou sequer digno de atar-lhe ou carregar-lhe as sandálias.

E, mais inflamado, o precursor anunciou:

— Aquele que virá após mim tem a pá simbólica em suas mãos e Ele separará o trigo da palha e ajuntará o bom trigo, que faz o pão espiritual, guardando-o em seu celeiro e, logo a seguir, queimará a palha e o joio da seara, num fogo renovador que não se apagará jamais.

A noite descia.

O sol, qual disco sereno e esplendoroso, ganhava um tom róseo, com algumas nuvens cinza a emoldurar a paisagem, às margens do Rio Jordão.

* * *

A multidão se dispersara.

— João — falou o irmão de Tiago, dirigindo-se ao Profeta — se você chega primeiro, quem virá após seus passos?

O Profeta sorriu, suspirando e vendo os dois jovens.

— Filhos — esclareceu o precursor — se vocês buscam o Mestre, saibam com segurança que eu apenas lhes preparo o caminho.

— Mas... Há muitos caminhos, João! — contrapôs o irmão de Tiago. — Há muitos caminhos e muitos atalhos e, entre caminhos e atalhos, há muitos abismos de dores e sofrimentos!

João, o precursor, trouxe os dois irmãos para mais junto de seu coração e assegurou-lhes:

— Sim! Há muitos caminhos tortuosos que conduzem a despenhadeiros e ao campo de muitas aflições, meus queridos! Contudo, se nos rendermos às luzes do Cristo, que virá após mim, vocês não se desviarão do caminho do crescimento espiritual e, assim, jamais cairão nos abismos do Mal!

O precursor suspirou.

— Em verdade, queridos, estou a indicar novo caminho, mas o Cristo é quem nele há de colocá-los, desde que vocês tenham fé em seus corações juvenis e saibam se mostrar submissos à Lei do Amor, que nos tutela a caminhada.

O irmão de Tiago estremeceu.

— Você sabe do que lhes falo, João! — afirmou o Profeta.

E João, o irmão de Tiago, diante daquela forte afirmação do Profeta, sentia, no fundo de sua alma que aqueles princípios redentores que o precursor lhes anunciava, um dia já haviam soado dentro de seu coração.

14 - CHAMADOS

Eram as primeiras horas da madrugada.

As sombras da noite, no lago de Genesaré, como que se dissolviam debaixo dos primeiros raios do sol, abrindo espaço para um novo dia.

João, filho de Zebedeu, viu aproximar-se do barco de Simão Pedro um jovem alto, cabelos e barbas a nazareno, túnica alva que parecia refletir a luz do astro-rei.

— Veja, Tiago! — prorrompeu João, interrompendo o conserto da rede de pesca.

— Esse homem é o Cristo, de quem nos falou João, o batista, no Rio Jordão!

— E que faz Ele aqui, mano?!

João, calado e como que magnetizado a contemplar Jesus, viu que o Senhor subiu na barca de Simão.

E, da barca, Jesus falava a todos os que ali estavam:

— Filhos, eis chegado o dia da redenção espiritual. Trago-lhes a Boa Nova, notícias alvissareiras vindas do Mais Alto e que, hoje, convoca-lhes para que se iniciem na tarefa de amor ao próximo, já que somente o amor faz do homem a luz para este mundo!

João parecia nem respirar.

Seu coração, a bater-lhe fortemente no peito juvenil, como que lhe indicava a hora de seu despertamento para consertos mais nobres dentro da vida.

E viu que, quando Jesus acabou de fazer esse anúncio, voltou-se a Simão, ordenando-lhe:

— Faça-se ao mar alto, Simão, e lance a rede para pescar.

João, timidamente, aproximou-se ainda mais e ouviu Simão responder a Jesus:

— Mestre, trabalhamos a noite inteira e não apanhamos peixe algum! Porém, colocando-nos debaixo de sua palavra, lançaremos a rede!

João viu, então, as barcas afastarem-se.

E, ainda perplexo, viu quando elas retornaram com tantos peixes que Simão, em pé, gritava aos que se encontravam na praia:

— Ajudem-nos! Apanhamos tantos peixes que estamos quase a naufragar!

Outros barcos, de pronto, foram a seu encontro.

E João, o filho de Zebedeu, que acompanhava atento os acontecimentos imprevistos, viu que, tão logo os barcos atracaram, Simão se lançou de joelhos na praia, pondo-se diante do Senhor.

— Nada tema, Simão — disse-lhe Jesus, estendendo a sua mão direita sobre a cabeça do admirado pescador de Cafarnaum. — De ora em diante, você será um pescador de homens no mar da vida!

Simão Pedro, submisso, soluçava.

João e Tiago aproximaram-se mais, e o jovem, respeitoso e humilde, conservou-se a alguma distância, ouvindo um sublime diálogo que lhe falava fundo ao coração.

— Simão — dizia Jesus ao pescador de Cafarnaum —, observe que as horas amargas são, em verdade, o tempero da Vida. E, se ainda não soaram as suas horas difíceis, saiba que, no tempo certo, elas virão à sua procura, para quebrar-lhe todas as ilusões e, ao mesmo tempo, despertá-lo para os valores espirituais mais altos.

Simão Pedro sentia suas faces banhadas em lágrimas.

— Remetido ao mar de novas experiências — prosseguiu Jesus, falando a Simão — você irá ao encontro do testemunho necessário, para alcançar, então, suas mais legítimas conquistas espirituais, inovadoras e eternas.

João e Tiago aproximaram-se ainda mais e, logo, para surpresa de ambos, Jesus chamou os dois filhos de Zebedeu:

— E vocês, queridos amigos da Boa Nova, são chamados para que tomem uma nova posição espiritual no círculo da vida, atendendo ao chamamento espiritual que lhes estendo nesta hora!

— E... Por que nos chama, Senhor?! — ousou João indagar-lhe, entre tímido e esperançoso. — Por que nos chama?!

Jesus voltou-se a João, dizendo-lhe:

— Você é chamado, João, para dar testemunho das lições que já apreendeu, reacordando-se nesta nova existência, para demonstrar que você está integrado no campo do Bem!

João, involuntariamente, estremeceu.

— Esta, João — prosseguiu Jesus — não é a sua primeira hora na Doutrina do Amor e da redenção espiritual, pois tenho você em meu coração no infinito dos milénios.

E João e seu irmão Tiago, num irrefreável impulso, deixando o pai Zebedeu na barca em companhia dos empregados, de pronto seguiram os passos do Senhor Jesus.

15 - OS ESCOLHIDOS

Amanheceu em Cafarnaum. O céu anilado prenunciava um dia de rara beleza. A brisa matinal, envolvendo a todos, dava-lhes uma sensação sublimada de bem-estar e, vendo a multidão, Jesus subiu a um monte, próximo do Lago de Genesaré e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos e seguidores.

— Entre vocês — anunciou Jesus — vou escolher doze, e esses doze serão os meus apóstolos, que, ao longo do tempo, deverão vivenciar os princípios da Boa Nova.

E, assim, naquele momento o Senhor convocou para seu apostolado Simão Pedro e André, seu irmão. Chamou também Tiago e João, filhos de Zebedeu. Trouxe Filipe e Bartolomeu e Mateus e Tomé. Igualmente incumbiu das tarefas apostólicas

Tiago, filho de Alfeu, e Simão Zelote e, por último convocou Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes.

Depois, descendo com eles do monte, após a oração matinal, eis que o Senhor parou numa planura junto a outros discípulos e, em meio a uma multidão que viera da Judeia, de Jerusalém, de Tiro e de Sidonia.

O jovem João, silencioso, que tudo observava, avançou na direção do Mestre, indagando-lhe: — Por que nos escolheu, Senhor? Jesus, fitando-o com ternura, esclareceu:

— Vocês, João, meus apóstolos, são o sal da Terra e, bem por isso, deverão representar a palavra do Pai Celestial, para dar o sabor de vida a todos os que desejam crescer espiritualmente.

E, após ligeira pausa, inteirou:

— Vocês deverão ser luz no mundo e, assim, estarão fazendo resplandecer o amor fraternal diante de todos, para que a boa obra que vocês realizem seja a fonte de chamamento de todos para a glorificação celestial.

João, quase mudo, recolhia aquelas palavras em sua alma e, desejando tornar-se mais eficiente, indagou:

— E que devo fazer a bem de todos, Mestre? Como poderei contribuir para o reerguimento de muitos?

Jesus o fitou ternamente, dizendo-lhe a seguir:

— João, se o Evangelho iluminar-lhe o coração, você oferecerá à multidão o pão espiritual da vida. Cuide, porém, em jamais querer subir aos montes do poder, da autoridade, da fortuna ou mesmo da inteligência, já que isso humilhará o povo, e quem sobe a esses montes depois relega os infelizes ao abandono.

João sentiu-se embaraçado.

— Senhor! Tão somente falarei do Evangelho, a boa notícia, que é a salvação de muitos!

— E faça isso mesmo, João! Não tome conhecimento do que lhes ensino, agora, para subjugar os infelizes e nem lhes explore as paixões para delas tirar proveito pessoal.

O jovem apóstolo suspirou contristado.

— Diante da multidão, João, veja apenas a obra que é do Pai e, assim, suba ao monte da compreensão e, a partir daí, passe a doar todas as suas energias para a educação dos sentimentos humanos.

— E que mais devo fazer, Mestre?

— Ajude os simples a pensar, a nascer espiritualmente, a despertar-lhes a consciência da Terra, amparando a todos, para que todos cresçam e se aprimorem, já que essa é a mais legítima e única ação do próprio Evangelho.

O jovem apóstolo ainda inquiriu:

— E que lhes imporei como condições para terem o Reino do Pai no próprio coração?

O Senhor sorriu e, afagando os cabelos de seu amado discípulo, complementou:

— Ajude a todos, João, sem condições. Alongue seus braços para apoiar e redimir os menos felizes, envolvendo-os num clima de tolerância, de fraternidade e de simpatia. Abra-lhes a visão para o caminho reto, já que a obra educativa da multidão carente será o nosso desafio em todos os séculos.

— Será... Que poderei colaborar em tão grande obra, Senhor?!

Jesus, entendendo-lhe a necessária humildade, obtemperou:

— Filho, se o grão de areia não se rebelar contra o vento da adversidade e não agir contra a natureza divina, ele se ajuntará a outros minúsculos para, juntos, erguerem as montanhas que formam os vales da abundância, a serviço dos homens.

E, juntos, seguiram na direção da casa de Simão Pedro.

16 - O MESTRE E O DISCÍPULO

A noite caíra serena.

Uma brisa quente vinha do Lago de Genesaré, envolvendo docemente quase todos os que se encontravam em Cafarnaum.

O céu salpicado de estrelas.

João e Tiago, alcançando à casa de Simão Pedro, sacudiram a areia das sandálias, adentrando aquele lar singelo como amigos e familiares.

Jesus, lá dentro, estava rodeado de seus mais próximos discípulos, ouvindo um a um e transmitindo pacientemente instruções sobre as atividades necessárias para a difusão da Boa Nova.

Numa pausa do Senhor, João indagou:

— Mestre, como ser um bom discípulo seu e, por decorrência, como contribuir para instalar o seu Reino de Luz na Terra?

O Senhor, respeitoso e calmo, informou:

— Para isso, João, basta que o discípulo não queira colocar-se acima do mestre, assim como o servo não deve altear-se acima de seu patrão.

E, após ligeira pausa, inteirou:

— Para o discípulo sincero, bastará que ele seja como o seu mestre e, a cada novo dia, revele-se inteiramente fiel aos princípios espirituais que lhes trago da parte de Nosso Pai Celestial.

João, querendo alcançar novas bases de conduta dentro da Boa Nova, formulou mais longa indagação:

— Se nos fizermos como o Mestre, curando e educando, amparando e abrindo dia novo para os menos felizes, seremos reconhecidos como embaixadores do amor celestial, entre os homens?

Jesus suspirou e, olhos rebrilhando compaixão, advertiu a todos:

— Veja, João, que se a mim que sou o pai desta família espiritual as criaturas equivocadas me apelidaram de "príncipe do mal", como virão a tratar vocês, que são meus familiares?

Espanto em todos e instantes de silêncio e reflexão.

— O que leva os homens a esses enganos, Senhor? — insistia João, visivelmente interessado em recolher mais esclarecimentos.

Jesus, compassivo, procurou satisfazê-lo:

— Os religiosos e nossos discípulos, João, que cultivam predileções e pontos de vista pessoais, sempre terminarão a criar falsas concepções do Evangelho que lhes trago e, com isso, deitarão sombras ao longo de seus próprios caminhos.

João, estimulado, quis saber mais:

— Por que esses religiosos farão isso, Senhor, se a sua doutrina nos convoca para a obra da educação?!

— É que muitos, meu filho, poderão querer usar a doutrina do amor com a finalidade de obter saliência pública para as suas supostas e nascentes virtudes, esquecendo-se de que o Reino de Deus não vem com aparências exteriores.

— E que devemos fazer para agir sem querer estar acima de sua palavra, Mestre? Jesus, após ligeira pausa, informou:

— O obreiro do Evangelho, João, deverá ser um servidor, repletando o mundo de benefícios, sem esperar que os homens lhe dêem destaque. Necessário será que nos convençamos de que estamos na Terra por necessidade de desempenhar atividade proveitosa, a favor do semelhante, e não de que estamos aqui para querer desfrutar vantagens transitórias, já que essas aparentes vantagens só contribuem para anular a nossa capacidade de servir.

Os comentários, então, se generalizaram. E, numa pausa entre os discípulos, Jesus acrescentou:

— É bem por isso, filhos, que adverti de que não vim trazer a paz aos ociosos. Não vim trazer-lhes a paz, mas a espada.

— Que espada é essa, Senhor? — inquiriu João, muito atento a todos os detalhes.

— São os princípios da luta regeneradora, João! E a espada simbólica do conhecimento de nós mesmos, para que cada um empreenda a batalha com as próprias sombras que lhe invadem o coração.

Silêncio quase constrangedor.

— Devemos... Nos combater, Senhor?! — indagou novamente João.

— Cada um — esclareceu Jesus — é chamado a esse combate interior, para alcançar a sua verdadeira redenção espiritual, João, e, também, para que iluminemos o caminho de todos os homens e, por tal razão, não podemos nos entregar, em tempo algum, à contemplação de nós mesmos.

— Essas noções devem ser guardadas em nós mesmos, Senhor?

— Não, João! Isso que lhes digo na intimidade de nossos entendimentos fraternais vocês deverão anunciar por todas as partes e, por isso, o que vocês ouvem agora deverão repassar e doar a todos os menos felizes deste mundo.

17 - TOLERÂNCIA

Cafarnaum estava nutria dessas manhãs preguiçosas.

O sol, ameno, aquecia as ruelas estreitas, despertando alegria em crianças que se entregavam às agitações infantis, num coro de risos inocentes.

João sorriu aos vê-las e, com ternura, afagava algumas daquelas cabecinhas despreocupadas, dirigindo-lhes palavras de ternura, repletadas de brandos convites ao Bem.

— Andemos, mano! — convocou-o seu irmão Tiago. — Se vamos ver nosso pai, antes de buscarmos Jesus nesta manhã, convém que nada nos detenha.

E João, despedindo-se dos petizes, apressou seus passos, colocando-se lado a lado com Tiago. Assim, alcançaram a praia do Lago de Genesaré.

Zebedeu os acolheu em abraços paternais, interrompendo momentaneamente o seu trabalho, enquanto os seus empregados prosseguiam nos consertos e remendos das redes de pescar.

Pai e filhos confraternizaram-se no doce reencontro.

João, de palavra prudente e compassiva, detalhava a seu genitor o que via, diariamente, Jesus fazer em benefício dos infelizes que o buscavam ao longo de todos os caminhos.

Zebedeu, emocionado, lacrimejava, ouvindo João.

— Razão tenho — falou o velho pai — em deixá-los entregues a tarefas redentoras, já que este profeta de Nazaré é consolo e amparo de muitos!

Súbito, Tiago os interrompeu e, apontando uma mulher de cabelos desgrenhados, vestes desalinhas, olhos estranhamente esbugalhados e ausentes, falou a João e Zebedeu:

— Eis uma dementada!

E a mulher, na praia, dirigindo-se aos empregados de Zebedeu, caiu aos pés do velho Abel.

— Ajude-me, Abel! — ela suplicou. — Tenho marido... E filhos... E não posso servi-los... Porque ouço vozes que me perseguem... Que me condenam... Que me amaldiçoam...

O velho Abel, pálido, estremeceu.

A dementada, agarrando-se desesperadamente em sua túnica, prosseguia nas suas súplicas ardentes e caía pela areia, presa fácil de espíritos infelizes.

Abel prostrou-se de joelhos a seu lado e, qual pai extremamente piedoso, colocou-lhe a mão sobre a cabeça, trazendo-a a seu colo, erguendo a sua voz numa súplica comovente:

— Em nome do jovem Nazareno, o Cristo de Deus, ordeno-lhe, ó Espírito das Sombras, deixar esta mulher!

Ela desferiu um grito agudo.

E, soltando-se dos braços de Abel, uivando, rolava pela areia.

João e Tiago — seguidos pelo cauteloso Zebedeu — correram ao encontro do que viam.

— Em nome do Nazareno — confirmava Abel, suplicante — ordeno que você deixe esta mulher!

E a infeliz, repentinamente, desferiu um suspiro profundo e, aquietando-se, abriu os olhos, já mais serenos.

— Onde... Estou?! — ela gaguejou.

— Sob a misericórdia de Deus! — confirmou Abel, que logo se viu cercado por Zebedeu e por seus dois filhos.

— Que faz você? — indagou João. Abel encolheu-se, tímido.

— Expulso desta mulher um espírito infeliz que a trazia debaixo de muitos tormentos, João!

Tiago, de pronto, avançou mais e, num tom de azeda censura, repreendeu Abel, dizendo-lhe:

— Você não é um dos seguidores do Cristo, Abel! E, em assim sendo, como ousa tomar o nome do Senhor para expulsar espíritos das sombras?

— Perdoe-me, Tiago, — respondeu-lhe humilde e timidamente Abel. — é que ao ver esta mulher a braços com tantos sofrimentos... Acreditei ser meu dever aliviá-la, em nome de Jesus!

— Você está proibido de fazer tal coisa, Abel! — afirmou categórico Tiago — Já que você não é um dos que acompanham nosso Mestre!

* * *

Jesus, após o cair do sol, estava assentado entre seus discípulos, quando João, lembrando o acontecimento matinal na praia de Cafarnaum com a cura da mulher dementada, dirigindo-se a Jesus, relatou-lhe o que vira e ouvira e, após ligeira pausa, complementou:

— E assim, Mestre, ao ver alguém que não é um dos seus discípulos tomando o seu nome para expulsar espíritos das sombras, nós o censuramos e proibimos de tornar a fazê-lo!

Jesus fitou os dois irmãos, olhando-os com ternura, e assegurou-lhes:

— João, embora o seu respeitável zelo, recomendo-lhe que você tolere e não censure nem impeça ninguém que, falando em meu nome, leve equilíbrio e libertação aos que sofrem.

Ligeira pausa e espanto intraduzível de João.

— Exercitemos a tolerância, João, já que ninguém pode proporcionar o Bem, em meu nome, sem que receba o amparo do Mais Alto. E, por isso, valerá guardar em seu coração extremamente zeloso que quem não está contra nós, em verdade está por nós.

João, constrangido docemente, baixou a cabeça e ficou a meditar sobre a excelência da tolerância no campo do Bem.

18 - A TRANSFIGURAÇÃO

Debaixo das frondosas árvores que se erguiam ao sopé do Monte Tabor, Jesus dizia a seus discípulos:

— Amados, se algum de vocês quiser seguir meus passos, no desdobramento do Bem a favor de seus semelhantes, convém esquecer os seus próprios caprichos e desejos pessoais e, tomando a cruz do seu passado milenar, siga-me!

— E por que refere-se à "cruz do passado", Senhor? — indagou o jovem João. — Se já estamos a servir consigo... por que referir-se a nossas vidas passadas?! Jesus pousou seus olhos no discípulo amado e, alertando-o e a todos os demais seguidores, assegurou:

— O passado, João, é o seu presente! Todos vocês trazem experiências amargas e outras edificantes, já que vocês acumularam-nas em suas almas. Ignorar o ontem seria mergulhar novamente no campo de erros, reincidindo nos mesmos enganos amargos! E para o justo e necessário crescimento espiritual, cada um de vocês já traz experiências vivas, adquiridas no curso de milênios, a fim de errar menos e acertar mais.

Um grande silêncio entre todos.

Jesus, então, levanta-se e, olhando seus discípulos mais diretos, chama Pedro, João e Tiago.

— Acompanhem-me, vocês três, ao Monte Tabor, onde vamos orar, buscando a inspiração sublime de nosso Pai Celestial.

Um tanto constrangido, por ser tomado à parte, e olhando seus demais companheiros de apostolado, João seguiu, com Tiago e Simão Pedro, os passos do Senhor.

Após tomarem pequena distância, João não se conteve e indagou:

— Senhor! Por que deixamos nossos amigos e companheiros de tarefas para somente Simão Pedro, Tiago e eu lhe fazermos companhia em suas orações no alto do Monte Tabor?

Jesus, compassivo, esclareceu:

— João, convém observar que nem todos compartilham com o mesmo espírito as tarefas de redenção. E, por isso, nem todos eles estão preparados para arcar com responsabilidades maiores.

E, completando, o Senhor aditou:

— Estamos a caminho de um intercâmbio com as Esferas Superiores, João. Assim sendo, não podemos convocar a que nos acompanhem aqueles que ainda não estão preparados devidamente para receber o que lhes causaria deslumbramento e até perturbação.

— Mas... Todos somos bem-intencionados, Senhor! — insistiu João. O Senhor sorriu, diante do jovial discípulo, respondendo-lhe:

— A simples boa intenção, João, não é suficiente para aprendizes e estudiosos. O crescimento espiritual e a privacidade com almas sublimadas pedem uma soma de trabalhos pessoais já realizados, traduzidos em serviço perseverante a favor do próximo, e, também, esse crescimento exige o máximo de educação dos sentimentos.

— Então... O que o Senhor nos vai levar a ver... Poderia ser causa de perturbação a discípulos incipientes?

Jesus, num gesto mudo, confirmou que era assim mesmo.

* * *

João revelava-se emocionado, lacrimejando.

A pequena distância daqueles três discípulos, os espíritos de Moisés e de Elias estavam corporificados, em meio a uma nuvem de luzes, e falavam com Jesus. João, voltando-se aos dois companheiros, disse-lhes:

— Eis que os chamados "mortos" voltam a uma nova vida! E estão conscientes, inteiros, mais vivos do que nunca!

— Sim! — confirmou Simão Pedro, de olhos voltados ao encontro celestial. — E não estamos diante de mortos! Moisés e Elias têm corpo e alma e revelam, assim, que a vida prossegue imperturbável, no Mais Além!

Tiago, atento, pediu silêncio a seus companheiros.

— Ouçamos! — pediu-lhes Tiago.

E, naquele instante, uma voz saía da nuvem radiosa, anunciando:

— Jesus é o meu amado Filho. E, assim, rogo-lhes que vocês lhe dêem ouvidos e atenção.

* * *

João, assim que viu que Jesus estava a sós, uma vez que se haviam distanciados os espíritos de Moisés e de Elias, voltou-se quase aflito, indagando de Jesus:

— Que eram essas nuvens. Senhor?

O Mestre, voltando-se a seus discípulos, assegurou-lhes:

— Jamais vocês devem viver num clima de falsas esperanças, João. Se vocês souberem guardar-se em serenidade e em confiança, diante das revelações do Mais Alto, por certo que vocês descobrirão que em cada momento de contrariedade há ensinamentos da Vida, com o Pai Celestial nos convocando, através de nuvens de esperanças, para que nos ajustemos à Lei do Amor.

E João, que sempre buscava mais sabedoria, indagou:

— E... Que nos acontecerá, se nos ajustarmos à Lei do Amor, Mestre?

Jesus, sereno, informou-lhes:

— Todos os que assim se ajustarem, João, crescerão na direção da Luz do Mais Alto, tal qual a planta tenra que cresce na direção do sol.

* * *

Todos eles desciam do monte.

Jesus, contudo, interrompendo a marcha momentaneamente ao ver o deslumbramento de seus três discípulos, ordenou-lhes:

— A ninguém vocês contem a visão que tiveram. E calem-se sobre esses acontecimentos até o dia em que eu venha a ressurgir dentre os chamados mortos.

João, sem conter-se, estremeceu, protestando:

— Por que fazemos segredo, Mestre?! Acaso não seria grandioso e edificante relatarmos a todos o que testemunhamos no Monte Tabor?!

Paciente, o Mestre esclareceu:

— Tudo tem o seu momento certo, João. Não convém, portanto, cogitar das ocorrências espirituais nobres com aqueles que ainda estão cegos para as claridades divinas, já que as crianças espirituais sempre reagem com um misto de incompreensão e de ironias.

João recolheu-se, pensativo.

— Observe, João, que, se queremos a nossa integração com o Pai Celestial, nem todos aspiram a isso com nobreza de propósitos. Nem todos partilham desse mesmo caminho em que buscamos ajustar-nos.

E, após ligeira pausa, Jesus acrescentou:

— Convém que utilizemos esta experiência sublime de modo ajustado, João. E, sem dela cogitar com os que são simplesmente curiosos ou deslumbrados, procuremos realizá-la, em silêncio, prestando ajuda espiritual aos que nos cercam, mas sempre lhes ensinando na proporção do que possam suportar.

— Mas... Esta foi uma experiência espiritual notável, Mestre — confessou João — e poderíamos transferi-la a muitos outros!

Jesus, então, advertiu-os:

— João, ninguém consegue transferir para outros a sua própria experiência espiritual. E, por isso, sabendo que cada um irá alcançá-la um dia, deixemos, antes, que cada um se realize dentro de seu próprio tempo de maturação espiritual.

E, em silêncio, voltaram ao convívio dos demais discípulos.

19 - HUMILDADE

João estava visivelmente espantado.

E que, ao longo da caminhada, os discípulos de Jesus seguiam em controvérsia ardente, discutindo qual deles seria o primeiro no novo reino que Jesus anunciava.

— Ora — contestou Judas, a uma insinuação de Tomé — entre os primeiros deverei estar, já que o Mestre me confiou a bolsa, de onde saem os recursos para alimentar os pobres e famintos do caminho!

Tiago, filho de Alfeu, opôs-se:

— Se você alimenta os pobres, Judas, fá-lo com o que se arrecada e, nada dando de si, jamais poderá ser um dos primeiros entre os apóstolos da Boa Nova, já que Jesus nos alertou para dar do que somos e não do que detemos!

— E que tem você para dar, Tiago? — prorrompeu Simão, o zelote — Vejo que você ainda sequer se desligou da hipocrisia dos fariseus, a cuja linhagem você pertence!

Simão Pedro, aturdido, deixou-se arrastar pelas divergências, afirmando:

— Se houver candidatos aos primeiros lugares, valerá lembrar que meu lar é, frequentemente, o oásis de repouso de nosso Mestre!

E, no auge das discussões, já as línguas se abeirando de tornarem-se espadas ferinas, Jesus chegou e entre eles se assentou.

Silêncio geral e pesado.

Alguns, contudo, ainda desejosos de saliência junto ao Senhor, queriam pedir-lhe que definisse quais, entre os discípulos, eram os primeiros e os mais destacados lidadores da Boa Nova.

Não se atreviam, contudo, a falar.

O Mestre, que nada ouvira de suas discussões ao longo do caminho, repassou com seus olhos penetrantes um a um daqueles corações que o cercavam, sentindo-lhes a imaturidade.

João estremeceu, ao sentir-se examinado no profundo de sua alma e, por isso, quase desapareceu entre as sombras daquele lar.

— João — chamou-o Jesus — tome esse menino que está a seu lado e traga-o a mim.

O discípulo obedeceu e a dócil criança se deixou conduzir.

— Aqui está ele, Mestre — disse-lhe João, colocando o menino no meio deles.

E Jesus tomou o menino em seus braços. Expectativa geral.

— Vocês vêem este menino? — perguntou o Senhor a seus discípulos. — Vocês estão a vê-lo?

Num movimento de cabeça, todos confirmaram.

— Em o vendo, pois — prosseguiu Jesus — este menino que aqui está, procurem reproduzir em vocês a sua doce inocência, enquanto nesta idade tenra!

E, acariciando os cabelos da criança, que desciam sobre os ombros, o Senhor confirmou:

— Humildes são os que estão tão desprovidos de ambição e saliência quanto este menino! E que, trabalhando na Boa Nova, o que queira aproximar-se deste modelo de humildade faça-se o servo de todos. E que jamais alterque com quem o denigra e nem se agaste se lhe tomarem a própria alma.

Todos se entreolhavam, envergonhados.

— Os que, portanto, se assemelharem a esta criança, revelando doçura e submissão, serão os primeiros ou os maiores no Reino do Pai.

Longa e constrangedora pausa.

— Aquele, pois, que disputa o primeiro lugar será o último, já que em verdade está procurando as suas próprias conveniências, esquecendo-se das necessidades de seus companheiros e dependentes.

Pouco tempo depois, quase todos se retiraram. João, em se vendo a sós com o Senhor, indagou-lhe:

— Quem se revela o primeiro em humildade a seus olhos, Senhor?

Jesus suspirou.

— O primeiro, João, além de ser o servidor de todos, é também o que mais padecerá nas mãos dos homens, por pagar o tributo de ser um vanguardeiro da Luz entre os que se encontram em trevas.

20 - EXPULSOS DE SAMARIA

Jesus, olhar distante, contemplava a paisagem à sua frente, naquela manhã serena, vendo gotículas de orvalho a tremeluzir quais graciosos espelhos de luzes.

João, silencioso, imantava-se àquele coração misericordioso que, dia a dia, os fariseus difamavam, torcendo-lhe os ensinamentos diante dos mais crédulos e, com isso, querendo expulsá-lo do cenário da Terra.

O Senhor voltou-se a esse discípulo muito amado e, ao surpreender-lhe a inquietação, disse-lhe:

— João, precisamos ir a Jerusalém.

O discípulo estremeceu dolorosamente.

— O Senhor... sabe que, em Jerusalém, tramam pela sua prisão e pela sua morte, Mestre! Tudo o que o Senhor faz de bem os fariseus torcem e interpretam como se fora uma obra do próprio Mal!

— Apesar disso, João, não nos devemos deter diante das Sombras e nem com elas duelar, para que a obra do Pai Celestial não se retarde a instalar-se nesta escola de provações redentoras.

João, contristado, mas submisso, baixou a cabeça.

Simão Pedro chegou naquele instante, seguido por seu irmão André e, aproximando-se ambos de Jesus, Simão queria recolher instruções.

— Senhor — falou Simão Pedro — que quer que façamos?

Ligeira pausa e o Mestre determinou:

— Tomem alguns de nossos seguidores, Simão Pedro, e, como meus mensageiros, preparem-nos uma pousada na mais próxima aldeia de Samaria.

* * *

Simão Pedro entrou na hospedaria.

— Jovem — disse Simão ao estalajadeiro — queremos aposentos modestos para vários peregrinos.

Jonas, o estalajadeiro, estremeceu.

— Uma comitiva, companheiros?!

A porta da estalagem, naquele justo momento, pararam alguns samaritanos, examinando as roupas e os modos daqueles discípulos do Senhor, como a estranhar-lhes a presença na aldeia.

— Quem vem hospedar-se em minha estalagem? — indagou Jonas, cauteloso. — E... Para onde essa comitiva se dirige?

— Que importa isso, meu jovem? — prorrompeu Simão Pedro. — Somos homens de bem e de paz!

Um dos espectadores adentrou à cena.

— Ei, Jonas! Estes forasteiros não são da tribo de José, nosso patriarca! E, pelo modo que falam e pelo que vestem, são alguns desses inimigos nossos que irão a Jerusalém!

— Somos irmãos! — protestou Simão Pedro. Outro dos espectadores explodiu:

— Se somos irmãos, por que não irem vocês ao nosso Templo no Monte Corazim? Porventura não é o nosso o Templo de Deus?

— Vocês... Não são dos que servem ao tal Nazareno? — interveio um dos samaritanos.

— E se são, que querem com os de nossa raça?

Naquele momento, Jesus chegou com os outros de seus discípulos e, numa manifestação de repulsa pela sua presença, muitos samaritanos se revoltaram, gritando:

— Fora! Fora com esses estrangeiros!

E, em meio ao tumulto generalizado, os samaritanos daquela aldeia não acolheram Jesus e nem seus discípulos, tão só porque buscavam colocar longe deles os que buscavam a Jerusalém.

* * *

A noite descera.

Jesus, assentado numa ligeira elevação do terreno, estava rodeado por seus discípulos, mantendo-se em absoluta serenidade, tendo por cobertura um turbilhão de estrelas.

João e Tiago, após terem sido testemunhas daqueles acontecimentos antifraternais, aproximaram-se mais de seu Mestre, querendo esclarecimentos sobre as ocorrências.

— Senhor — interpelou-o Tiago, com ares de meia revolta — quer que roguemos ao Céu para que desça um fogo devorador que destrua toda essa aldeia?!

Jesus, enérgico, responde-lhe:

— Tiago! Você está delirando e não sabe o que diz! Não foi para perseguir os confundidos que vim a este mundo! Vim, em nome do Pai Celestial, para salvá-los de seus enganos!

João, sempre muito cauteloso e observador, indagou:

— Como o Senhor vê este acontecimento, Mestre? Como vê estes samaritanos que não nos acolhem e, mais que isso, que nos repelem?

Jesus, sereno, respondeu-lhe:

— Eles não nos negam apenas a sua hospedaria. O mais doloroso é que se negam a receber-nos em seus corações, João, tão só por uma questão de raça. E isso é que lhes perturba o clima de fraternidade legítima.

— Por quanto tempo será assim, Senhor? — indagou João.

Após fitá-lo com ternura, Jesus esclareceu:

— Observe, João, que quando alguém busca a Jerusalém mística, representativa do plano mais alto da espiritualidade, por certo que esse alguém estará se desligando de valores e conceitos falsos da Terra. E, quando assim estiver buscando a sua verdadeira identidade, a sua verdadeira realização espiritual, muitos serão os que não lhes darão guarida em seus corações confundidos. João prosseguia ouvindo, atento.

— São esses — inquiriu João — os que não aceitam os que lutam consigo mesmos para alcançar a regeneração?!

— Você observou corretamente, querido amigo! E, após breve reflexão, Jesus complementou:

— Observe, João, que quando qualquer dos que me seguem abandonam velhos caprichos, partindo ao encontro de mais amplos horizontes da alma, esses seguirão sozinhos, renunciando-se a si mesmos e abraçando-se a dores redentoras que os integrarão ao meu coração.

João afastou-se e, em pé, muito próximo, ficou a meditar.

21 - PREOCUPAÇÕES PATERNAIS

Manhã meio fria e nevoenta em Cafarnaum.

Ainda sonolento, saindo de seu dormitório, o velho Zebedeu viu João sentado em frente de sua casa, silencioso e meditativo.

Hesitou e... Foi ao encontro do filho.

Colocando-lhe a mão sobre o ombro, sentou-se a seu lado, fazendo-lhe companhia.

— Que pensa, filho?

João esboçou ligeiro sorriso.

— Na vida, meu pai! — respondeu-lhe o jovem, cujo coração estava permanentemente voltado a seu Mestre, Jesus. — Penso na excelência da vida e no convite permanente de fazer o Bem.

— Você é tão jovem, meu filho! No entanto, você se interna em preocupações próprias de sábios e de mais velhos! Por que não se entregar às distrações tão próprias de sua juventude?

O jovem, respeitoso, informou:

— Meu pai, não voltei a este mundo para distrair-me! Estou aqui, bem o sei, para desempenhar tarefas mais amplas a favor dos que ignoram o próprio destino!

Zebedeu quase se levantou, espantado, mas, contendo-se, protestou:

— Está vendo?! Você fala como um velho, meu filho! Lembre-se de que um jovem é um jovem, João!

João sorriu quase paternalmente.

— Somos almas, meu pai, que se diferenciam pelas aquisições de experiências, acumuladas ao longo de múltiplas existências e, com isso, embora jovem de idade, não me sinto impulsionado aos ardores de uma juventude física.

— Vai me falar de... Reencarnações?! João sorriu, amigável, aditando:

— Também, Zebedeu! Zebedeu mostrou-se contrariado.

— Voltei ao seu lar, meu pai, como um filho, agradecendo a acolhida generosa que você e mamãe me proporcionaram. Mas, como aspiro crescer espiritualmente, sei que me realizarei trabalhando e lutando, sofrendo e aprendendo, para ter as experiências necessárias para a perfeição da alma!

Zebedeu ficou pensativo.

— Veja, meu pai, que após a educação que vocês me deram a partir de minha infância, preparando-me para a vida, tenho me feito seu colaborador para o bem de toda a nossa família.

Zebedeu concordou e deteve-se a ouvir o filho.

— Sei, meu pai, que em reencarnações anteriores armazenei alguns valores na alma e, por isso, aceitei o chamamento de Jesus, entregando-me de corpo e alma

às tarefas da Boa Nova. E, assim, estou em busca de mais conhecimentos para adquirir a minha liberdade espiritual.

— E... Por que tudo isso, filho?! João, após ligeira pausa, ponderou:

— Ocorre, meu pai, que aceitei a convocação de Jesus para o desempenho de trabalho junto a outras criaturas mergulhadas em difíceis provações. E esse trabalho, em verdade, transformou-se em minha realização pessoal, já que através dele busco tornar-me um cooperador do Pai Celestial. Aprendo, hoje como ontem, a criar situações favoráveis para que nossos irmãos em humanidade cresçam também.

Zebedeu deixava-se comover.

— Assim, meu amado pai, não devo desviar-me do caminho reto, desbaratando meu tempo na preguiça ou na vaidade... Ou nos folguedos da irresponsabilidade.

E, após estudada pausa, inteirou João:

— Se Jesus confia em mim, devo retribuir-lhe a confiança misericordiosa, para que eu me sinta integrado na obra imortal de nosso Divino Criador.

João respirou profundamente.

— Perdoe-me, Zebedeu, se não sei me fazer escravo dos folguedos e dos caprichos da juventude.

Zebedeu escondia lágrimas de comoção.

— Filho — confessou-se a João — não entendo bem tudo o que você me diz. No entanto, respeito e me rejubilo com as suas decisões!

E, abraçando seu filho, Zebedeu afirmou:

— Agradeço a Deus que você seja meu filho!

Salomé, mãe de João, que tudo ouvira dentro de sua casa ao lado de seu filho Tiago, estava também comovida e em santas lágrimas de amor e gratidão.

22 - A MÃE DE JOÃO

A aldeia de Betânia é próxima de Jerusalém.

Quando, pois, Jesus fez com que Lázaro ressurgisse para a vida, retirando-o do sepulcro, a notícia espalhou-se com a velocidade de fortes ventos, transformando-se num escândalo entre os fariseus.

Sabendo o Senhor que, com esse ato de extrema misericórdia, crescera o ódio dos sacerdotes contra Ele, convocou seus doze discípulos e prontamente foi atendido. — Que quer de nós, Mestre? — indagou João, tão logo seus companheiros de discipulado atenderam ao chamamento do Senhor.

Jesus examinou os doze.

Fitando-os, um a um, como a transmitir-lhes uma energia sublime, falou-lhes num tom absolutamente resignado:

— Já lhes anunciei que, em breve, serei entregue aos principais sacerdotes do Templo de Jerusalém e por eles serei julgado e condenado à morte.

João estremeceu, na repetição desse anúncio.

— Assim — prosseguiu Jesus — antes que esses fatos se realizem, devo repassar-lhes as derradeiras instruções, para que a ação do Evangelho prossiga, até a redenção de todos os homens.

Ligeira pausa e Jesus completou:

— Vamos retirar-nos para a cidade de Efrém.

* * *

Vê-se, daqui, o deserto de Judá.

O chão de areia grossa e de pedras ásperas é o caminho até Efrém, onde vemos casas rústicas que se erguem sobre o morro, com alguma escassa vegetação nas ruas e quintais.

Jesus e seus discípulos entram na singela moradia.

João mostra-se contristado.

Jesus, sentando-se ao lado do discípulo amado, dirige-lhe palavras de conforto e ânimo.

— O sacrifício é necessário, João, quando nos empenhamos no trabalho da Luz.

— Mas... Mestre!

— Ajuste o seu coração, João, aos desígnios divinos! É preciso compreendermos que os que hoje se fazem obreiros do mal no futuro se erguerão para a expansão do Bem, sob o amparo misericordioso do Pai Celestial.

Jesus suspirou, humilde.

— O bom lavrador, de terras selvagens, meu amigo, quando em contato com o solo primitivo e áspero, há de regar a terra com o seu suor. De suas mãos, calejadas, verterá sangue, para que realize a obra da fertilização necessária.

Ligeira pausa e complementou:

— Se estamos, portanto, no amanho dos corações, João, temos que suportar a presença das serpentes e revolver o interior das almas, com a mesma dedicação do lavrador humano, a fim de trazer todos para o reinado do amor.

O discípulo ficou pensativo.

* * *

Salomé e Zebedeu, pais de João e Tiago, alcançaram a casa singela, em Efrém, onde o Mestre passara a residir com seus discípulos.

Tiago, ao vê-los chegar, foi recebê-los com ternura filial.

— Entrem, queridos pais de nosso coração!

E, diante de Jesus, Zebedeu e Salomé se renderam de joelhos, à vista de seus discípulos e, antes mesmo que o Mestre lhes mandasse levantar-se, eis que Salomé, num tom de súplica, exclama:

— Senhor, diga a estes meus dois filhos, João e Tiago, que um se assente à sua direita e o outro à sua esquerda, no seu Reino Divino!

Criou-se um espanto geral entre todos os demais discípulos.

— Que pretensão é esta?! — prorrompeu Tiago, filho de Alfeu.

E o próprio João, colhido de surpresa com aquele pedido de sua mãe Salomé, calou-se constrangido, deixando tudo entregue ao coração compreensivo de seu Mestre.

Jesus, apiedado diante da súplica desses pais, respondeu-lhes:

— Vocês não sabem o que pedem, Zebedeu e Salomé, embora eu respeite a inocência de seus corações amigos e generosos.

O Mestre fê-los levantar-se.

— Salomé, querida e admirável mãe! — disse--lhe Jesus. — Saiba que todos aqueles que se interessam pelo seu próprio destino, qual ocorre com seus filhos, deverão tomar a posição de quem busca novos conhecimentos, acima de qualquer aspiração de saliência. Cabe-lhes, então, renovar seus valores pessoais, bem utilizando todas as oportunidades que a Espiritualidade Superior lhes proporciona ao longo de seus caminhos.

João, vencendo o próprio constrangimento, compreendendo a profundidade dos princípios enunciados por Jesus, indagou:

— Que deve fazer o discípulo sincero, Senhor?

— Cabe a esse aprendiz, João, lutar consigo próprio para conquistar o dom da fraternidade legítima. E, a seguir, deve ele batalhar para alcançar o amor que edifica, ajustando-se, com humildade, aos princípios da Boa Nova que lhes trago.

— Mas, Senhor! — protestou Salomé com veemência. — Meus filhos amam e são sempre justos com todos e, por isso, por que não posso pedir-lhe que lhes dê um lugar de destaque em seu Reino?

Jesus sorriu contristado.

— Salomé, não se comporte como mera pedinte da graça celestial. Saiba que o esforço de renovação, numa luta diária, é uma necessidade de todos os que buscam o Reino dos Céus. E, se insistirem esses discípulos em muitas rogativas disparatadas, eles poderão colher dores e desastres, notadamente se se mostrarem sem compreensão diante dos deveres que devem realizar.

E, afogando os cabelos brancos de Salomé, Jesus considerou:

— Antes que qualquer um de nós se transforme em pedinchões da graça divina, devemos fazer da prece um esforço de interpretação da vontade do Pai Celestial sobre si próprio.

Jesus, profundamente apiedado, ainda informou:

— Se o aprendiz não consultar o Pai Celestial sobre o que convém fazer, por certo que avançará por caminhos indevidos, atirando-se a braços de situações que não lhe competem.

Salomé estampou desencanto em sua fisionomia.

— Além disso, Salomé, o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo a ninguém. É uma situação, doce mãe, que somente o Pai Celestial concede a quem está preparado.

Zebedeu sentiu-se constrangido, dentro do silêncio geral.

23 - INDIGNAÇÃO

Salomé e Zebedeu abraçaram-se a Tiago, seu filho, num tom de saudade antecipada diante da despedida.

— Vamos voltar a nosso lar, filho! Tiago sorriu amoroso.

— Ficarei com João, meu pai. Vou procurar servir à causa do Evangelho com profunda dedicação, já que sei que vocês são compreensivos e tolerantes.

— Cuide-se, filho meu! — recomendou Salomé, afagando os cabelos de Tiago, num gesto de maternidade, e complementando: — Pressinto que vocês dois enfrentarão muitas tempestades de incompreensão!

Tiago procurou confortá-la:

— Siga em paz, mamãe!

E João, respeitoso, colocou-se entre os seus já idosos pais, acompanhando-os enquanto se retiravam da casa de Efrém, levando-os até o caminho que os conduziria a Cafarnaum.

— Aqui estamos, meus pais! — destacou João, mostrando-lhes a estrada de retorno. — Fico com Jesus, que é o pão celestial de minha vida, mas os abrigo em minha alma com gratidão profunda.

Salomé estava com os olhos marejados.

— Deus o ampare, filho — disse Salomé e inteirou: — Rogo que vocês me perdoem pelo pedido que fiz a seu Mestre! É que, como mãe, eu quis interceder a favor de você e de Tiago!

João sorriu, abraçando-os ternamente.

— Você, minha mãe, como tantas outras o fariam, deixou que o seu coração falasse acima da razão. Mas, conhecendo a origem de seu impulso amoroso, quando só pensou nestes seus filhos, esqueceu-se dos filhos de todas as outras mães!

— Censura-me, filho?!

— Não, minha mãe! Eu a amei ainda com mais gratidão.

Salomé protestou:

— Pois ainda acho que Jesus deveria ter me atendido!

— E o Mestre a atendeu, sim, minha mãe! É que, como bom pastor de ovelhas, advertiu-me de que devo ser cauteloso, a fim de não me deixar assaltar e nem me confundir pela vaidade, procurando os primeiros lugares no Reino Celestial.

Zebedeu, paciente, obtemperou:

— Seu Mestre conta com você, João, assim como eu conto com a fidelidade de meus empregados para realizar o melhor na pescaria no Lago de Genesaré! E o que vi, em Efrém, me convenceu de que você é também um filho do Altíssimo e que os céus nos deram a glória de tê-los em nosso lar.

Os dois se afastaram.

João, a contemplá-los naquele cair do sol, permaneceu acenando em despedidas, sentindo-se o mais feliz dos homens da Terra.

E quando os dois contornaram a estrada que serpenteava pelo deserto árido, desaparecendo de suas vistas, João retornou à moradia em Efrém.

* * *

João voltou e, desagradavelmente surpreso, encontrou-se com os outros dez discípulos de Jesus em clima de indignação e quase revolta.

— Pedido absurdo, o de sua mãe! — logo bradou Tiago de Alfeu. — Não se conquista tão fácil, com uma súplica materna, o governo do Mais Alto.

João ouviu calado.

Jesus, contudo, chamou todos os seus discípulos e, aos vê-los à sua volta, ponderou:

— Amigos, extraíamos do pedido de Salomé a essência de uma nobre e inesquecível lição, no campo da Boa Nova, a que todos vocês se propõem a servir.

Criou-se um silêncio respeitoso. Jesus, então, ponderou:

— Vocês sabem que os homens que são considerados governadores dos povos trazem as multidões sob o seu domínio e, sobre elas, exercem autoridade absoluta, fazendo do povo o que lhes apraz.

Ligeira pausa e prosseguiu:

— Mas entre vocês não será assim. Viemos fundar um novo Reino e, por isso, vocês deverão agir como servidores, tomando uma posição de humildade que, quase sempre, lhes chegará através de lutas amargas. E, só então, nessa posição de servidores, vocês compreenderão que o amor e o trabalho são oportunidades celestiais que lhes inovarão o caminho espiritual.

Todos ouviam atentos e alguns se sentiam incomodados.

— Lembrem-se — prosseguiu o Mestre — de que não vim à Terra para ser servido. Aqui estou para servir e vocês também.

— Senhor — indagou humildemente João. — No que reconheceremos estar ajustados a seu programa de redenção?

O Mestre, após repassar seu doce olhar por todos, qual diligente pai de família, esclareceu:

— João, quanto o discípulo estiver dentro do clima de serviço, doando-se a favor de seu próximo, sem nada dele exigir, por certo que o aprendiz estará se ajustando ao programa divino.

Ligeira pausa e prosseguiu:

— Vocês são herdeiros da Terra e, por isso, o Pai Celestial aguarda que vocês se ajustem ao serviço de redenção, com esforço digno, para que alcancem a ciência da vida. Entreguem-se, portanto, incansavelmente ao trabalho que lhes toca,

doando cooperação necessária, para alcançar o espírito da renúncia, a fim de que cheguem à santidade.

E, após ligeira pausa, inteirou:

— Estejam vocês onde estiverem, servindo sempre na edificação moral de seus companheiros de caminhada, demonstrem fidelidade ao Pai Celestial nos momentos calmos e, também, nas crises tempestuosas de suas vidas.

— E onde chegaremos, se tudo isso fizermos, Mestre? — inquiriu João.

— Vocês evoluirão, amados meus. Jesus, para reforçar, ainda aditou:

— A própria natureza nos revela que a semente do trigo, em se confiando à cova escura e úmida, transforma-se no pão que serve à mesa da família. Vejam, portanto, que quem serve cresce na direção do Mais Alto, descobrindo sempre recursos guardados em sua própria alma e, com isso, habilita-se a descobrir sempre recursos novos, já que sempre há mais alegria em servir do que em ser servido.

Lá fora, a noite era serena.

João, saindo ao encontro da abóbada celestial, qual se fora um pássaro cativo, ergueu seus olhos à imensidão do espaço e, voltando-se para dentro de si mesmo, considerou:

— Ó Pai Celestial! Faça-me um servidor da humanidade, subordinando-me às luzes de seu Filho Amado!

24 - PRÓXIMO DE SAMARIA

O solo, aqui, é rústico.

A vegetação rasteira, recobrando pedras, junto a uma aldeia de Samaria, tem a seu fundo o Monte Corazim, onde se encontra o poço de Jacó.

João, retornando antes que os demais discípulos, aproximou-se do Mestre mansamente ao vê-lo dialogando com uma mulher samaritana à beira do poço. — Nossos pais — assegurava-lhe a samaritana — adoraram a Deus sobre este monte, Senhor! E você me diz que Jerusalém é o lugar justo para fazer o culto ao Criador?!

Jesus, paciente, informou:

— Não, filha! Estou a dizer-lhe que é chegada a hora, para todos, em que nem neste monte e nem em Jerusalém deveremos servir ao Pai Celestial ou deveremos adorá-lo.

— Não entendo você, profeta!

— Deus é espírito, filha! Ele deve, por isso, ser adorado no íntimo de nossa consciência, onde estivermos e como somos.

João postou-se, humilde, ao lado de ambos, surpreso diante dos novos ensinamentos que ali acolhia.

— E... Os templos, Senhor?! — quase protestou a samaritana. — Temos o de Jerusalém e o de Corazim! Não será num deles ou em ambos que prestaremos culto ao Pai Celestial?!

Jesus, voltando-se também para João, alertou-os:

— Filhos, façam de seu coração o verdadeiro templo divino e, no profundo de suas almas, sirvam aos desígnios do Pai Celestial, já que estamos no Criador e o Criador está em vocês.

A samaritana, tocada em seu coração, deixou o cântaro junto ao poço de Jacó, correndo para a aldeia em que vivia, anunciando pelas ruas:

— Venham ver o Profeta que, sem me conhecer, disse tudo o que tenho feito! Quem sabe se não é Ele o Cristo que todos aguardamos com incontida ansiedade! Muitos, então, seguiram-na, saindo da cidade e vindo a ter com o Mestre, entre curiosos e esperançosos pelo que ouviam da samaritana.

João, em meditação, via a movimentação incomum e, antes que a multidão os envolvesse, indagou:

— Mestre, do que me foi dado ouvir, o Senhor não dá tanta importância aos templos de pedra, erguidos pelo homem, mas enaltece o altar da própria alma!

Jesus suspirou e respondeu:

— Essa é a verdade, a ser consagrada nos milénios futuros, João, quando cada homem será o sacerdote de seu próprio coração.

— E... A Judeia, Senhor?!

— A Judeia, João, e toda Jerusalém, é a representação simbólica do clima da Espiritualidade Superior. E, em me referindo a elas, em verdade falo daquilo que deveria ser e que, por influência humana transitória, ainda não o é.

— E se o Senhor falar sem alegorias? Isso não contribuiria para a mais rápida expansão da Luz que nos traz?

Jesus, sereno, ponderou:

— Nem tudo convém falar agora, João. Cada revelação tem o seu tempo próprio. No futuro, contudo, depois de voltar ao Reino de meu Pai, reunirei os Espíritos que comigo colaboram desde o princípio deste mundo, para restabelecer a verdade religiosa e corrigir os desvios que, como joio semeado pelas Sombras, terão nascido ao pé do trigo verdadeiro.

João mostrava-se espantado.

— Uma... Outra revelação, Senhor? Uma outra Boa Nova?!

— Não, meu querido e fiel amigo! Não será uma outra Boa Nova, mas simplesmente será a revivescência da doutrina que deixarei a esta Humanidade e que os falsos sacerdotes de todos os tempos terão pervertido.

— Do que o Senhor fala?

— João, mais tarde você anotarà em páginas destinadas à posteridade, que lhe anunciei um outro Consolador. E esse Consolador, que desde já lhe prometo, irá manifestar-se por todas as partes através de medianeiros que me consagrarão as suas vidas e que estarão, sempre, entre a Terra e os Céus!

A multidão, agitada, aproximava-se.

Chegavam doentes do corpo, entre esses, e mutilados da alma, em busca da misericórdia que lhes adviria das mãos santificadas de Jesus.

25 - ALIMENTO DO ESPÍRITO

Era uma longa e suave tarde.

O sol, num céu sem nuvens, declinava no poente.

A multidão que viera da cidadezinha de Samaria, acotovelava-se em torno de Jesus, mas alguns, entre eles, revelavam-se em clima de dúvida e outros de ironia, enquanto que os enfermos se reajustavam, ganhando vida nova sob as bênçãos do Senhor.

João, solícito, desdobrava-se, transmitindo notícias do Novo Reino que o seu Mestre viera instalar a favor de toda a Humanidade, despertando os corações para uma vida renovada.

Os demais discípulos, que tinham ido à cidade comprar alimentos, já estavam de retorno.

— Vejam! — alertou-os Mateus. — O nosso Mestre atende, com solicitude, aos samaritanos que, um dia, nos rejeitaram a presença em sua aldeia!

Apressando os passos, os discípulos se aproximaram e, assim como fazia João, passaram a dar notícias da Boa Nova aos sofredores que ali se encontravam, ansiosos por serem socorridos pelas mãos misericordiosas do Senhor.

* * *

Já os derradeiros doentes se retiravam, refeitos em sua saúde.

Muitos, entre aqueles samaritanos, formavam pequenos grupos que, em retornando a seus lares, em clima de gratidão e de novas esperanças, trocavam impressões entre si sobre o Profeta do amor.

Simão Pedro, na pausa daquela hora, adiantou-se e, em se aproximando do Senhor, informou:

— Senhor, trouxe alimentos!

— É hora de comer, Mestre — sugeriu Tomé — já que estamos com o dia a findar-se!

Jesus, contudo, em se dirigindo a João, para espanto de todos eles assegurou:

— O que verdadeiramente me alimenta é fazer eu a vontade daquele que me enviou para trazer-lhes a Boa Nova e, também, sinto-me nutrido por realizar a obra que me foi confiada pelo Pai Celestial.

João, entre surpreso e sedento de luzes, indagou:

— E essa obra não é nossa também, Senhor?

Jesus confirmou, num gesto mudo e, em seguida, aditou:

— Sim, João! Essa mesma obra deveria ser de todos. Contudo, muitos dos que alegam entregar-se à vontade do Criador, diante dos desafios da própria vida se fazem filhos da preguiça e do desânimo.

— E por que isso, Mestre? — interveio João. — Os que se fazem filhos da preguiça e do desânimo serão os que não estão amadurecidos para as tarefas redentoras?

O Mestre, olhando para todos os seus discípulos, esclareceu-os:

— Não que lhes falte maturidade, João. Sobra-lhes, porém, imprevidência e, por assim serem imprevidentes, nada providenciam a tempo justo, ocupando seu tempo a criar castelos de sonhos.

E, após ligeira pausa, Jesus inteirou:

— No transcorrer dos séculos, João, muitos desses que criam castelos de sonhos impensadamente estarão colaborando para a vitória passageira das Sombras. Mas asseguram, quais caprichosas crianças espirituais, que tudo fazem de acordo com a vontade do Pai Celestial.

— E... O que lhes falta, Mestre?

— Falta-lhes, João, que se dediquem a um programa elevado, para que as suas esperanças não se tornem um projeto falido. Para isso, é necessário que o obreiro do Evangelho abandone os programas de gosto pessoal, para que realize no campo da Boa Nova a tarefa que lhe compete e que lhe foi confiada.

João, após alguns momentos de silêncio, considerou:

— O Senhor convoca, assim, Mestre, a que cada um procure conhecer-se a si mesmo, já que não nos é produtivo estarmos a nos referir à vontade do Pai Celestial a cada instante e, ao mesmo tempo, permanecemos alheios e distantes do trabalho que nos compete materializar na Terra.

Jesus, ao ouvi-lo, complementou:

— Quem trabalha em silêncio, amparando aos desvalidos de pão e de luzes, será aquele que realmente se alimenta espiritualmente, cumprindo o que lhe toca fazer, já que o Pai sempre faz a sua parte, enquanto os discípulos ou seguidores mergulham na penumbra de suas medianas realizações espirituais.

A claridade solar se espalhava pelos campos.

26 - FRUTOS DA VIDA

O céu estava respingado de cores.

O sol, no poente, dava tons róseos e serenos às nuvens que se acumulavam no horizonte, nesse final de dia.

Assentados, em torno do Mestre, com o Monte Corazim explodindo num verde forte diante de seus olhos, João interrompeu o brando silêncio que induzia à meditação, falando:

— Se fazemos a sementeira do Evangelho, Senhor, quando se fará a colheita do amor na Terra?

Jesus sorriu, dizendo-lhes:

— Levantem seus olhos e vejam as terras do coração que já estão brancas para a ceifa, João!

— Não entendo, Senhor!

— Digo-lhe, João, quando falamos em colheita do amor, que nessa hora é preciso aprender a ver o Mais Além. E, também nessa hora em que o discípulo aspira pela colheita do amor que se semeou nos corações, o discípulo deve buscar valores mais altos, atendendo às suas próprias necessidades espirituais.

João mostrava-se atento.

— Para a colheita, na hora justa, meu querido amigo, as esferas superiores aguardam que cada um conquiste valiosos conhecimentos, já que a felicidade é uma certeza divina.

O apóstolo estava perplexo.

— Observe, João, que se o discípulo não souber levantar seus olhos acima dos bens da Terra, burilando sentimentos e santificando os seus pensamentos, ele não estará em condições de ceifar, já que se encontra desprovido de fé.

— E... Se o discípulo perder a hora justa da colheita?

O Mestre, sereno, advertiu:

— Quem perde a hora justa de servir a seu semelhante deve cuidar-se para não se deixar apodrecer no abandono de si mesmo.

Outros discípulos se acercaram e Tiago, irmão de João, interessado nas lições da hora, indagou de Jesus:

— E que acontecerá a quem se abandona... e que perder a hora da colheita, Senhor?

— Quem está na Seara da Luz — ponderou Jesus, compenetrado — e não sabe ser previdente, conhecendo o tempo de plantar e o tempo de colher, por certo que se fará um colecionador de fracassos, de desenganos e de profundas tristezas e frustrações.

— Mas... Conhecer o tempo justo... É mergulhar em incertezas, Mestre — contrapôs Tiago, acendendo as discussões sadias da hora.

Jesus sorriu e, fitando novamente João, como se quisesse fazer despertar nesse seu discípulo as suas experiências de vidas passadas, falou:

— Você, João, já viu um campo de trigo?

— Por certo que sim, Mestre!

— Então você terá observado que o trigo tem as suas raízes aprisionadas ao solo. Seus ramos, contudo, avançam sempre na direção da luz do sol. E, por isso, o trigo repleta de seus frutos a mesa dos pais de família, levando-lhes vida e esperanças.

Silêncio geral e alguma ansiedade sobre o que se seguiria.

O Senhor, erguendo-se contra o horizonte, onde os derradeiros raios do sol prenunciavam o breve anoitecer, conclamou a todos:

— Deitem as sementes do amor no solo dos corações que buscam a vida nova.

Mas mantenham, cada um de vocês que me seguem, os seus pensamentos nobres voltados às claridades espirituais e, então, vocês e todos os que nos sucederão participarão da colheita do amor divino.

Algumas aves, tardias em buscar seus ninhos, voejaram sobre os discípulos, recolhendo-se nas árvores do Monte Corazim.

E Jesus, então, tomou o rumo de Jerusalém.

27 - NA ÚLTIMA CEIA

Estamos nas ruas de Jerusalém.

A cidade fervilha de peregrinos e de caravaneiros que a buscam para a comemoração da Páscoa, a maior festa entre os hebreus, quando se louva a Deus pela libertação do jugo dos egípcios, após tão longos séculos de servidão.

Naquela casa do arrabalde, distante do burburinho e das músicas e danças dos que chegavam para as comemorações, Jesus se recolhera com os seus discípulos em tranquilo cenáculo.

João, compenetrado, a tudo observava, guardando as cenas em seu coração amoroso, quando o Mestre levantou-se, anunciando:

— Amigos, está próxima a minha hora. Deverei dentro em breve, passar deste mundo para o do Pai Celestial, de quem sou mensageiro de sua doutrina.

A seguir, saindo o Mestre do lugar à mesa que lhe destinaram e tomando uma toalha, colocou-a em torno de sua cintura, num gesto característico dos serviçais quando iam atender aos seus senhores.

Calmo, seguro, deitou água numa bacia e passou a lavar os pés dos seus discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido.

João sentiu-se profundamente comovido, compreendendo de imediato que o Senhor estava a ensiná-los a lição da extrema humildade e, por isso, acompanhava cada gesto de seu Mestre com respeito e admiração.

Aproximando-se de Simão Pedro, Jesus colocou a bacia de água junto dos pés daquele seu discípulo e Simão Pedro, impetuoso, explodiu:

— Não! Isso não, Mestre! O Senhor, justamente o Senhor, a querer me lavar os pés, qual se fosse um mero serviçal?! Jamais permitirei que o faça!

Jesus, sereno e enérgico, advertiu-o:

— O que faço agora, Simão Pedro, você compreenderá num futuro muito próximo, quando eu já tenha voltado ao Reino de meu Pai.

O pescador de Cafarnaum silenciou a contragosto.

E Jesus, então, lavou-lhe os pés. João, próximo do Mestre, indagou:

— Senhor, por que, em sendo nosso Mestre e Senhor, persiste em lavar-nos os pés, descendo à condição de humílimo servidor de todos nós?

Jesus, após ligeiro silêncio, ergueu seus olhos na direção de João, esclarecendo a todos os que o ouviam:

— João, meu discípulo amado, o que faço agora é uma advertência séria e necessária. Para todos os meus seguidores, que devem pisar em novos caminhos espirituais, faz-se necessário que eles limpem os próprios pés, retirando o pó de seus descaminhos e veredas tortuosas do passado.

Ligeira pausa e, diante do silêncio de todos, completou:

— Quem aspire a marchar nas sendas da evolução, repletando-se das responsabilidades naturais que o Evangelho lhe impõe, há de ser limpo do pó do ontem, para desembaraçar-se das coisas mortas e alcançar horizontes de Luz. Jesus retomou a sua posição vertical e voltou à mesa.

Alvo de todas as atenções, ponderou em palavras brandas:

— Observem que, sendo eu o Senhor e Mestre, como vocês mesmos dizem, lavei-lhes os pés, para colocá-los limpos e renovados em novo caminho. E, como lhes dei este exemplo, façam vocês o mesmo, em benefício de todos aqueles que venham a aspirar renovar-se com as claridades da Boa Nova que lhes deixo, já que vocês são servos e o servo não é maior que o seu Senhor.

João, vencendo a inibição momentânea, afirmou:

— Nós sabemos disso, Mestre!

Jesus, então, examinando cada um de seus discípulos, assegurou:

— Se vocês sabem estas coisas, reconhecendo as suas obrigações fraternais, bem-aventurados vocês serão se as realizarem sempre, João.

Simão Pedro, já recomposto, aventurou-se a indagar:

— O que significa isso, Senhor?

O Mestre, pausadamente, esclareceu:

— Noções do Bem, Simão Pedro, todos recebem nas mais diversas escolas do coração. Contudo, o homem tem encontrado e encontrará muitas vezes, nas seitas religiosas, aqueles que apenas se referem ao caminho espiritual, indicando-o a todos para segui-lo.

— E isso não basta, Mestre? — indagou João.

— Não, João! Isso só não basta! Se queremos ajudar o homem que busca vida nova, faz-se indispensável que os amigos da Boa Nova exemplifiquem o que apregoam, através de todos os sacrifícios que lhes sejam impostos.

Silêncio e atenção redobrada de todos.

— O seguidor do Evangelho — continuou o Senhor — há de agir com o trabalho que o enriquecerá de experiências, já que somente quando o servidor realiza os ensinamentos do Mais Alto é que o aprendiz entra no clima da bem-aventurança.

— Em resumo... — pediu João.

— Em resumo, João — inteirou o Mestre — a regra de todo servidor da Boa Nova é que quem sabe deve fazer.

— Fazer o que já sabe corresponde a entesourar sabedoria e ganhar mais capacidade de realização, Senhor?

— Diz bem você, João: entesourar! Em verdade, somente aquele que guarda em seu coração os tesouros espirituais que o Pai Celestial distribui para todos faz-se rico de virtudes e passa a ser o servo de todos, libertando-os de seus equívocos.

28 - TRAIÇÃO

Jesus sentou-se à mesa, entre seus discípulos.

João, que estava ao seu lado, pressentiu que o Mestre guardava um desconforto íntimo, qual se o seu divino coração chorasse por alguém que lhe fosse particularmente muito amado.

O discípulo, sem conter-se indagou, discreto:

— Por que chora em seu coração. Mestre?

Os discípulos mais próximos, que ouviram a indagação de João, postaram-se atentos, já que todos eles reconheciam que o Mestre se angustiava por alguma coisa.

Jesus, sereno, sem nenhuma amargura, respondeu:

— Sinto-me comovido por aquele que logo me trairá.

Os discípulos olharam uns para os outros, como querendo descobrir qual, entre eles, seria o traidor.

Simão Pedro, após estremecer de tristeza ao saber que entre eles um entregaria Jesus aos sacerdotes e aos gentios, fez um sinal a João e lhe disse, em baixa voz:

— Pergunte ao Mestre a quem ele se refere! João, incontinenti e discreto, indagou ao Senhor:

— Quem entre nós é o traidor, Mestre?!

O Mestre, deixando transparecer um brilho de piedade em seus olhos, informou:

— O traidor, João, é quem comigo partilha o mesmo prato.

E Jesus voltando-se para Judas Iscariotes, disse-lhe em baixa voz:

— O que você pretende fazer, faça-o depressa, amigo.

Judas levantou-se incontinenti e saiu do cenáculo, avançando na direção da noite lá fora, e, confundido em si mesmo, tomou o rumo do Templo de Jerusalém, onde se sabia aguardado com ansiedade.

* * *

Os discípulos, julgando que Judas saíra para comprar mais alimentos, restabeleceram a conversação proveitosa, permutando experiências entre si, no propósito de bem se ajustarem à obra da Boa Nova.

O Mestre, que os conhecia no interior de suas almas, erguendo a mão direita para que houvesse atenção e silêncio naquela hora, anunciou:

— Filhinhos, um novo mandamento lhes deixo: Que vocês se amem uns aos outros, como sempre os amei.

Aquele anúncio produziu um impacto.

João, reconhecendo a profundidade daquela nova ordem expedida pelo Mestre, não se conteve e inquiriu:

— Não é seu mandamento, Senhor, que amemos ao próximo como a nós mesmos, como já nos anunciou anteriormente, dizendo que nesse princípio se

resumiam toda a Lei e todos os Profetas? E, se é verdadeiro aquele seu mandamento, que significa essa sua nova ordenação?

Jesus, manso e humilde, respondeu:

— É dever de cada um dos servidores da Boa Nova amar a seu próximo como ama a si mesmo, sem aguardar que o próximo compreenda esse seu gesto de amparo misericordioso.

— Então, Senhor... — ia interrompendo o discípulo amado, quando o Mestre se antecipou e esclareceu:

— Digo-lhes, porém, que se amar ao próximo é um dever dos que comungam a Boa Nova, vocês devem consagrar ainda este outro mandamento que lhes dou: Vocês, que são meus discípulos e seguidores, amem uns aos outros, tanto quanto eu os amo, a fim de que nasça a solidariedade entre vocês e para que, então, cresça a confiança mútua em seus corações, para que vocês entendam uns aos outros.

Tiago, irmão de João, perguntou:

— A que nos levará esse novo mandamento, Mestre?

— O amor mútuo que vocês cultivarem entre vocês, Tiago, levará a que vocês se amparem uns aos outros nos momentos das inevitáveis crises espirituais. E, ainda, esse amor mútuo fará crescer a fé em suas almas, toda vez que vocês estiverem em serviço que se realize segundo a vontade do Pai Celestial e não segundo as inclinações pessoais de cada um.

João, inquieto, quis saber mais.

— Neste caso, Mestre — falou o discípulo amado — a que mais nos levará esse amor recíproco?

— Nas tarefas que vocês serão levados a abraçar, João, o amor recíproco lhes permitirá reconhecer e aceitar todos os sacrifícios, trazendo-lhes a claridade do Bem genuíno e a luz da gratidão pela oportunidade de vida nova.

Ligeira pausa e o Mestre inteirou:

— Os discípulos do futuro, João, por sua vez se imantarão através do amor recíproco e descobrirão que só nesse amor é que a Boa Nova de que sejam portadores atingirá o santuário de seus corações.

Ouvia-se o silêncio no cenáculo.

O Mestre, como que nimado por luzes do Mais Alto, parecia resplandecer entre aqueles seus filhos do coração.

João trazia lágrimas nos olhos.

Doía-lhe a alma saber que esse seu Mestre e Senhor, benfeitor de desvalidos e sofredores de todas as procedências, logo mais poderia ser entregue aos lobos do Templo de Jerusalém e levado ao sacrifício supremo.

— Tranquelize-se, João! — convidou o Senhor. — Você também, num passado distante, aceitou o sacrifício da morte infamante para legar pérolas de amor aos desvalidos desta Humanidade.

29 - MARCAS DO DISCIPULADO

O discípulo, sem conter seu pranto, buscou lá fora a claridade ténue das estrelas, deixando que seu coração explodisse em soluços de dor e de saudade.

João, com sinais de tristeza, voltou ao cenário em que se realizaria a última ceia de seu Mestre.

O Senhor, ao senti-lo recoberto pelo véu do desalento, procurou reanimá-lo.

— Filho, ainda por um pouco de tempo estarei com vocês. Se queremos desfrutar de intimidade sadia, não permita que o desalento tome de assalto o seu coração, já que vocês deverão ser mensageiros de Notícias Alegres, ao representarem o Evangelho ao coração do mundo.

João suspirou fundo.

Acreditava que não deveria acrescentar preocupações outras a seu Mestre, já que Ele se mostrava inteiramente submisso aos acontecimentos dolorosos próximos.

— É necessário, João, que todos vocês sejam vistos pela Humanidade como meus fiéis discípulos.

E, em verdade, as marcas do discipulado são o amor que vocês cultivarem uns para com os outros.

— Certo, Senhor! — concordou João, ainda desalentado. — Faremos o que nos ensina!

Jesus pousou a mão no ombro desse discípulo, como querendo restabelecer-lhe o ânimo, e ponderou:

— Reanime-se, filho, já que muitos, na Terra, buscarão demonstrar que são meus discípulos, mas as suas opiniões personalísticas, a miséria que virão a implantar, o uso de armas homicidas e o veneno do mal serão os sinais que servirão para denunciá-los como lobos que buscam entrar no redil de minhas ovelhas.

— Presságios sombrios, Senhor!

— São as realidades futuras, João. E, bem por isso, quero que você se lembre que sem a luz do amor recíproco vocês poderão perder-se nas sombras espirituais.

João estremeceu, apreensivo.

— Como evitar que nos rendamos aos que agem contra a instauração do novo Reino, Senhor?

— Caberá aos aprendizes do Evangelho, João, aprender a cultivar o Reino de Deus na intimidade de seus corações e, para isso, recomendo-lhe que vocês se amparem mutuamente, já que se é fácil partir uma só vara, difícil será romper com um feixe delas.

— Então, a fraternidade é essencial! Jesus sorriu, ponderando:

— Dentro do espírito da fraternidade legítima, João, os aprendizes devem trabalhar e se ajudar mutuamente, compreendendo e perdoando, incorporando a humildade e o serviço real, a fim de garantir a vitória da luz em seus corações.

Ligeira pausa e o Senhor disse:

— Lembre-se, João, de que entre os muitos que buscarem a Boa Nova, vocês se depararão com os que dela simplesmente se beneficiam e, também, terão entre vocês os que se farão meros sonhadores e que, depois, despertam a braços com pesadelos.

— Estaremos cordiais e atentos, Mestre!

— Faça isso, para não comprometer a obra de renovação, já que alguns outros ainda se mostrarão ardorosos no uso da palavra, desdobrando-se em relatos muito cultos e colocações verbais comoventes, mas que jamais farão qualquer outra coisa a não ser discursos tocantes.

— E como reconhecer o verdadeiro cooperador, a fim de dar-lhe o clima de fraternidade?

Os demais discípulos se aproximaram.

— Vejam, filhinhos, que o obreiro de minha vinha está acima daqueles que apenas oram e falam, mas que não realizam o amor e nem distribuem o Bem.

Mateus questionou:

— E quais os sinais para reconhecer o bom obreiro, Mestre?

— Esses, Mateus, se revelarão por entregarem-se a realizações enobrecedoras, mesmo com grandes sacrifícios pessoais, já que estarão sempre repletos de amor puro.

Sabendo Jesus que estava a transmitir-lhes as últimas instruções e para afastar dúvidas e eliminar dissabores, ponderou:

— O verdadeiro discípulo ajuda sempre e a todos indistintamente. Diante de dificuldades, o bom trabalhador abençoa e ampara, sem cobrar resultados de almas imaturas, sem pedir reconhecimento ou recompensa e sem entrar em sintonia com o mal, destacando-se por muito amar.

Silêncio e meditação.

— Assim, João, todos os homens reconhecerão em vocês meus discípulos se vocês se amarem uns aos outros, já que o amor é a luz que faz nascer a esperança.

A emoção envolvia visivelmente a todos.

E, assim, os onze que ali estavam, com ausência de Judas, quase aos pés do Senhor, trocavam votos de amizade fraternal de uns para com os outros.

João, ao pressentir as centelhas de seu passado distante, sentia-se como alguém que em uma praça pública anunciava a excelência do amor fraternal para a juventude espiritual de uma época.

30 - AMIGOS

Era a última ceia com o Senhor.

Tiago, filho de Alfeu, revelava-se consternado, por ter concluído que se fizessem uma aliança com o Sinédrio, o prenúncio de prisão e condenação do Mestre não se realizaria e ele, com os demais discípulos, poderiam prosseguir no anúncio da Boa Nova.

Ele, contudo, não se atrevia a manifestar-se.

João, por sua vez, parecia integrar-se mais e mais ao coração misericordioso do Senhor, sentindo a prematura solidão a que se submeteria em relação a seus próprios discípulos.

Jesus, então, falou-lhes:

— Ninguém, por certo, tem mais amor que este que lhes dedico, pois dou a minha própria vida em favor de meus amigos.

Os discípulos, movidos pela atração amorosa do Mestre, acercaram-se ainda mais dele, quais pintainhos que buscam a proteção sob as asas acolhedoras de sua mãe em momento tormentoso.

E, olhando para seus apóstolos, Jesus disse-lhes:

— Vocês, e todos os que vierem depois, serão meus amigos se fizerem o que lhes ordeno, em nome de meu Pai.

E, após breve pausa, olhando um a um com ternura infinita, o Senhor complementou:

— Já não vou mais chamá-los de servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor! Passo a chamá-los, pois, de amigos, porque tudo o que ouvi do Pai lhes tenho dado a conhecer.

João, observador profundo e consciente, sabendo que Jesus caminharia resolutamente ao sacrifício supremo em nome da Boa Nova, questionou:

— Dando-nos o título de amigos, Mestre, crê que lhe seguiremos os passos em seu sacrifício pela doutrina de amor?

— Não, meu amado discípulo! Sei que diante das forças destruidoras, logo no primeiro confronto, estarei só e, em vão, buscarei pelas ruas de Jerusalém os meus amigos e a multidão daqueles que se beneficiam pela intercessão do Pai Celestial.

— Mas... Se sabe isso, Mestre, por que nos acolhe em seu coração feito de misericórdia... E ainda nos retira da condição de servos?

O Mestre, fitando-o com compaixão, amorosamente esclareceu:

— Meu bom amigo João, saiba que cada discípulo e cada servidor da Boa Nova, quando buscar ampliar as suas conquistas relativas à vida eterna, por sua vez sentirá que caminhará a sós, sem ter quem o acompanhe.

E, sereno, o Senhor complementou a informação que passava:

— Na hora crucial de sua maturidade, João, não aguarde os seus companheiros e amigos da véspera, já que eles não compreenderão o seu santificado propósito de ascensão. Contudo, mesmo que eles não lhe dêem compreensão, não deixe de amá-los, por que esses são, ainda, crianças espirituais. E, como toda criança, eles temerão diante dos sofrimentos e exigirão muito de você.

— Isso é terrível, Mestre!

— Não, meu filho! Isso tão-só servirá para revelar-lhes a própria inexperiência. Se, no entanto, você os perdoar incondicionalmente e voltar a nutri-los com a esperança, eles, cada um a seu tempo, buscarão, também, a porta estreita da redenção pessoal.

31 - PREDIÇÕES

O clima era de constrangimento para muitos.

Os discípulos, em confabulando entre si, revelavam-se cada vez mais perplexos e até temerosos, entrando em estado de desalento, já que o Senhor anunciava o seu próprio sacrifício.

— Não vou deixá-los órfãos de amparo — assegurou o Mestre, em tom tranquilizador — Asseguro que lhes enviarei o Consolador e, assim, quando vierem os meus sublimes colaboradores da obra do amor que o Pai me confiou, no conjunto de almas sublimadas chamadas de Espírito da Verdade, esses seres, que são meus colaboradores diretos, darão testemunho do que sou.

Ligeira pausa, diante do espanto geral, e complementou:

— Tenho-lhes dito estas coisas, filhinhos, para que vocês não se escandalizem com o que anunciei que deve acontecer.

João, interpretando que Jesus lhes pedia dedicação integral, indagou:

— Senhor, quer que cobremos fidelidade e sacrifícios a todos estes seus discípulos?

— Não, João! — respondeu-lhe o Mestre. — O que faço nesta hora é revelar-lhes, claramente, o trabalho que lhes convém fazer, já que todos os que se entregarem ao campo de serviço da Boa Nova deverão ter maturidade para o serviço do Bem.

— Então, Senhor... — reticenciou João, atônito.

Jesus, em resposta, foi ainda mais direto:

— Advirto-os, João, de que vocês não devem aguardar a simpatia e o apoio do mundo quando vocês estiverem entregues às suas tarefas sacrificiais, já que vocês não serão observados com alegria e, ainda, porque as Sombras deverão persegui-los implacavelmente.

Tiago, num impulso, protestou:

— Nossos familiares nos apoiarão, Senhor!

O Mestre, num sorriso repassado de pesar, respondeu-lhe:

— Tiago, os seus próprios familiares que ainda não incorporaram a luz interior irão cobrá-lo por você se distanciar do mundo comum em que eles estiverem mergulhados.

Espanto de quase todos os discípulos.

A dúvida, por isso, cresceu na alma de muitos de seus seguidores e, Jesus, para despertá-los para a situação espiritual das almas imantadas à Terra, anunciou-lhes:

— Vocês verão, filhinhos, o bom trigo da Doutrina do Amor crescer ao lado do joio. E, por isso, muitos dos que agora me servem se espantarão com o progresso transitório dos que não cultivam a fé genuína em seus corações.

Ligeira pausa e Jesus completou:

— Recomendo-lhes que vocês não aguardem compreensão e nem tolerância do mundo. Vocês serão expulsos dos templos organizados pelos que se farão profissionais de seitas religiosas e se espantarão com as acusações infundadas que lhes serão atribuídas.

— Seremos ovelhas entre lobos! — exclamou João, espantado, resumindo o anúncio do Senhor.

— Sim! Vocês serão ovelhas pacíficas entre lobos vorazes. E, por isso, vocês lutarão contra o mal e, assim mesmo, poderão cair nas armadilhas das Sombras e, muitas vezes, vocês sentirão o gosto amargoso da solidão nos momentos mais decisivos de suas vidas.

Jesus, naquele instante, envolveu-os em sua piedade.

— Entendam, filhinhos, desde já, que a calúnia, a pedrada e a ingratidão serão o salário que vocês receberão pelo esforço de sua renúncia e pela entrega de seus corações à obra do Bem.

O Mestre, numa pausa, aspirou profundamente e, em tom de quase melancolia, voltou a adverti-los:

— Não lhes ofereço, a vocês que são filhos de meu coração, rosas sem espinhos. Mas se vocês perseverarem na obra do amor, todos os sacrifícios que lhes sejam impostos pelo mundo contribuirão para a elevação de suas almas. E vocês, então, permanecerão na luz e na paz da consciência, já que terão desempenhado todos os seus deveres.

— O Senhor nos pede resignação integral, Mestre? — indagou João, como a desvendar as lutas futuras a que se confiariam.

— Sim, João! Rogo-lhes por resignação integral à vontade do Pai. E estou a dizer-lhes estas coisas para que vocês não reclamem durante os testemunhos difíceis a que cada um se submeterá, já que a Seara da Luz não se harmoniza com os equívocos deste mundo.

O discípulo amado entrou em meditação profunda, como que buscando antever o que lhes caberia suportar durante a sementeira de luz que deveriam implantar em cada coração.

Jesus, lúcido e sereno, lendo-lhe os pensamentos, repetiu:

— Mas, se vocês se amarem uns aos outros, João, o fardo que o mundo lhes imporá não será tão pesado, porque o amor leva à renúncia e o amor fraternal tudo pode diante das trevas!

32 - EQUÍVOCOS DO MUNDO

Embora a ceia estivesse posta à mesa, raros eram os discípulos que pensavam em alimentar-se.

A comemoração pascal, festa máxima dos judeus, longe de parecer-lhes uma comemoração ruidosa, como se ouvia nas ruas de Jerusalém, tomara o rumo de alimento espiritual entre os apóstolos, diante dos prenúncios de dores físicas e morais a que se submeteriam.

— Senhor — prorrompeu João, diante do silêncio e do constrangimento generalizado — porque os homens nos perseguirão, se nosso único propósito for o do amor?

Jesus esclareceu:

— Os homens lhe farão isso, João, porque não conhecem o Pai e nem a mim mesmo.

E, após ligeira pausa, o Mestre ponderou:

— Saiba, João, que será até comum ver o discípulo do Evangelho ser assaltado pelo espanto ao ver a desarmonia crescer ao lado de todo o esforço fraternal.

— Isso... É quase impossível de se imaginar, Mestre! Como que um só de seus discípulos, de agora e do futuro, poderia criar desarmonias no corpo de sua Doutrina de Amor?!

O Mestre, lúcido, com visão ampla do futuro, conhecendo o que ia dentro de cada alma que se colocasse a seu serviço, assegurou:

— Por muitos séculos, João, o esforço no campo do Bem esbarrará em barreiras sombrias, porque as trevas ainda serão constantes.

— Como assim, Senhor?!

— Basta, João, que se criem aspirações até simples, no campo da caridade, para que a má fé compareça na Seara do Amor, trazendo perturbações para muitos que, confundidos em si próprios, passarão a criar exigências acima da capacidade humana dos futuros obreiros do Bem.

E Jesus, em se dirigindo a todos que o ouviam, ponderou:

— Vocês não devem deixar-se enlear pelas dúvidas e ansiedades, perdendo o precioso tempo na sementeira e retardando, com isso, a colheita do amor necessário tão somente por alguns de seus companheiros lhes imporem exigências desumanas.

Após estudada pausa, Jesus foi direto:

— Sigam confiantes, se vocês realizarem o que lhes peço, no campo de amparo a seus semelhantes. Vejam, então, que os que se opõem ao Bem são os que desconhecem, por enquanto, as bênçãos do Mais Alto.

— Como deveremos agir em relação aos que não nos compreendam os atos, Mestre?

— Viva, cada um de vocês — respondeu Jesus — na própria luz que se expande do próprio trabalho a que vocês se entregarem de coração aberto.

O discípulo amado, estremecendo diante da confiança que o Mestre lhes transmitia, inquiriu:

— Mestre... Por que nos diz tais coisas? Acaso duvida de nossa fidelidade integral à Boa Nova?

— Não, João! Não tenho dúvidas sobre a fidelidade de cada um. Tenho-lhes, contudo, dito isto a fim de que, quando chegar aquela hora mais amargosa, vocês se lembrem de que eu já os instruí sobre os testemunhos necessários.

Ligeira pausa e disse ainda:

— Cada um de meus discípulos terá o seu momento particular de revelar o seu aproveitamento pessoal na obra do Bem.

Silêncio geral.

— Muitos aprendizes — prosseguiu o Senhor — no futuro experimentarão o gosto do fracasso tão-só porque não souberam somar o amor à resignação e, também, porque não souberam repartir a luz com os que caíram nas armadilhas das Trevas.

— Tudo é... Tão difícil Senhor — reclamou Tomé.

— Não, Tomé! Não é tão difícil quanto lhes parece. Bastará que vocês revelem os seus próprios valores individuais e os Espíritos sábios e benevolentes, que lhes enviarei, haverão de inspirados sobre o que lhes convém fazer nos momentos decisivos.

Os discípulos permutavam, embora contristados, impressões em relação ao futuro na Seara do Bem.

33 - CONVÉM QUE EU VÁ

Mateus, comovido com quanto ouvia naquele cenáculo de amor, num impulso generoso, afirmou a Jesus:

— Fique conosco, Mestre! Não se vá, deixando-nos sós!

O Senhor, envolvendo-o em sua misericórdia infinita, respondeu-lhe:

— Sei, Mateus, que pelo que lhes falo, vocês se repletaram de tristezas. Mas, asseguro-lhes: convém, a vocês mesmos, que eu volte a meu Pai, porque se eu não for, o Consolador não virá até vocês.

E Jesus, vendo da controvérsia que se travava entre João e os demais discípulos, para que Ele adiasse a sua partida, assegurou-lhes:

— Por ter-lhes o infinito do amor, Mateus, repito-lhes que convém que eu me retire deste plano de vida, para que as multidões não se cristalizem nas suas tendências para o egoísmo.

João levantou-se e aproximou-se do Senhor, e mostrando-se surpreso com aquela colocação que Jesus fizera sobre a multidão e o egoísmo, indagou:

— Tendência ao egoísmo, Senhor?! Que significa isso, se a multidão O busca, sofredora e carente?!

Jesus, fitando João, ponderou:

— João, se eu aqui permanecer, ninguém mais aceitará com resignação as enfermidades que depuram os espíritos. E, assim, esses que se julgassem felizes por libertarem-se da dor redentora, em verdade cairiam em perturbações, retardando a própria evolução que a dor lhes mostra ser necessária.

O discípulo revelou-se espantado.

— Não admire do que lhes digo, João. Saibam todos vocês, que, em me ausentando deste mundo, segundo a vontade do Pai Celestial, cada um dos que hoje trago à bênção da saúde física amanhã se entregara ao esforço da própria renovação e, assim, se desligarão alguns da indolência e outros se distanciarão do egoísmo aviltante.

Os discípulos mostraram-se ainda mais tristes e, então, o Senhor lhes falou:

— A tristeza que você sentem, nesta hora, virá a converter-se na genuína alegria de suas almas.

— E como não sentir-nos tristes, Senhor? — indagou João, num transe de quase ansiedade. — Parece que teremos de carregar o mundo em nossas costas!

— A vitória que lhes interessa conquistar, João, não é a comum deste mundo. Por isso, asseguro-lhes que vocês chorarão e se lamentarão muitas vezes e as Sombras se alegrarão com o quadro de desalento a que vocês se confiarem. Contudo, a sua tristeza, com o tempo e as circunstâncias, se converterá em alegria verdadeira.

— Como assim, Mestre?

— João, os sofrimentos que vocês também suportarão serão a pedra angular de uma vida superior a esta. E vocês terão a paz de consciência pelos deveres retamente cumpridos.

Ligeira pausa e Jesus se antecipou a nova questão de seu amado discípulo, dizendo-lhes:

— Observem a Natureza, filhinhos. E vejam que não há semente que germine sem a dor da cova escura e úmida e, se o coração de vocês se fizer terra estéril pelo temor, jamais vocês colherão o fruto do Bem.

As atenções se redobraram entre os apóstolos do Senhor.

— Convido-os — anunciou Jesus — a partir de agora, a que vocês fujam do repouso e do prazer fáceis, a fim de que vocês não chorem no dia seguinte e por tempo indefinido.

Tiago, filho de Alfeu, estremeceu e achando que o Mestre os censurava por antecipação, contrapôs.

— Não somos tão fracos assim, Mestre! Faremos tudo aquilo que a circunstância nos indique, se o Senhor estiver ausente deste mundo!

— Pois que essa circunstância, Tiago, acima de tudo, sejam as Leis de Deus! Evitem, por isso, os caprichos e arrastamentos pessoais, já que lhes reservo trabalhos e sacrifícios, a fim de que vocês não se façam filhos da ilusão, uma vez que quero vê-los alcançar a vida real com edificações nobres, lembrando-se de que todas as dores a que vocês se submeterão são coroas da Vida para as alegrias imortais.

* * *

— Você não se mostra satisfeito, Tiago — disse João a seu amigo de discipulado — acaso crê que lhe seja possível estar acima do Senhor?

— Não é isso, João! É que vejo, no templo de nossa fé, que os que oficiam no altar de nossos patriarcas e profetas jamais foram tão amargosa-mente esmagados pelo mundo!

João, compreensivo, ponderou:

— Temos que inovar o campo religioso, Tiago! Por certo que, ao tocar nas estruturas cristalizadas, esbarraremos em múltiplos interesses pessoais! E, desse entrechoque, nos virão contrariedades sem conta.

O discípulo amado do Senhor, então, conclamou Tiago, o filho de Alfeu, a mais profundo exame do programa da Boa Nova:

— Lembre-se, Tiago, de que se devemos ser tolerantes com todos, segundo a convocação de nosso Mestre e Senhor, em tempo algum Jesus nos conclamou a que transijamos com os equívocos deste mundo, para que não caiamos nas armadilhas dos que trabalham contra a Luz do Amor.

— Não compartilho a sua ideia, João! Talvez você não seja tão conhecedor das coisas de nossa gente quanto eu!

34 - PEDIR EM MEU NOME

Jesus, no cenáculo, após deixar tempo necessário para a troca de ideias de seus discípulos sobre o quanto ele os havia instruído, voltou-se para eles, dizendo: — A mulher, quando está para dar à luz, mergulha temporariamente em alguma tristeza, porque a hora lhe é chegada. Depois, contudo, que nasce seu filho, apagam-se nela os sinais de aflição, substituídos pela alegria que sente em ter trazido a este mundo um outro filho do Pai Celestial, introduzindo-o em novas experiências redentoras.

Longa pausa e curiosidade sadia para entender aquela colocação que o Mestre iniciava a fazer.

— Da mesma forma — prosseguiu o Mestre — que ocorre com a parturiente, está acontecendo com vocês. No parto da luz, portanto, que lhes anuncio na minha volta ao Pai, embora eu os veja tristes e inconformados, sei que logo mais seus corações estarão nimbados de alegria. E, naquele dia de vida nova, se vocês pedirem alguma coisa ao Pai Celestial, Ele há de atendê-los em meu nome.

— Senhor — interrompeu João, bastante preocupado — até agora nada temos pedido ao Pai Celestial em seu nome, já que o Senhor nos basta, pelo que é entre nós!

Jesus lhes respondeu:

— Até agora, vocês nada pediram em meu nome, bem o sei. Peçam e vocês receberão, para que a alegria de vocês seja completa, tanto quanto a mãe se alegra pelo nascimento de seu filho.

— Poderemos pedir... Tudo. Senhor? — indagou Tomé.

Ao ouvi-lo, e para evitar equívocos quanto ao que pedir, o Mestre esclareceu:

— Ao elevar os seus pensamentos ao Criador, para solicitar-lhe algo em meu nome, Tomé, convém que cada um de vocês e de meus futuros servidores solicitem somente o que se faça necessário para a vitória da Luz.

— O Senhor nos conhece por dentro de nossas almas, Mestre. — ponderou João

— E sabe de nossas fraquezas e também de nossos caprichos e desejos pessoais!

— Ah! João! Se vocês se sentirem frágeis, diante das tarefas a que os envio, examinem o que vocês pedirão ao Pai Celestial. E não lhe elevem súplicas para que vocês sejam beneficiários das vaidades e das falsas riquezas deste mundo e nem roguem para que se lhes sejam satisfeitos caprichos, já que se isso pedirem, vocês deitarão sombras em suas próprias almas.

— E... Que pediremos, então? — prorrompeu Simão Pedro.

Jesus, então, fazendo-se bastante claro, determinou:

— Diante dos desafios que vocês enfrentarão para a tarefa de implantar o amor genuíno na alma humana, aceitem, antes de tudo, a vontade sábia e amorosa do Pai Celestial, entregando-lhe os seus corações, para que lhes seja concedido o necessário ao desempenho do trabalho para o qual convoquei cada um de vocês.

E, assim o fazendo, vocês encontrarão a satisfação espiritual completa e o infinito que a Boa Nova lhes proporcionará de alegria.

Todos aguardavam mais alguma coisa e, diante da expectativa dos apóstolos, Jesus assegurou:

— De meu Pai recebi o encargo de trazer-lhes a Boa Nova e, por isso, a Boa Nova lhes deixo neste momento.

Largos instantes de reflexões e João, apreendendo a extensão do que o Senhor lhes falava, espantou-se e indagou:

— O Senhor nos entrega a continuação da Boa Nova, Mestre?! Por acaso não é toda ela a razão de sua vinda entre nós?!

— João, meu amado discípulo, eu sou herdeiro do Pai, em relação a este plano de vida. E vocês, filhinhos, são meus cordeiros desta obra de amor que o Pai me confiou. E, assim como o Pai a confiou a mim, eu a confio a suas almas, para sempre.

A comoção invadiu João.

Esse discípulo sentia-se integrado ao Plano Divino de redenção da Humanidade terrena e, ao mesmo tempo, apercebia-se frágil diante da co-herança da missão celestial.

Seus pensamentos entraram em redemoinho e ele refletia:

— "O Mestre não nos entrega este mundo, em nossas mãos, qual se a este mundo devêssemos dirigir ao sabor de nossas preferências. O que Ele nos confia, isto sim, é estarmos neste mundo para servir ao Bem, segundo a vontade de nosso Pai, que quer a redenção de todos os filhos que compõem este rebanho de almas em ascensão espiritual!"

* * *

A noite descera lá fora.

Grande silêncio se fazia, logo após o declínio do sol no poente. E se algumas aves esvoaçavam buscando seus ninhos, após ser instalada a quietude nas ruas de Jerusalém, João se recolhia na inspiração dos caminhos de suas vidas passadas, sentindo-se mais integrado ao coração de seu Mestre, qual se no Senhor estivesse o seu abrigo eterno.

35 - NO GETSÊMANI

Silêncio na cidade de Jerusalém.

A noite serena envolvia toda a região e raras eram as pessoas que ainda se encontravam pelas ruelas desertas.

Quase todos, exaustos pela festividade da Páscoa, buscavam o refúgio do sono e, por isso, um clima de ansiedade pelo dia seguinte se instalava estranhamente nas almas mais sensíveis.

Um leproso, envolto em capa esfarrapada e suja, movia-se nas sombras, qual se fosse um celerado perseguido pelos sacerdotes do Templo.

Súbito, o enfermo estacou.

Baixou a capa em que envolvia o próprio rosto, acobertadora de sua voraz enfermidade, e duas quentes lágrimas desceram-lhe pelas faces deformadas ao ver o Nazareno.

Jesus saía, naquela hora da noite, do cenário da ceia pascal, acompanhado, em silêncio, pelos seus fiéis apóstolos.

João, que ia à frente, deparou-se com o enfermo, comovendo-se intensamente diante daquele homem solitário que, num ato contínuo, se lhe rendeu de joelhos.

— Que quer você? — indagou João.

— Que o Nazareno se apiede de mim! Que me perdoe! Que me liberte espiritualmente!

João, estranhando, examinou-o mais atentamente e perguntou-lhe:

— Quer que o Senhor o cure? Jesus, sereno, aproximou-se.

Tomé, resolutivo, tomou-lhe a frente e, olhando severamente o infeliz que lhes interrompera a silenciosa peregrinação, opôs-se:

— Senhor, este é um momento de aflição em nossas almas e vem um pecador tomar-lhe o tempo!

Jesus, encarando esse discípulo, respondeu:

— Que a nossa dor pessoal, Tomé, nunca se eleve como um pretexto para deixar de atender aos que sofrem! Sabe você se este homem poderá suportar a própria dor do desencanto? Assim, mesmo que estejamos indo ao encontro de outras dores pessoais, demos ao que pede aquilo que lhe faça bem, sem jamais negar amparo misericordioso, tão-só por sentirmo-nos aflitos com nossa própria dor.

O doente, tocando as vestes de Jesus e rastejando pelo solo orvalhado, suplicou:

— Não o procuro, Senhor, para a cura de meu corpo enfermo! Quero libertar-me de tormentos morais!

— Levante-se, Silvano — determinou Jesus. — Bem conheço seus tormentos íntimos, pelo clamor das trevas que envolvem a sua consciência.

— Se tudo sabe. Senhor, perdoe-me e liberte-me! Rogue às minhas vítimas que me dêem trégua!

E o Mestre, comovido, recomendou-lhe:

— Para você ter paz na consciência, Silvano, não basta tão só o arrependimento diante de suas vítimas do passado. É necessário que você ampare e socorra cada um daqueles a quem impensadamente feriu e caluniou.

Ligeira pausa e Jesus aditou:

— Reconcilie-se com os seus adversários enquanto é tempo, Silvano, e, depois, siga-me.

O leproso beijou as sandálias de Jesus e, a seguir, levantou-se humilde e reconfortado.

— Farei o que me manda, Senhor! E, tão logo eu preste serviços às minhas vítimas, seguirei seus passos por toda a eternidade!

* * *

Jesus seguia à frente, tomando o rumo do Getsêmani, indo ao encontro do Monte das Oliveiras, refúgio singelo, entre as verdes e centenárias árvores, para suas preces.

Parou junto às águas murmurantes do riacho do Vale de Cedron, junto com seus onze discípulos, naquela hora em que os opositores da Luz trabalhavam para envilecer corações já empedernidos.

Havia tristeza nos olhos de Jesus.

João, aproximando-se mais dele, perguntou-lhe:

— A sua alma se angustia por Silvano, a quem indicou o difícil cantinho da recomposição da própria consciência, Senhor?

O Mestre fez um gesto negativo.

— Não, João! Preocupo-me, ainda, que os meus futuros discípulos somente atendam aos aflitos quando eles mesmos não estiverem em aflições.

E o Senhor, então, recomendou aos que o ouviam:

— Assentem-se todos vocês aqui, enquanto eu vou ao Monte das Oliveiras fazer a oração ao Pai Celestial.

E, voltando-se, ainda convidou Pedro e os filhos de Zebedeu, Tiago e João, para acompanhá-lo.

* * *

No alto do monte, entre as oliveiras, Jesus confidenciou:

— A minha alma, filhinhos, está profundamente triste, diante da dureza dos corações daqueles que deveriam estar comigo a servir a toda essa humanidade.

— Que quer que façamos, Mestre? — indagou constrangido João.

— Quero que vocês fiquem aqui e vigiem comigo.

E o Senhor, tomando pequena distância, prostrou-se e, orando, subordinava-se aos ditames celestiais:

— Não seja, ó Pai, como eu quero. Sejam as coisas e os acontecimentos, no entanto, segundo o seu sublime desígnio.

João, a distância, sentia-se estranhamente exausto.

Um torpor lhe assaltava o corpo, deixando-o sonolento, lânguido, qual se estivesse com os seus pensamentos a se fragmentar.

E, sem poder controlar-se, João dormiu.

Sem conseguir medir o tempo de seu sono, subitamente como que ouviu macios passos vindo em sua direção e sentiu, também, que alguém parou a seu lado.

Sacudiu a cabeça, entorpecido, sonolento. Ouviu, então, a voz de seu Mestre, dirigindo-se a Simão Pedro e lhe falando:

— Então, filhinhos, nem uma hora vocês puderam velar comigo?

João ergueu-se, ainda algo entorpecido, dizendo:

— Mestre! Não sei o que me envolveu... Rendi-me, talvez, às sugestões das Sombras espirituais, enquanto o Senhor fazia a sua prece!

E, diante dos três embaraçados discípulos, o Senhor conclamou:

— Acordem! É hora de despertar para a Vida Maior! Se vocês não se entregarem ao esforço do despertar para a colaboração necessária, nos instantes críticos, deverei vir acordá-los para as suas tarefas sacrificiais.

João, qual menino constrangido, sentiu-se ruborizado.

— Adormeci... Sem querer! Jesus respondeu, esclarecendo:

— João, se o discípulo adormece no mundo nos minutos cruciais, por certo que ele não poderá esperar que eu lhe confie tarefas mais elevadas, que exigiriam toda a sua atenção desperta.

— Sei disso, Mestre.

— Aqueles, João, que se deixam render ao seu próprio desejo, sem manter-se despertados diante do momento espiritual que lhes reclama a atenção, são sempre obreiros distraídos de suas próprias obrigações. E, assim sendo, no amanhã esse discípulo chorará, diante de sua própria consciência, sem ter paz em si próprio.

João, reconhecendo-se em falta, indagou, humilde:

— Que nos cabe fazer para evitar tal queda, Senhor?

— Nas horas decisivas, João, convém que cada obreiro de minha seara vigie e ore, para que não caia na tentação da ausência.

— Que seria essa tentação, Senhor? — indagou Tiago, o irmão de João, também constrangido.

O Mestre, querendo edificá-los e alertá-los, respondeu:

— As tentações, Tiago, são a manifestação de seu próprio passado, são as forças desequilibradas que cada um traz dentro de si.

Ligeira pausa e o Mestre inteirou a instrução:

— Se lhes digo isso, filhinhos, é para que vocês e os outros servidores do amanhã dominem essa noção da influência do passado de cada um sobre a sua existência atual. E, se tiverem essa instrução em suas almas, todos saberão controlar-se e vencer-se, com o exercício do bom ânimo, com a contribuição da paciência e da fé e, notadamente, pela manifestação da própria humildade.

— A tentação... Então reside em mim mesmo?! — espantou-se Tiago, com apoio de Simão Pedro.

— Reside tanto na alma de cada um, Simão Pedro, a tal ponto que a tentação ao erro se alimenta daquilo que você é!

João suspirou fundo.

— Sim, João — ponderou o Senhor — você sabe que a experiência humana é o desafio para que cada discípulo ou servidor supere obstáculos diante do prato amargo das provações redentoras.

Longa pausa e Jesus ainda lhes falou:

— Se a hora é de lágrimas e dúvidas, filhinhos, convém aprender com ela a suportar antipatias e enfrentar violências de toda ordem, sem desfalecer, sem dormir e sem rebelar-se.

João baixou a cabeça.

— Amado discípulo — ponderou o Mestre —, convido-o a vigiar e a orar, já que, diante das tormentas da alma, mais vale verter lágrimas de resignação, para superar-se, do que sorrir a cada queda que você sentir em você mesmo.

E Jesus deixou novamente seus discípulos.

Tomou pequena distância e voltou a entrar em oração, aceitando o cálice amargoso do sacrifício decisivo, rogando que nele se fizesse a vontade do Pai Celestial.

Logo após, aproximou-se novamente dos três.

— Agora, filhinhos, vocês podem dormir e descansar, porque é chegada a minha hora e, logo, serei entregue às mãos dos sacerdotes e dos gentios.

— Não é possível. Senhor! — agitou-se Simão Pedro. — Não acredito no que ouço!

O Mestre, contudo, ordenou-lhes:

— Levantem-se! Eis que o traidor se aproxima! E, quase de pronto, surgiram, dentre as sombras da madrugada, os guardas que vinham prendê-lo, com Judas tomando-lhes a dianteira e indicando-lhes o caminho.

Jesus, seguro, saudou Judas:

— Amigo, a que você veio?

E, de imediato, a escolta, o comandante e os guardas dos judeus prenderam Jesus, amarrando-lhe as mãos com cordas e correntes, qual se o emissário do amor se confundisse com um mero celerado!

João lacrimejava, diante do gesto de Judas.

36 - NO PALÁCIO

Aquela noite, em Jerusalém, parecia eternizar--se.

Nenhuma brisa, dentro do frio que enregelava as almas.

Tudo parecia mergulhado em indefinível tristeza.

Voltando do Monte das Oliveiras, João trazia o coração oprimido, quase desacordando a cada passo, seguindo corajosamente as pegadas do Senhor, pelo solo áspero.

Vira seu Mestre ser preso e, ao mesmo tempo, vira-o dispersar seus discípulos pela força moral diante da guarda do Palácio de Anás.

O Senhor voltara-se para João, dizendo-lhe:

— Nem um só de meus discípulos se perderá na hora extrema, João.

O discípulo amado, aturdido, baixara a cabeça.

— "Como defender o meu Mestre?!" — indagava-se João.

Jesus, contudo, ao ler-lhe tal pensamento a revolver-lhe em sua alma, advertiu-o:

— João! Quem se encontra na Seara da Luz não poderá erguer-se contra o mundo a que serve, a fim de não se nivelar com as tramas das Sombras espirituais!

* * *

João adentrou o lar de Maria de Marcos. A nobre senhora estremeceu ao acolhê-lo.

— As Sombras dominaram o mundo, João?!

O jovem discípulo confirmou e suspirou, dizendo, contristado:

— Tudo está transcorrendo, Maria de Marcos, como o próprio Mestre previu! E os discípulos do Senhor se dispersaram, enquanto Ele, o Cordeiro Divino, vai ser submetido ao sacrifício da cruz!

Maria de Nazaré aproximou-se.

— Quais as notícias, João? — ela indagou, sem esconder uma ponta de aflição maternal. — Onde levaram o meu amado Filho?

João, controlando-se nas emoções, resignado, informou:

— Levaram-no ao palácio de Anás, Senhora! E, pelo que me foi dado saber, a injustiça terá o seu momento de glória temporária.

Ligeira pausa e complementou:

— Vou, Senhora, até onde levaram o Mestre!

* * *

João deparou-se com Simão Pedro quando chegou à porta de Anás e, olhando à sua volta, indagou:

— Onde estão nossos companheiros de discipulado, Pedro?

— Não sei, João! Creio que se dispersaram... E cada um deve ter voltado para a sua casa, sem ânimo para ver o fim!

João bateu à porta.

A criada da casa veio abri-la e, ao ver João, que sabia ser conhecido de Anás, convidou-o a entrar no pátio.

João entrou.

Simão Pedro, no entanto, ficou junto da porta, temendo pelo que poderia de mau acontecer e, quase a encolher-se, esbatido pelo frio constante, permanecia inerte. A criada, encarregada da porta, examinando Pedro, que ficara de fora, perguntou-lhe:

— Você não vai entrar com João? Não é você também um dos discípulos desse homem que foi preso?

Simão estremeceu, negando:

— Não! Não sou um deles!

João, guardando silêncio e muito respeitoso, embora estranhando aquela negativa de Pedro, entrou no pátio, partindo para ver Jesus e apoiá-lo naquela hora crucial. Voltou-se, contudo, novamente a Pedro.

A pequena distância, João viu Pedro entrar no pátio e aproximar-se do braseiro, onde os servidores de Anás e os guardas do Templo de Jerusalém estavam se aquecendo por causa do frio cortante e do vento gélido.

Simão ajustava-se entre os criados, para ver o fim.

João estremeceu condoído, quando um dos guardas perguntou a Simão Pedro:

— Você, porventura, não é um dos discípulos desse Jesus que prendemos?

Simão Pedro, baixando os olhos, disse pela segunda vez:

— Não! Não sou um deles!

* * *

João, admitido ao interior do palácio, viu Anás, genro do Sumo Sacerdote, interrogando Jesus sobre os seus discípulos e sobre a doutrina que o Mestre apregoava.

O Senhor, lícido, cabeça ereta, respondeu-lhe:

— Anás, eu tenho falado abertamente ao mundo sobre a excelência do amor.

Convoque, pois, quantos me ouviram, tanto nas sinagogas quanto no Templo, e saberá que eu nada disse em segredo para ninguém.

Ligeira pausa e o Nazareno indagou:

— Por que você me interroga? Pergunte aos que me ouviram e, bem o sei, eles sabem o que lhes ensinei em nome do Pai Celestial!

Um dos guardas, avançando contra Jesus, deu-lhe uma bofetada e gritou:

— É assim que você fala com nosso Sumo Sacerdote?

Jesus, condoído, olhou o guarda que o esbofeteara, dizendo-lhe:

— Se eu falei mal, amigo, que mal é esse de que você me acusa? E, se falei bem, por ser amigo da verdade, por que você me fere?

João, lágrimas nos olhos, estremeceu, mas conteve o seu ímpeto de defesa, porque o Senhor o envolveu em seu olhar sereno.

* * *

Anás enviou Jesus a Caifás, o Sumo Sacerdote, para que este prosseguisse no inquérito doloroso, respingado já de muitas falsidades e de muitos testemunhos mentirosos.

João saiu junto e, naquele instante, um dos servos do Sumo Sacerdote, parente de Malco, a quem Simão Pedro havia decepado a orelha num golpe de espada, em vendo o pescador de Cafarnaum, indagou, colérico:

— Eu não o vi, no Jardim das Oliveiras, com esse tal de Jesus?

Simão Pedro estremeceu temeroso.

— Não! — afirmou Pedro, categórico — Eu não estava lá!

João, ao ouvir Pedro negando o Mestre pela terceira vez, estremeceu, sentindo o frio do desencanto em sua própria alma.

— "Como pode Pedro negá-lo?!", remoeu-se João, atônito.

Jesus, contudo, alcançando a intimidade de João, pelo fio invisível dos pensamentos, enquanto era supliciado pelos guardas, alertou-o:

— "João, não condene Pedro pela sua fraqueza desta hora! Eu já o havia advertido de que as Sombras o visitariam no átrio de sua alma!"

— "Mas... ele é a pedra angular de sua doutrina, Mestre", — respondeu João em pensamentos.

— "Saiba, João — replicou-lhe Jesus pela via do pensamento — que, por estas negações, nascerá um novo dia no interior desse meu discípulo e ele construirá, sobre a sua fraqueza desta hora, um mundo de fidelidade ao Evangelho."

João estremeceu, confundido pelas ocorrências dolorosas daquela hora, mas se mantinha em estreito contato mental com seu Mestre.

— "Veja, João, — dizia-lhe Jesus, na intimidade de sua alma, — que a falta de vigilância para com as advertências da Doutrina do Amor pode levar o aprendiz mais aplicado ao campo das negações de si mesmo, abrindo-lhe os abismos de fracassos dolorosos."

— "Isso tudo é espantoso, Senhor!"

— "Muitos, João, serão os que sofrerão quedas espirituais, trocando a excelência da Doutrina do Amor pelas gratificações ilusórias da hora infeliz. Esses, por certo, mergulharão no campo do fracasso e chorarão tão amargamente quanto Pedro, por terem relegado os compromissos sagrados para ficarem só observando o que fazem os outros, enquanto eles próprios se conservam como paralíticos espirituais, inativos e desajustados no campo do Bem."

E João, contristado, viu que o seu Mestre era levado à força para a casa de Caifás, o Sumo Sacerdote do Templo de Jerusalém, qual ovelha arremetida ao meio de lobos vorazes.

37 - NO CALVÁRIO

João sentia-se intensamente conturbado.

Lágrimas quentes e silenciosas a descer-lhe pelas faces, contemplava, num transe de imensa dor, seu Mestre crucificado no Calvário.

Não afastava a ideia de que aquele era o instante da ingratidão humana, a manifestar-se dolorosamente no solo árido de corações ingratos, obrigando o Amor a expor-se em chagas sanguinolentas.

Os olhos do Sublime Crucificado, no entanto, derramavam a sua luz misericordiosa sobre as mulheres que estavam ao pé da cruz e pararam sobre João, seu discípulo amado.

— Não chorem por mim — recomendou-lhes Jesus. — Tomo sobre meus ombros o fardo pesado das culpas coletivas deste povo e rogo ao Pai suavizar-lhes as culpas e também abrandar seus sofrimentos futuros.

As mulheres que serviam ao Senhor, juntamente com João, eram as testemunhas daquela dor moral inenarrável.

— Oh! Senhor! — clamava João. — Por que aceitar tamanha humilhação, quando as religiões neste mundo são demarcadas por vaidades pessoais e se conspurcam em grandes imoralidades?

O Senhor, sereno, respondeu-lhe:

— João, não viemos a este mundo para erigirmo-nos em juízes e julgá-lo.

Vimos, ao contrário, trazer-lhe a base da verdade e a grandiosidade do amor. E, por conduzir a bandeira da esperança, busquei sempre os desprotegidos e os desclassificados, para reuni-los, a todos, na luz da fraternidade e levá-los ao caminho do amor.

Maria, a mãe de Jesus, abraçada a sua irmã, amparada por Madalena, Suzana, Marta e outras poucas mulheres, chorava aos pés da cruz.

João, comovido, envolveu Maria em seus braços, trazendo-a ao encontro de seu coração amoroso, procurando confortá-la sem palavras.

Ouviram, então, do alto da cruz, o Senhor a dizer-lhes:

— Mulher, eis em João um seu filho amado! João, eis em Maria a sua Mãe Santíssima! Confortem-se mutuamente, servindo a este mundo carente de amor genuíno! E abracem, nos menos felizes de todos os caminhos, as almas que chamo para o Reino do Pai Celestial.

* * *

Jesus, da cruz, vê toda a nossa Humanidade.

Sente-se nas últimas energias físicas e, sereno, rendendo-se às leis naturais, para realizar as profecias que lhe descreviam aquela trajetória dolorosa, disse:

— Tenho sede!

Um soldado, próximo da cruz, tomando uma esponja embebida em vinagre, colocou-a na ponta de uma vara, levando-lhe o líquido acre à boca seca.

O Senhor, tendo tomado o vinagre que a Terra lhe oferecia, anunciou resignadamente:

— Tudo está consumado!

E, naquele instante doloroso, o Mestre ergueu seus olhos ao Infinito e, num tom de amorosa submissão, assegurou:

— Pai Eterno, em suas mãos entrego o meu espírito!

E, inclinando a cabeça, o Senhor expirou, rendendo-se ao portal de sua verdadeira vida.

* * *

João estava visivelmente consternado.

Surpreso, contudo, o discípulo amado viu que chegavam ali, ao pé da cruz, José de Arimateia e Nicodemos, exibindo aos guardas uma autorização de Pilatos para recolherem o corpo do Senhor.

Os guardas nada opuseram, diante da ordem escrita por Pilatos.

Os dois, então, desceram-no da cruz e, ao tomarem-lhe o corpo inerte, repousaram-no num lençol e, a seguir, untaram-no com mirra e aloes, como era uso entre os judeus na preparação do corpo para o sepultamento.

João, quase imóvel, tudo acompanhava e, embora sentindo a falta dos outros discípulos naquela hora infeliz, juntamente com as outras mulheres, seguiu com José de Arimateia e Nicodemos, na direção de um sepulcro novo que havia no Jardim do Calvário.

Ali, na cova aberta em rocha, depositaram o corpo de Jesus, fechando a entrada com uma grande pedra.

* * *

As mulheres, fiéis ao Mestre, voltavam às suas casas, amparando-se mutuamente, transfiguradas pela dor, diante da crise de injustiça de que tinham sido testemunhas.

João, após deixá-las, buscou uma singela casa, não muito distante, onde sabia que Simão Pedro se refugiara, sem coragem para ver o fim.

Deparou-se, pois, com o contristado Simão Pedro.

O pescador de Cafarnaum, olhos fechados, faces banhadas por rios de lágrimas, era o quadro vivo de profunda dor moral, e João, seguro e singelo, buscou confortá-lo.

— Sou ovelha sem Pastor! — lamentava-se Pedro. — E carrego, ainda, a culpa de ter negado o meu Senhor por três vezes, João!

O jovem discípulo, sem mergulhar em conforto artificial, assegurou-lhe:

— Jesus espera de você, Pedro, que, sobre a sua invigilância, você edifique um novo tempo em sua vida, entregando-se por inteiro aos labores do Evangelho!

Simão Pedro soluçou.

38 - NO DOMINGO

E, caindo as sombras daquela noite, João e Pedro passaram a rememorar as derradeiras instruções do Mestre, quando com Ele privaram da última ceia.

— Ele voltará! — assegurou João a Pedro — Ele voltará Pedro, já que o retorno do Mestre é o anúncio genuíno da Vida Eterna!

Foi um longo, um demorado e triste amanhecer, com o sol deitando pálidos raios pelo Jardim do Calvário, onde tinha sido crucificado o Senhor Jesus.

Naquela casa singela, não longe do sepulcro que haviam destinado ao corpo de Jesus, Simão Pedro, deixando transparecer o seu constrangimento, suspirou mais uma vez.

— Você crê — disse o pescador de Cafarnaum a João, o discípulo amado do Senhor — que o nosso Mestre ressurgiu, como nos anunciou Madalena?

João o fitou demoradamente.

— Não apenas creio, Pedro! Mesmo sem tê-lo visto, eu sei que o nosso Mestre ressurgiu do túmulo, porque a morte não extingue o espírito, Simão Pedro!

Na casa, embora o silêncio, encontravam-se os onze apóstolos naquela hora, quase todos entregues à desconfiança em relação ao anúncio da volta do Senhor.

— Não duvidem — quase trovejou João, ao vê-los desalentados. — A alma é imortal e nosso Mestre virá a nosso encontro, bem o sei, porque o Bom Pastor não abandona suas ovelhas!

E, após ligeira pausa, como que para despertar os apóstolos daquele torpor a que se entregavam, João afiançou:

— Vocês estão sacudidos e atormentados pelo remorso, por terem debandado, quais ovelhas desgarradas, quando o nosso Mestre entregou-se, dócil e resignado, aos ditames do Pai Celestial, ao sacrifício da cruz!

E João, colocando a mão no ombro de Simão Pedro, sentindo-lhe o coração transbordante de angústia, assegurou-lhes:

— Sentimo-nos todos esmagados, essa é a nossa realidade, porque ainda somos incapazes de aprender a lição de renúncia que o Senhor nos deixou.

Tomé moveu-se, com visível insatisfação, falando asperamente:

— Ora... Cale-se, João! A sua juventude e pouca experiência de vida o tornam crédulo! Você se deixa arrebatar pelo relato de Madalena!

E, após ligeira pausa, Tomé prosseguiu, quase agressivo:

— Eu só acredito vendo!

* * *

Caía já a tarde daquele domingo. Os discípulos, cada vez mais temendo a agressividade dos judeus, mantinham-se contristados e de porta trancada, dentro daquela casa, sofrendo sobressaltos a cada pequeno ruído lá fora.

João, destemeroso, colocou-se em pé.

E, diante da admiração e do temor de seus amigos daquela hora, elevou a sua voz em súplica comovente, rogando pela misericórdia divina em favor de seus companheiros.

Calou-se, a seguir, lacrimoso.

E, naquele justo instante, uma forte claridade se fez no centro da sala, no meio-escuro em que se encontravam todos aqueles discípulos do Senhor.

Ficaram, todos, imobilizados. A luz tomou uma forma humana e Jesus pôs-se no meio deles, e quase todos postaram-se de joelhos, comovidos, enquanto Simão Pedro se encolhia envergonhado.

Jesus tornou-se o centro das atenções.

— A paz seja com vocês, amigos! — saudou-os Jesus, serenamente, em seguida mostrando-lhes as mãos marcadas pelos cravos.

Tiago, filho de Zebedeu, explodindo em lágrimas, reclamou:

— Por que só agora, Senhor?

Jesus, paciente, aproximou-se mais deles.

— É que somente agora, amigos, vocês fecharam as portas de seus corações aos adversários do Evangelho, deixando-se arrastar pela força do amor que lhes ensinei.

João, lícido e ajustado aos ditames celestiais, avançou ao encontro de seu amado Mestre.

— Senhor! A sua volta ao nosso mundo simboliza bem o restabelecimento das relações desta Humanidade com o Mundo Espiritual Superior!

Jesus concordou, adicionando:

— Sim, meu amado João! A partir daqui, o movimento de permuta com os valores eternos entre o mundo visível e o mundo invisível beneficiará toda a Terra, com a influenciação dos planos superiores.

João cai aos pés do Mestre, submisso.

— Que suas lágrimas sejam um cântico de alegria e libertação, João, a você e a todos vocês que são meus amigos, já que, a partir de agora, estarão quebradas as algemas das falsas verdades e estará determinado o final do sacerdócio organizado em templos, porque o Reino de Deus está dentro de cada coração dos que vivenciam o Evangelho do amor celestial!

A alegria serena manifestou-se em todos os que ali estavam e, num movimento de submissão, colocaram-se todos aos pés do Senhor que ali permanecia corporificado.

Jesus, amoroso, enxugou as lágrimas que desciam pelas faces de João, dizendo-lhe:

— Permaneça sempre fiel à obra que lhes delego nesta hora, João, para que cada um de vocês conquiste a coroa da vida imortal.

João continha, a custo, a sua envolvente comoção e, vencido e não resistindo, caiu em soluços de comovente ternura.

39 - INSTRUÇÕES

Ainda na casa, nas cercanias do Calvário, Jesus assentou-se com seus discípulos, corporificado e inteiramente palpável a Tomé e a seus outros amigos de apostolado.

João, mais próximo daquele coração misericordioso, ao ver que os seus companheiros ainda estavam impressionados com as mãos do Mestre, indagou:

— Por que nos mostra suas mãos, Senhor? Será, porventura, para que testemunhemos seu sacrifício supremo, em favor de todos nós?

O Mestre, compreendendo a razão de sua indagação, informou:

— Não é pelo meu sacrifício, João. É que quero que vocês saibam que as mãos revelam os homens, desvendando a sua passagem pela Terra.

Ligeira pausa e, em se dirigindo a todos, advertiu-os:

— Saibam que as suas mãos falarão por vocês no Mundo Espiritual, já que elas revelarão as obras que vocês realizarem na atividade da Boa Nova.

A seguir, Jesus disse-lhes mais uma vez:

— A paz seja com vocês.

Simão Pedro, num grande esforço, vencendo-se a si mesmo, acercou-se também do coração misericordioso, desejoso de redimir-se de sua negação.

— Envolve-me em sua paz, Senhor! Necessito dela, já que trago meu coração angustiado pela vergonha de tê-lo negado, quando me pediram conta de ter sido seu discípulo.

O Mestre, num ato de amor infinito, trouxe Simão Pedro ao encontro de seu coração, dizendo-lhe com serenidade:

— Pedro, suas mãos calejadas na rede de pescaria deverão, de ora em diante, estar a serviço do Novo Reino que trago para esta Humanidade por determinação do Pai Celestial.

João apercebeu-se das lágrimas de Simão Pedro e comoveu-se, mas Jesus lhes disse:

— Estou aqui para convocá-los a que permaneçam fiéis ao trabalho no campo do Bem, alertando-os de que agir no Bem é mais decisivo do que simplesmente desejar e aspirar fazer alguma coisa.

E, sendo mais objetivo, o Mestre ponderou-lhes:

— Na obra do Bem, jamais copiemos os preguiçosos que julgam tudo poder ser feito com o menor esforço, sem sacrifícios pessoais. Lembrem-se de que quem aguarda o menor esforço cairá no poço da indolência, diante das lutas redentoras que os aguardam.

Silêncio geral.

— Que nos cabe fazer, Senhor? — indagou João, rompendo com a expectativa silenciosa dos demais amigos do apostolado.

— João — respondeu-lhe Jesus, com olhos reluzentes como a entrever o futuro — assim como o Pai Celestial me enviou, eu os envio também.

O discípulo amado franziu a fronte.

— Não entendo Senhor, a extensão desta sua mensagem!

— Digo-lhes, João, que os envio ao mundo, para que vocês demonstrem que o amor é necessário para a redenção espiritual de muitos.

E, após examiná-los demoradamente, o Mestre complementou:

— Vejam, filhinhos, que para que se realize a tarefa a que os envio, cada um de vocês deverá ensinar a excelência do Bem. Isso, contudo, só não basta. Além de falar do Bem, vocês deverão praticá-lo junto aos paralíticos da alma e, também, diante dos cegos espirituais e, ainda, à frente dos que tragam a lepra no coração e diante dos obsidiados de toda ordem.

Os apóstolos se reanimaram, diante do exposto.

— Vejam filhinhos — prosseguiu o Mestre — que no desempenho de seus labores evangélicos vocês conhecerão o abandono de amigos; experimentarão o amargor da perseguição injusta e serão desprezados por muitos, sem jamais desalentar ou reclamar.

João, fazendo-se o porta-voz dos demais apóstolos, indagou:

— E... Por que estaremos assim no mundo, se nos fizermos mensageiros de seu amor, Mestre?!

As atenções se redobram.

— Digo-lhes, amigos, que é necessário que assim seja, a fim de que vocês aceitem o sacrifício pessoal, para resgatar os homens do mundo com turbado a que se escravizaram, fazendo-os ressurgir para a Vida Eterna.

Tomé, retraído ainda, balbuciou:

— Quanto tropeço... Teremos em nossos caminhos!

O Senhor, contudo, ponderou:

— Não existem muitos caminhos, Tomé! Ajuste-se, por isso, ao caminho único que leva ao Pai, sabendo que todos aqueles que aspiram ter muitas facilidades, comuns neste mundo, por certo que ainda não despertaram para a verdade imortal.

João fechou os olhos, como que buscando ver--se, num dia seguinte muito próximo, levando a mensagem da esperança aos que se confundiam com as Sombras espirituais da Terra, qual se tivesse retornado a uma praça pública, guardada no fundo de sua consciência, dirigindo-se a jovens e a homens maduros, apregoando e mostrando, em cada gesto, o que fazer, para conhecer-se a si mesmo e alcançar o reinado de ventura.

40 - MEDIUNIDADE COM JESUS

Jesus, corporificado, no centro daquela casa, nas cercanias do Calvário, envolvia seus apóstolos em seu coração misericordioso.

— Voltei a este mundo — assegurou o Senhor — em minha alma imortal, para trazer-lhes a mensagem definitiva da Vida.

— O túmulo... Ficou vazio! — sussurrou João.

— E a vida continua, num corpo de essência divina!

O Mestre levantou-se.

Soprando, então, sobre os seus discípulos, disse-lhes claramente:

— Recebam vocês, a partir desta hora, o Santo Espírito que há de inspirá-los em suas tarefas redentoras, já que se estabeleceu o laço definitivo entre os que agem na carne e os que se fizeram purificados em espírito.

João, apercebendo-se da gravidade daquele enunciado, daquela revelação espantosa, indagou:

— O Senhor... Dá-nos o seu poder, Mestre?! Jesus, olhando-o amorosamente, detalhou:

— Não, João! Não lhes transmito o meu poder espiritual. Caberá a cada um de vocês cultivar o amor em seus corações, a fim de que cada um de meus servidores abra, por si mesmo, as portas sagradas da sua integração comigo, assim como eu me faço uno com o Pai.

E o Mestre, voltando-se mais particularmente a Simão Pedro, falou-lhes:

— Cada um de vocês deverá conquistar a sua própria experiência, já que não posso e nem deverei substituí-los no que lhes cabe fazer. E, por isso, empenhe-se cada um vivamente para crescer na direção do Mais Alto, mesmo que isso lhe custe sofrimentos no princípio.

Após ligeira pausa, aditou:

— Simão Pedro, cada um deverá romper com seu passado de equívocos e de sombras, para elevar-se por esforço próprio até a Luz do Mais Alto.

Ligeiro e respeitoso silêncio.

— A partir de agora — ponderou Jesus — está cada um de vocês sendo convidado a abrir seu coração para entrar na comunicação necessária com o Plano Espiritual que os circunda, iluminando-se com o esforço pessoal de quem se faça amigo da Luz.

João, fazendo-se humildemente o intérprete de todos, falou:

— Como iniciar-nos nesta nova vida, Senhor? Teremos que viver num mundo em que caem as fronteiras entre este nosso mundo palpável e o universo espiritual?

O Mestre, paciente, esclareceu:

— Desligue-se do passado de criações inferiores, João, e entregue-se às realizações nobres com o Pai Celestial. E se vocês perseverarem na sementeira

do amor, agindo em vocês mesmos para a renovação constante de seus propósitos, vocês estarão unidos ao meu coração e com os Emissários da Luz, pela própria medi unidade, fazendo-se cada um de vocês o solo fértil e preparado para a sementeira da fé e da esperança.

João levantou-se, ordenando:

— Destranquem a porta desta casa! Tomé, estremecendo, levantou a voz:

— Você enlouqueceu, João?! Os judeus nos ameaçam a vida!

O discípulo amado redarguiu:

— Se nos faltar coragem para fazermo-nos herdeiros da Luz, rendendo-nos desde já aos nossos temores, como poderemos pretender participar do banquete de Amor a que o Mestre nos convida?

João, apercebendo-se de que o Senhor estava prestes a retirar-se dali, sentiu-se contristado e, já saudoso, indagou:

— Quando voltaremos a vê-lo, Senhor? O Mestre, solícito, respondeu:

— Filhinhos, vocês me encontrarão outra vez, dia a dia, sempre que vocês vivenciarem o amor, atendendo aos que vierem buscar amparo em meu nome junto de seus corações.

E, após ligeira pausa, Jesus complementou:

— Perdoando aos que erram, vocês me perdoam. Amparando aos desvalidos é a mim que vocês amparam. Socorrendo as viúvas, é a mim que vocês socorrem. Vestindo aos desnudos, é a mim que vocês vestirão. E, assim, em toda obra do amor incondicional, vocês estarão comigo e eu estarei com vocês.

E, assim, um novo dia começou naquelas almas amorosas.

41 - À MARGEM DO TIBERÍADES

A noite estivera calma, com suaves brisas.

As águas do lago, em brando remanso, beijavam as areias da praia naquele novo e lento amanhecer, com o sol a aureolar nuvens esparsas no nascente.

Simão Pedro, descendo do barco, vira Jesus na praia.

Adiantando-se alguns passos a seus amigos do apostolado, o pescador de Cafarnaum sentia o coração aos saltos, quase se desordenando pela emoção de um novo reencontro com seu amado Mestre.

— Venham alimentar-se comigo! — convidou-os o Senhor, nessa sua nova aparição aos discípulos.

Todos se aproximaram em silêncio.

João observou, então, que o Mestre repetia o gesto que tivera quando alimentara toda uma multidão de famintos, após o seu sermão de bem-aventuranças, já que tomava em suas mãos o pão e o peixe e lhes oferecia, amoroso:

— Venham alimentar-se de meu coração.

* * *

Depois de terem se alimentado, em silêncio respeitoso, recolhendo cada uma das palavras do Senhor Jesus, João observou que Jesus perguntava a Simão Pedro, pela terceira vez:

— Simão Pedro, você me ama?

João apercebeu-se de que Simão Pedro ficara triste e, em tom melancólico, quase constrangido, respondeu:

— Mestre, o Senhor sabe tudo e, vendo no fundo de minha alma, sabe que eu o amo extremadamente!

— Então, Simão Pedro, apascente minhas ovelhas, é o que lhe ordeno nesta hora. Pedro, querendo vencer o próprio constrangimento, indagou:

— Por que me ordena guardar as ovelhas de seu rebanho, Senhor, enquanto elas se alimentam dos princípios de seu amor?

Jesus, ouvido por todos, esclareceu:

— É que a disciplina se faz necessária, Simão Pedro, já que, sem ela, os que buscarem a Boa Nova não se submeterão aos princípios da ordem e, por isso, não avançarão no caminho do Bem.

João, sem conter-se, questionou:

— Pode-se impor a disciplina, Senhor? O Mestre, compassivo, orientou-os:

— Jamais imponham a disciplina pela força. Assim, se a rebeldia manifestar-se, entre os que colaboram na Seara do Amor, amparem os mais necessitados de esclarecimentos, de imediato, lembrando-lhes que, após a revolta, a lição renovadora virá a seguir, acompanhada de dores e sofrimentos.

Simão, estimulado pela atitude de João, perguntou:

— Como ajudar aos que se façam rebeldes e indisciplinados, Senhor, se estes, por vezes, se jogarem contra os princípios que nos ensinou?

— Educando sempre, Pedro! Educando, sem esmorecer. E se você tiver que criar normas de disciplina, antes de aplicá-las aos outros, aplique-as a você mesmo.

Ligeira pausa e o Senhor complementou:

— Ampare, Simão Pedro, aos hesitantes que caminharem a seu lado, lembrando-se que aquele que hoje não prima pela ordem e não tem experiências mais profundas, amanhã poderá ser por mim convocado para ser orientador de seu próximo.

Jesus olhou para todos que o cercavam, assegurando-lhes:

— Recordem-se que, na hora justa, convocarei todo obreiro atento ao ministério da cooperação nas nossas atividades redentoras. E saiba, Simão Pedro, que de cada um aguardo tão somente o amor para o bom desempenho de suas tarefas, já que o amor soluciona todas as dificuldades, sejam elas quais forem.

Pedro, comovido, abriu-se:

— Compreendo agora. Senhor, por que me indagou três vezes pelo meu amor!

Jesus sorriu com ternura, informando:

— Abriu-se o seu entendimento, Pedro, sobre o que aguardo de meus colaboradores fiéis! Se dotados de amor, as tarefas mais ásperas se tornarão sementeiras de bênçãos e, junto de mim, cada um será valoroso cooperador apenas se tiver profundo amor em sua alma.

Jesus levantou-se, junto das brasas da fogueira, ali na praia onde alimentava os seus apóstolos e seguidores, e Simão Pedro ergueu-se também.

E Pedro, voltando-se, viu que João os ia seguindo, em seu lento e reflexivo caminhar.

— Senhor! — falou Simão Pedro. — João nos segue!

Jesus, então, respondeu-lhe:

— Se é de minha vontade que ele fique, até que eu venha novamente ao encontro de vocês, Simão Pedro, que lhe importa que ele nos siga?

E, após ligeira pausa, Jesus alertou-o:

— Simão, olhe para você mesmo e siga-me, sabendo que isso é o que lhe basta fazer!

— Mas... Senhor! — contrapôs-se Simão Pedro, hesitante.

João, então, ouviu o Mestre considerar:

— Como todo discípulo diligente, Simão, ocupe-se você das tarefas que lhe confio, lembrando-se de que se cada um cuidar com desvelo da parte que lhe toca na atividade redentora, respeitando os outros que respondem por deveres diferentes, somente assim contribuirá no campo do Bem.

Ligeira pausa e Jesus advertiu:

— Que cada um se dedique a conhecer as obrigações que lhe foram confiadas, entregando-se ao trabalho nobre e, assim, somente assim, fará melhor as obrigações que lhe são próprias.

João, avançando, perguntou humildemente:

— Mestre, e se alguém se transviar na obra do bem em que estiver empenhado?

O Senhor, sereno, e em despedida, considerou:

— Que importa a você se ele se desvia? A dor irá buscá-lo, na fumaça de seu descaminho! E, se ele se desvia, siga-me você!

E o Senhor, adiantando-se na direção do horizonte daquele novo dia, voltou-se para todos os seus servidores e, acenando-lhes em doce despedida, confundiu o seu esplendor com os raios do sol.

42 - MINHAS TESTEMUNHAS

João estava deslumbrado e lúcido.

Se estava plenamente consciente da continuidade da vida após a morte, ao contemplar novamente Jesus transvestido de um corpo diáfano, o fenômeno natural levava-o a fundas cogitações sobre a Espiritualidade Superior.

— Ninguém perde a própria identidade. — assegurava João a seu irmão Tiago — E o Senhor nos demonstrou, com a ressurreição, que a vida prossegue, no Mais Além, com uma profundidade e beleza que não poderíamos imaginar!

Tiago, estremecendo, sussurrou:

— Ele... Está novamente entre nós!

Tomé, sem mais dúvidas, ao ver o Senhor corporificado entre eles, caiu de joelhos, e, tocando-lhe as sandálias e as vestes luminosas, vertia um sereno pranto.

— Levante-se, Tomé — ordenou o Senhor com singeleza. — O trabalhador da Seara de nosso Pai deverá abandonar o deslumbramento que confunde e deverá render-se aos que choram e sofrem, reerguendo-os para a Vida Eterna.

Tomé ergueu-se, resoluto, diante daquele convite amorável.

O Senhor, então, voltando-se a seus demais apóstolos, assegurou-lhes:

— Através da mediunidade, a serviço do Reino do Amor, vocês serão os porta-vozes da equipe de Espíritos Santificados que comigo serve e que se unirá a vocês em todos os lances da evangelização desta sofrida Humanidade.

João acercou-se mais do Mestre.

— Que espera de nós, Senhor?

O Mestre, sentando-se entre aqueles seus discípulos, respondeu à indagação de seu discípulo amado:

— Vocês serão minhas testemunhas, tanto em Jerusalém quanto em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da Terra.

— Testemunhas do Senhor?! — admirou-se Simão Pedro. — Que significa isso, Mestre?

— A obra do Evangelho, Pedro, não será permanente se vocês não derem testemunho do que lhes ensinei. Para libertar o mundo das Sombras do Mal, preciso da colaboração de todos aqueles que querem superar-se, encontrando-se com a Boa Nova que lhes trouxe.

João, incisivo, questionou:

— E qual, Mestre, é a obra de mais forte impacto e convencimento, se estaremos a defrontar-nos com os poderes das Sombras?

O Senhor, considerando a oportunidade da indagação nobre, detalhou:

— Vocês devem entregar-se à obra de educação dos sentimentos, porquanto esse movimento de educação estará acima de todos os demais. Lembrem-se de que as

almas não se aprimoram sem as luzes da educação e, por isso, a educação exigirá verdadeiro exército de cooperadores leais e diligentes.

— E como fazer-nos cooperadores leais, Mestre? — tornou a indagar João.

— João — ponderou o Mestre com singeleza — cooperadores leais são aqueles que vivenciam os deveres da fraternidade legítima, sentindo-se companheiros ou irmãos dos menos felizes deste mundo.

E, após alguns instantes de silêncio, o Senhor ainda ponderou:

— Vejam, pois, que nenhum de vocês que se ajusta à realização da Boa Nova se deixe seduzir pelo desejo de governar ou dominar ou dirigir a multidão de aflitos.

Tiago, filho de Alfeu, estremeceu, quase protestando:

— Senhor... Não será tomando as rédeas dos infelizes que os encaminharemos a que se libertem do Mal?

Jesus, balançando a cabeça, em sinal de desaprovação, detalhou:

— Não, Tiago! Se isso você fizer, você iludirá a muitos por algum tempo! Logo depois, no entanto, você se aperceberá do equívoco de não tê-los ensinado a amar e a construir o Bem, trabalhando dia e noite desinteressadamente.

As opiniões divergiram, acendendo discussões. E, em meio ao debate, já com um gesto de censura, o Senhor os alertou:

— Convém que vocês representem a Doutrina Divina, sem a mescla de suas opiniões e, também, estejam longe de querer fazer prevalecer as suas preferências pessoais.

João, mais consciente que todos, declarou a seus companheiros de apostolado:

— Amigos, exercitemos a renúncia. Vejamos que é necessário ter os princípios do Evangelho em nós, se desejarmos refletir o Mestre para todos os que aspiram a renovar seus próprios caminhos.

43 - PRISÃO DOS APÓSTOLOS

Eram pouco mais de quatro horas daquela tarde quando João, inspirando saudoso, sentindo a ausência do Senhor, deixava que quentes lágrimas lhe banhassem as faces.

Ao longe, demorava-se a ver o casario da cidade, descortinando o Templo de Jerusalém, cuja abóbada refletia, em suas lâminas, o sol do poente.

Erguendo mais os olhos, ao fundo da paisagem contemplava o Monte das Oliveiras, recordando-se do doloroso momento em que o seu Mestre fora brutalmente aprisionado, por ter-se revelado um pregoeiro do amor.

Estremeceu ligeiramente.

— Vamos à oração desta hora, João! — disse-lhe Simão Pedro.

O jovem discípulo moveu a cabeça, sacudindo-a, qual se desejasse libertar-se das tristes recordações.

— Sim, Pedro! Vamos ao Templo orar, louvando ao Pai Celestial... E instruindo o povo sobre o Reino prometido por nosso Mestre amado!

* * *

Os dois apóstolos seguiam em silêncio, logo acompanhados pelos demais discípulos, cada um revendo naturalmente, em seu interior, na tela de sua imaginação, o que tinham visto o Mestre fazer.

Aproximaram-se, assim, da porta do Templo, já seguidos por uma multidão que buscava neles os mesmos sinais de amor ao próximo que tinham visto em Jesus.

* * *

O Sumo Sacerdote, observando à distância a multidão que levava enfermos pelas ruas ao encontro dos apóstolos, ouvia-lhes as súplicas doloridas:

— Pedro! Pedro! — rogavam súplices, colocando leitos e macas por onde passavam os amigos de Jesus. — Deixe que a sua sombra recubra nossos amados doentes!

Simão Pedro estremeceu!

— Cubra meu filho com a sua sombra — suplicava uma idosa senhora apontando seu filho, que era de triste aspecto.

João, incontinenti, alertou seu amigo:

— Atendamos a fé dos que sofrem Simão! O Senhor nos quer em Jerusalém como testemunhas vivas de seu amor divino!

E Simão, constrangido, mas extremamente comovido, deixou-se envolver por Espíritos Superiores e, assim, tocou em alguns doentes.

— Graças a Deus! — foram as reações da multidão sofrida. — Este meu filho, que estava à morte, retomou a vida!

O Sumo Sacerdote, corroído pela inveja, ali dentro do Templo, chamou a guarda e ordenou-lhe:

— Prendam todos os apóstolos do tal Jesus!

E, em vendo a guarda investir violentamente contra a multidão, o Sumo Sacerdote entrou em crise histérica ao aperceber-se de que João acalmava todos os demais apóstolos e asserenava a multidão, dizendo-lhes:

— Tranquilizem-se, filhinhos! O mal não vencerá a Luz do Mais Alto. E, se Jesus sofreu por nós, que nos importa se sofrermos por Ele?

E, diante da multidão de sofredores, os apóstolos do Senhor foram levados à prisão pública, deixando-se conduzir como ovelhas submissas à voz de seu Pastor Espiritual.

* * *

A noite desceu sobre Jerusalém.

Raros eram os que pervagavam pelas ruas estreitas e silenciosas, já que temiam ser também trancafiados na prisão.

No fundo da cela, junto às grades altas que deixavam filtrar a luz do luar, Simão Pedro achegou-se mais a João e aos demais apóstolos.

— E agora, João? Que faremos, se nos mantiverem na prisão?

João, sereno, ponderou:

— O Senhor mandou-nos ficar na cidade e que não nos afastássemos de Jerusalém, Simão Pedro. E, diante da ampla visão de nosso Mestre, convém resignar-nos e aguardar o que virá!

Após refletir ainda mais, João convidou todos os apóstolos:

— Confiemo-nos à oração, já que somos do Senhor!

Tomé, resolutivo, revelando-se renovado pela fé que lhe envolvia toda a alma, ergueu-se em tocante prece, entregando-se ele e todos os demais ao que se dispusesse nos desígnios de seu Mestre.

E, mal findara a sentida prece, eis que a cela alcançou luminosidade resplandecente, materializando-se entre eles um Espírito do Senhor.

— Amigos! — anunciou o Espírito em doce entonação fraternal. — Eis que, em nome do Cristo, abro-lhes as portas do cárcere!

As portas abriram-se!

— Sigam-me — determinou o Espírito a todos eles. — Sigam-me, mantendo-se em oração silenciosa, para que tudo se faça segundo a vontade de nosso Mestre e Senhor.

E todos o seguiram.

Atravessaram corredores úmidos e viram que guardas e outros prisioneiros estavam adormecidos. Estavam já na rua.

O Espírito amigo, qual mensageiro celestial que era, disse-lhes:

— Agora, ao nascer de um novo dia, o Senhor lhes ordena que vocês se apresentem ao Templo de Jerusalém e anunciem ao povo o caminho da nova vida que se instalará em toda a Terra!

João, pondo-se à frente e ao lado de Simão Pedro, antevendo o romper do dia, com o sol a deitar seus raios matutinos por toda a parte, conduziu todos ao pátio do Templo e, de imediato, puseram-se a ensinar a doutrina de Jesus a quantos ali chegavam.

* * *

O Sumo Sacerdote, acordando naquela manhã em seus aposentos, aprestou-se com a sua paramentação tradicional.

Saindo, ordenou:

— Convoquem o Sinédrio!

— Convoco... A todos, senhor? — indagou um seu auxiliar.

— Sim! Todos! E diga-lhes, para preparar-lhes o espírito, que hoje vamos submeter a julgamento os discípulos daquele tal de Jesus, que foi crucificado! E, voltando-se mais particularmente aos guardas, ordenou-lhes:

— Tragam-me do cárcere os seguidores de Jesus que vocês prenderam ontem!

— Sim, senhor! — concordou o capitão da guarda — Vamos aos prisioneiros!

* * *

Os guardas foram de imediato e voltaram constrangidos.

— Onde estão os prisioneiros? — indagou o Sumo Sacerdote, ao vê-los de retorno. — Não lhes ordenei que os trouxessem ao Sinédrio?

O capitão, cabisbaixo, gaguejou:

— Senhor! Achamos o cárcere fechado com toda a segurança! Achamos as sentinelas nos seus postos, junto das portas!

— E daí?! — inquiriu o Sumo Sacerdote. — E daí, capitão?!

— Abrimos as celas, senhor... Mas não encontramos uma viva alma ali dentro! Todos ficaram perplexos.

— Que significa isso?! — gritou colérico o Sumo Sacerdote. — Que bruxaria ou sortilégio é esse, desses malditos cães do Calvário?!

Um fariseu, adentrando na sala, anunciou resfolegante:

— Senhor! Os homens que ontem os guardas recolheram na prisão, em verdade estão agora, neste exato momento, no átrio de nosso Templo, ensinando ao povo a doutrina do tal Jesus!

— Guardas — gritou o Sumo Sacerdote. — Tragam esses homens como prisioneiros! Quero-os, todos, esmagados sob meus pés, como se tritura a cabeça de cobras venenosas!

* * *

O capitão e os guardas viram os apóstolos.

Cautelosos, entremearam-se na multidão, aproximando-se dos apóstolos, receosos de qualquer reação de violência.

João, ao vê-los, apercebeu-se da situação delicada e, temendo que o seu ato arbitrário pudesse transformar-se em tumulto e dores aos que os ouviam, aproximou-se do capitão, dizendo-lhe:

— Fazemo-nos seus prisioneiros! Cumpram, com discrição, o seu dever para com o seu Sumo Sacerdote!

* * *

O Sumo Sacerdote, num meio sorriso de triunfo, ao ver os apóstolos sendo tangidos pela guarda do Templo sem violência, dirigiu-se a João:

— Não lhes ordenei expressamente que deixassem de ensinar a doutrina desse tal de Jesus? No entanto, vejo que vocês repletam Jerusalém com essa maldita doutrina! E, ainda mais, vejo-lhes o esforço de lançar sobre nós o sangue desse tal de Jesus!

João avançou um passo e, qual se fosse com Simão Pedro o porta-voz de todos os apóstolos, afirmou:

— Obedecemos a Deus e não aos homens! E Deus fez ressurgir o seu Filho Jesus, a quem vocês imolaram como um cordeiro na cruz. O Criador, portanto, colocou o nosso Mestre como o Salvador!

Ligeira pausa e João completou:

— Nós somos testemunhas desse fato, senhor! E recebemos do coração misericordioso do nosso Mestre a bênção da mediunidade, deixando que falem em nós os Espíritos Santificados, obreiros do Senhor.

Os fariseus ficaram furiosos.

— Morte aos infiéis! — bradou um deles, avançando aos socos sobre João. — Morte a todos esses malditos!

Levantou-se, contudo, Gamaliel, um mestre dentro do Sinédrio e, erguendo a sua voz, advertiu aos demais fariseus:

— Atentem bem ao que vocês pretendem fazer com estes apóstolos do Crucificado.

E, pondo-se em meio ao salão, Gamaliel ponderou:

— Lembrem-se de Teudas, que, dizendo ser alguma coisa em nossos dias, reuniu mais de quatrocentos homens em defesa de seus princípios, mas foi morto e seus seguidores se dispersaram.

— Tolice sua, Gamaliel — atreveu-se um dos novos fariseus.

Gamaliel, qual se não o tivesse ouvido, prosseguiu:

— Depois de Teudas, lembrem-se que, também, levantou-se Judas, o galileu, e levou muitos a acompanhá-lo na revolta e pereceu numa luta. E todos os que o obedeciam se dispersaram!

Silêncio geral no palácio.

— Afinal... — manifestou-se o atônito Sumo Sacerdote. — Que pretende você dizer, Gamaliel?!

Gamaliel, visivelmente inspirado, respondeu:

— Digo-lhes para que deixem estes homens! O tumulto quase se instalou.

— Você ousa desautorizar o Sumo Sacerdote? — atreveu-se um ríspido e jovem fariseu! — Quer bandear-se a estes turbulentos e analfabetos, pregoeiros assalariados desse tal de Jesus?

Gamaliel, paciente, sacudiu a cabeça.

— Não, filho! Quero dizer-lhes que, se estes homens forem de Deus, vocês não poderão destruí-los, já que, se assim o fizerem, vocês estarão lutando contra o próprio Criador! Mas, se a obra deles for dos homens, eles perecerão, como aconteceu com os discípulos de Teudas e de Judas, o galileu.

Silêncio e constrangimento, impostos pela moral de Gamaliel.

Confabulando entre si, contudo, os fariseus concluíram que Gamaliel se expressara com bom senso e, com isso, calaram-se os mais jovens e os mais afoitos.

O Sumo Sacerdote, contudo, revelando-se contrariado pela concordância de todos, e querendo descarregar a violência de sua inveja, para espanto de muitos dos próprios fariseus, chamou novamente os guardas, ordenando-lhes:

— Açoitem estes homens! Marquem-nos, como se faz com animais!

Um soldado, chibata na mão, avançou, rasgando as vestes de João.

E, com cortantes chicotes, os guardas açoitavam o discípulo muito amado de Jesus e, também, todos os demais apóstolos, lanhando-lhes as costas e os deixando com sangue a escorrer pelas costas, ao longo de todo o corpo.

O Sumo Sacerdote advertiu-os, porejando em rancor:

— Não falem mais, em Jerusalém, em nome de Jesus!

E, virando-se aos guardas, ordenou:

— Soltem estes homens!

* * *

Os apóstolos se retiraram do Sinédrio e, mal postos nas ruas, sentiam-se ditosos por terem sofrido afrontas por testemunharem o nome de Jesus.

E, a partir dali, todos os dias, no Templo e de casa em casa, eles levavam a mensagem de Jesus, o Cristo, a todos aqueles que buscavam as luzes do Novo Reino.

44 - NA CASA DO CAMINHO

Jerusalém amanhecera fria.

As rajadas de vento cortantes esbatiam-se nas faces enrugadas daquela sofrida mulher que, tropegamente, avançava pelas ruas, passo a passo, com muitas dificuldades para andar.

Suas vestes eram surradas.

Carregava esquelética criança em seus braços, enquanto o pálido menino que se agarrava a sua saia lhe dificultava ainda mais a caminhada.

Há sinais de ansiedade em seu confuso olhar.

As raras pessoas que transitavam pela mesma rua evitavam-na, qual se temessem que ela lhes pudesse estender as mãos, suplicando por esmolas.

Ela deparou-se com um jovem sacerdote que ia ao Templo e, esperançosa, postou-se à sua frente, entre trémula e hesitante.

O sacerdote, sem esconder sinais de contrariedade pelo seu gesto, fitou-a frio e incomodado, querendo estugar os passos.

— Senhor! — ela falou, num fio de voz, repassado de sofrimentos. — Senhor!

Ele a examinou, sem esconder um mal-estar.

— Que quer, mulher?!

— Onde fica... A Casa do Caminho? O sacerdote estremeceu, contrariado.

— Você procura aquele antro de vadios e Pecadores?! Quer ir, você também, ao encontro dos renegados da fé?!

Ela baixou a cabeça, humilde e abalada.

— Não, meu senhor! Não busco, com meus filhos, a não ser alguém que me ofereça amparo e me restabeleça a esperança de vida!

Enfastiado, o sacerdote informou:

— Siga pela rua Direita e, lá na frente, você encontrará a casa do pecado e da perdição!

O sacerdote, rápido, retomou o seu caminho, desejoso de afastar-se daquelas sofridas criaturas, resmungando:

— Só os pecadores são assim abandonados por Deus!

* * *

A mulher alcançou o local que lhe fora indicado.

Deparou-se com um pavilhão simples, erguido sobre pilares rústicos, com paredes frágeis fechando algumas de suas faces.

Entrou pela porta aberta.

Não encontrou sinais de conforto.

Avançou na direção de bancos rústicos que formavam um reduzido auditório e sentou-se, colocando os dois filhos um de cada lado.

Observou que, dentro daquele pavilhão, existiam alguns compartimentos com outras mulheres desvalidas, com ares de desesperança e, também, com muitos homens de idade avançada e doentes por todas as partes.

Viu muitas crianças do abandono.

Entrando, também, ali naquele tosco salão, vinham pessoas de rostos deformados pela lepra, mãos em forma de garras e alguns pedintes a se agasalhar em panos sujos.

Sentiu, também, um cheiro de sopa apetitosa.

Súbito, estremeceu até o fundo de sua alma, ao sentir que uma mão leve e amiga lhe pousava no ombro cansado e dorido.

Ela voltou-se e, assustada, deparou-se com um jovem, a envolvê-la num olhar de ternura e de compaixão.

— Quem... É o senhor?! — ela indagou num fio de voz repassado de indisfarçável aflição.

— Sou João, minha boa senhora! Sou um dos que servem nesta Casa do Caminho!

E, diante de tão fraternal acolhida, ela se desmanchou em lágrimas de reconhecimento e gratidão, beijando a mão que se lhe colocara sobre o ombro direito.

— Sou... Viúva! Tenho filhos com fome... Sinto-me perdida diante da dor...

João, meigo e carinhoso, sentou-se a seu lado, tomando uma das crianças em seu colo.

Olhou-a com doçura, dizendo-lhe, sem afetação:

— Todos os que se sentem como ovelhas desgarradas, minha amiga, nesta singela casa encontram-se com vida nova, sob o amparo misericordioso e divino de nosso Mestre Jesus!

Ela se debulhou em lágrimas quentes.

João levantou-se, com a criança em seu colo e, tomando-lhe a mão, qual se ela fosse também sofrida criança, disse-lhe:

— Primeiro, vamos saciar a fome, que sempre é dolorosa conselheira! E, depois, veremos tudo o que se pode fazer a seu favor, minha amiga.

Ela estremeceu, involuntariamente.

Sentia-se, após tantos meses de rejeição e de sofrimentos, pela primeira vez acolhida num tom fraternal e, por isso, abriu-se para a esperança, após tantas noites de amargores e de maus tratos.

João mordeu levemente os próprios lábios.

Ele estava, como sempre, profundamente comovido.

E, olhando para os olhos daquela sofrida mulher, via neles os olhos verde-azulados de seu muito amado Mestre, Jesus.

Aproximaram-se, assim, de caldeirões de sopa quente, sobre os quais se debruçava, suarento, o amoroso pescador de Cafarnaum, Simão Pedro.

— Pedro — disse João, em fraternal sorriso. — Trago-lhe mais três corações a seus pés!

Simão Pedro, erguendo a cabeça, sobre o vapor, sorriu, dizendo:

— Pois que Jesus nos abençoe a todos!

45 - A DISCIPLINA

Naquele cômodo da Casa do Caminho, Simão Pedro, após os serviços prestados na comunidade, aguardava, com alguma impaciência, a presença de João.

Os demais apóstolos lá já estavam.

João, adentrando o recinto reservado para as reuniões dos servidores de Jesus, sentou-se à direita do pescador de Cafarnaum.

— Hoje — anunciou João, com absoluta naturalidade, acomodando-se junto de todos os amigos de apostolado — vamos cuidar de nova disciplina, necessária em nossas nascentes atividades.

— Disciplina?! — espantou-se Tiago, o filho de Alfeu. — Acaso estaremos agindo desordenadamente?!

— Acalme-se, Tiago — rogou Simão Pedro, num tom conciliador — ouçamos, antes, a palavra sempre prudente de nosso João!

João, levantando ligeiramente o tom de voz, para restabelecer a atenção dos demais, suplicou:

— Amigos, oremos, para que sejamos inspirados pelos Espíritos do Senhor, nosso Mestre, já que deveremos sempre subordinar-nos ao que seja próprio do Mais Alto, a fim de não impormos os nossos destemperos na Seara do Senhor. Silêncio geral.

Após comovente oração, qual se estivesse falando diretamente com o Senhor, João exortou a todos com singeleza:

— Falei em disciplina não como se estivéssemos a viver desordenadamente. Referi-me, contudo, a ela por saber que somente a disciplina nos traz segurança e por ser ela o primeiro passo para adquirir-se a virtude e porque a virtude é a essência do Amor. E a virtude é a Luz do próprio espírito e, sem luz, caminharemos em trevas.

Mateus, comedido, apercebendo-se da extensão do convite de João, considerou, em o apoiando:

— Será por falta de disciplina que temos visto crescer a insatisfação de muitos de nossos companheiros de serviço?

— Seguramente sim, Mateus! — confirmou João, sem hesitação. — E por ausência dela que temos visto a murmuração dos helenistas contra os hebreus, reclamando que muitas viúvas são esquecidas na distribuição diária que fazemos nesta Casa do Caminho.

Todos, após se consultarem, concordaram de pronto.

— E que nos sugere você, João? — indagou Simão Pedro. — Já que todos sabemos dos cochichos insensatos, levantados nos cantos de nossa Casa?

João inspirou fundo.

— Vejo, Simão, que não é razoável que abandonemos o ensino da doutrina de nosso Mestre, para servirmos, todos, à mesa dos que sentem a fome do pão.

André, incontinenti, aparteou:

— Atender aos famintos não é uma das ordenações do Senhor? Ele próprio não alimentou multidões com pão e peixes, João?!

João sorriu, harmonizando o ambiente e ponderando:

— Se o Senhor distribuiu o pão e o peixe, ao mesmo tempo e até antes de fazê-lo, iluminou os corações com os princípios da Vida Eterna que nos trouxe do Pai Celestial!

Após a troca de ideias, na discussão que se generalizou, João complementou:

— Assim, para que tudo se faça dentro de uma ordem necessária e para que se corrijam os equívocos que têm dado margem para falatório insensato, sugerimos que sejam escolhidos sete homens de bons princípios de vida e que estejam repletos de bom senso e de grande sabedoria, para que se encarreguem do serviço da sopa e da distribuição diária de víveres em nossa Casa.

— Essas... Qualidades são necessárias para servir o pão e a sopa, João? — indagou o inquieto Natanael.

João, sábio, confirmou:

— Sim, Natanael! Essas qualidades são indispensáveis. Aquele que serve com amor e com sabedoria leva paz e esperança. Mas aquele que serve sem amor e sem sabedoria poderá distribuir um pão amargoso, já que estará apenas oferecendo esmolas, quando deveria dar um pouco mais da essência de sua alma, numa expansão do próprio amor, em cada gesto seu!

— E... Quanto a nós? — inquietou-se Tiago, o filho de Alfeu. — Que faremos? João, diante da inquietação do amigo, esclareceu:

— Sem que nos ausentemos de servir, quando necessário, deveremos entregar-nos a repartir do pão do espírito, para que os desvalidos de hoje amanhã se ergam sobre os próprios pés e aprendam a bastar--se a si próprios e para que eles mesmos aprendam a servir, por sua vez.

Todos concordaram.

Simão Pedro, erguendo-se, pois, entre os doze apóstolos, anunciou:

— Elejamos, pois, tais servidores.

E, a descoberto, e sem macular ou diminuir qualquer outro dos que serviam, foram eleitos como tais servidores Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pérmanas e Nicolau.

— Esses são os eleitos para servir! — anunciou Simão Pedro, sob concordância de todos os demais apóstolos.

E esses foram chamados ao cenáculo. João, inspirado, de coração voltado a Jesus, alertou-os:

— Nenhum serviço, nesta Casa, estará desligado do Evangelho! Assim, a mão que serve a sopa e que distribui o pão e os demais alimentos deverá representar a mão de nosso próprio Mestre e Senhor!

E, sob esse fundamento, João convidou os apóstolos:

— Coloquemos as nossas mãos sobre as cabeças destes servidores, para que, orando, eles se revelem médiuns de ternura e de profundo entendimento diante de corações ulcerados pela dor e pela desesperança.

Assim, naquele dia, ordenaram-se, sob a bênção da disciplina, todos os serviços prestados a quantos buscassem o pouso quente e acolhedor da Casa do Caminho.

46 - DISPERSÃO

Saulo, o jovem doutor da Lei, entrou no Sinédrio.

— Onde está meu mestre, Gamaliel?

Um auxiliar do Sumo Sacerdote, ciente de que Gamaliel convocara um encontro com aquele jovem, pediu que o acompanhasse.

— Por aqui, doutor!

E Saulo, intrigado com o convite, adentrou o singelo gabinete em que Gamaliel o aguardava.

— Salve, mestre! — saudou Saulo, efusivo e algo nervoso.

Gamaliel ergueu os olhos, demorando-se a examiná-lo em silêncio e, depois de breves instantes, falou-lhe:

— Saulo, filho de meu coração! Você consentiu na morte de Estêvão, alma pura e dedicada ao Bem!

Saulo estremeceu visivelmente.

— Você me censura por isso, Mestre?! Quando na defesa de nossos princípios, não posso fazer distinção de pessoas!

Gamaliel moveu a cabeça, em reprovação, aditando:

— Lamento-o, Saulo. E, depois dessa morte de um idealista nobre e de coração puro, recebo notícias de que você pretende perseguir aqueles homens simples e rústicos da Casa do Caminho!

Saulo, ruborizado, olhos faiscando de rancor, quase gritou:

— Esses... São cães em Jerusalém! Embora analfabetos, atiram-se contra o nosso Templo, arrastando multidões de incautos, com a propagação de suas mentiras!

Olhos fulgurantes, complementou:

— Enganam o povo, anunciando a ressurreição daquele tal de Jesus! E falam do túmulo vazio como uma vitória dele sobre a morte, confundindo aos incautos!

Saulo, aproximando-se mais de Gamaliel, trovejou:

— Ouvi dizer que... O senhor chegou a defendê-los, optando por deixá-los livres... Argumentando que, se eles forem de Deus, ninguém deverá combatê-los, para não se pôr contra o Criador!

Gamaliel concordou, num gesto de cabeça.

— Sim! Eu dei esse conselho, Saulo. E sei, meu jovem doutor, que a sua paixão pelas Leis ensombra-lhe a visão e não lhe permite buscar outra verdade que não seja aquela que deita sombras de ódio em seu coração!

— Gamaliel... A sua muita idade o faz delirar! — explodiu Saulo, ofensivamente e sem nenhum escrúpulo ao saber que feria aquele que fora o seu professor.

O velho Gamaliel condeu-se.

— Saulo, Saulo! Você já carrega o fardo de uma morte injusta! Já provocou, também, a dispersão daqueles homens singelos da Casa do Caminho. E agora

pretende atirar-se contra os apóstolos daquele Jesus, como se você fosse um oficial de guerra, em nome de nossos Profetas!

E, após ligeira pausa, Gamaliel completou:

— Que louca alegria é essa que lhe tira a razão, Saulo? Por que arrastar tão brutalmente homens e mulheres, analfabetos e piedosos, para os cárceres dolorosos?!

— É necessário sufocar esse movimento e já!

Gamaliel ergueu-se, olhando dentro dos olhos de Saulo:

— Você não está a sufocá-los, Saulo! A cada um que você aprisiona, levantam-se dezenas de desesperançados que, vendo o crepitar da fogueira que você acende, vão em busca da Casa do Caminho.

Saulo, olhos incendiados pelas paixões doentias e pelos extremismos comprometedores, na aparente defesa da fé, gritou:

— Eu dispersei a plebe!

Gamaliel, condoído diante de seu dileto discípulo, colocou a mão sobre o ombro do zeloso doutor de Leis, afirmando:

— Não! Você não os anula por espalhá-los, Saulo. Pelo contrário, você os esparge ao mundo, para que cada um deles seja semente generosa daquela doutrina que você passou a odiar a partir de quando as sombras invadiram seus olhos e tumultuaram o seu coração.

* * *

A notícia do encontro de Saulo com Gamaliel saiu do Sinédrio, vindo ter ao conhecimento dos apóstolos de Jesus, levada pela boca do auxiliar do Sumo Sacerdote.

João, recolhendo a notícia, assegurou:

— Poderemos respirar, por algum tempo, mais aliviados, já que a sabedoria de Gamaliel nos ampara nestas primeiras horas, pondo-nos a salvo da ira de Saulo.

Tiago, filho de Alfeu, hesitante, indagou:

— Será Gamaliel... Um dos nossos? João, refletindo e ponderado, observou:

— O nosso Senhor e Mestre advertiu-nos, Tiago, de que quem não é contra nós é por nós! Assim, Gamaliel deve ser um dos inspirados pelos Espíritos do Senhor para poupar-nos nestas primeiras horas!

* * *

Alguns apóstolos, semanas depois, recebendo notícias de que Filipe fora a uma cidade de Samaria, e que, ao enunciar a doutrina do amor, fizera muitas curas e libertara muitos obsidiados, convocaram os demais apóstolos.

Mateus, convidado a relatar as notícias diante da comunidade que se reunia em Jerusalém, na Casa do Caminho, sugeriu:

— Se em Samaria acolhem, aqueles moradores, a doutrina do Cristo, convém que lhes enviemos Pedro e João, para contribuir na consolidação dos ensinamentos espargidos por Filipe.

Todos concordaram.

E Mateus, prudente, aditou ainda:

— É necessário que não confinemos a doutrina de Jesus somente em Jerusalém! Se pudermos fazê-la despontar em tantos lugares quantas são as estrelas do céu, se sufocarem um núcleo de nossa fé não terão posto abaixo todo o programa do Evangelho!

* * *

João e Pedro, tão logo chegaram a Samaria, localizaram Filipe e passaram a acompanhar as suas pregações e as suas curas, complementando as suas atividades redentoras.

Após algumas reuniões, ao cair da tarde, com pequena multidão a envolvê-los, sedentos da água viva da Boa Nova, João observou que a mediunidade não se abria nesses novos cristãos e, voltando-se a Pedro, considerou:

— Pedro, convém que imponhamos nossas mãos sobre a cabeça destes que se converteram para a Luz, a fim de que a mediunidade, a serviço do Mestre, neles se manifeste!

Pedro, concordando com a sugestão, ponderou ainda a Filipe:

— A conversão da criatura que se aproxima da Luz, para ser permanente, Filipe, pede que o coração se integre no seio da misericórdia divina e, para isso, devemos acordar cada um destes que dormiam na ignorância, para conhecerem a Vida Eterna.

Levantaram-se Pedro e João, seguidos de Filipe.

Erguendo suas mãos, sobre as cabeças daqueles que já compartilhavam as tarefas redentoras, despertaram-nos para o exercício de relações com o grupo de Espíritos que ali se encontravam, para fundirem--se os dois planos da Vida.

E muitos, entre os convertidos ao cristianismo, em Samaria, deram aberto testemunho da mediunidade, deixando que os Espíritos Redimidos falassem pelos seus lábios, trazendo para essa terra as claridades de uma vida nova.

* * *

Uns dias depois, Filipe trouxe a Pedro e João um homem chamado Simão, que, naquela mesma região, entregava-se à prática da magia e da falsa profecia, enganando o povo.

— Ele... Explora a credulidade e a inocência, Filipe?

— Explorava, Pedro. — respondeu Filipe, quase tutelando a Simão — Hoje ele é um convertido ao Bem e me tem acompanhado de perto, observando as curas que realizo em nome de Jesus.

João colocou-se em alerta!

Esse Simão, tão bem apresentado por Filipe, já ficara ciente de que Pedro e João, ao estenderem as mãos sobre as cabeças de muitos dos que se convertiam aos clarões da Boa Nova, abriam-se para o dom da mediunidade. Aproximou-se mais e mais dos dois apóstolos e, quase a sussurrar, disse a Pedro:

— Se você é um dos preferidos desse Jesus, o crucificado, posso torná-lo rico em dinheiro, já que você é prendado de qualidades pelo seu Mestre.

Assim, se você conceder-me, a mim, o poder de impor minhas mãos sobre quem eu quiser, para fazê-lo receber Espíritos e profetizar, você terá vida longa e grande fortuna!

Pedro, contudo, percebendo-lhe a malícia, asperamente respondeu:

— Que o seu dinheiro seja a sua perdição, Simão! Você não pode comprar, por meu intermédio ou por intermédio de quem quer que seja, o dom do reencontro misericordioso do homem com o seu Criador!

João, aproximando-se, compassivo, aconselhou o falso profeta.

— Simão, arrependa-se de seus propósitos. Procure em Jesus o caminho do amor, sem troca de favores e sem querer bajular-nos, corrompendo-nos.

E, após ligeira pausa, João inteirou:

— Alguém que seja médium nunca deve deixar-se arrastar ao que você pretende, Simão, para que não se imante aos obreiros do Mal.

Simão, de pronto, protestou:

— Não, não! Não estou a serviço das Sombras, João. Veja que inda ontem sonhei que você, João, e este Pedro estavam assentados ao lado do seu Senhor, lá no alto!

João sacudiu a cabeça, condoído.

— Não busque, Simão, arrastar-nos aos enganos da vaidade, já que aqueles que concordem com suas falsas profecias e com seus enganosos sonhos acabarão por fazer-se prisioneiros dos abismos da ignorância e da maldade que se fantasia de inocência.

Simão estremeceu, amedrontado.

— Ah! — exclamou, em baixa voz — Não peçam a seu Senhor nada contra mim!

E o infeliz comerciante(*) das forças espirituais menos felizes afastou-se rapidamente dali, sem se desvestir do interesse de comerciar com os poderes da espiritualidade, para tornar-se mais rico na Terra, embora viesse a tornar-se milenarmente pobre e prisioneiro da espiritualidade inferior.

Pedro e João, cumprido seu ministério, retornaram a Jerusalém.

(*) Criou-se na atitude de Simão, o Mago, o termo *simonia*, para definir aqueles que fazem o comércio com as coisas santas, notadamente quando buscam *viver* da mediunidade. N.A.

47 - O CONVERTIDO

Era madrugada em Jerusalém.

Saulo, o ex-doutor das Leis, vencendo o próprio abatimento da longa viagem que empreendera de Damasco até ali, palmilhando por caminhos íngremes e sendas escabrosas, suspirou exausto e combalido.

Pálido, encostou-se numa parede, tomando-a por apoio.

Suspirou e, após seguir pela rua Direita, alcançou o arrabalde, deparando-se com o casarão rústico e simples que tão bem guardava em sua lembrança.

— A Casa do Caminho! — murmurou para si próprio, sem poder conter agora as dolorosas recordações que lhe invadiam toda a alma. — Aqui... Visitei com ironia e desprezo... Os apóstolos do Senhor!

Lembrou-se de Estêvão, que fora sacrificado quase a seus pés.

O ex-jovem rabino recostou-se na parede, comovido.

Olhos marejados, em vão queria ver alguns dos apóstolos de Jesus, entre os frágeis clarões daquela madrugada.

Sentia-se febril e qual ansiosa criança.

Um homem idoso, que também buscava a Casa do Caminho, amparou-o, solícito e misericordioso.

— Vou levá-lo a esse abrigo, filho! — anunciou o homem, tomando-lhe o braço

— Nesta casa, nós, os desvalidos de todas as idades, somos acolhidos com amor fraternal.

Saulo, repassado de profunda emoção, qual criança frágil, deixou-se conduzir e, logo mais, observou-se sendo sentado num banco rústico, apercebendo-se de que era o mesmo banco de onde, um dia, erguera-se contra Estêvão até o momento em que consentira em sua morte.

Ele olhou para as suas próprias mãos.

Parecia-lhe, nesta hora, que de novo as roupas de Estêvão estavam em suas mãos, agora trémulas, enquanto ouvia o discípulo do Senhor ajoelhado, sangrando sob pedradas, a clamar:

— "Senhor! Não condene os que me ferem!"

* * *

Nicanor, um dos que serviam aos pobres na Casa do Caminho, entrando no pequeno auditório, deparou-se com aquele jovem pálido e desfalecente, e, de pronto, aproximou-se dele, prestativo.

Ao chegar-se mais próximo, Nicanor estremeceu.

Fitou-o atentamente.

Inspirou, para conter-se e, precipitando-se a um dos cômodos da Casa, onde sabia se encontrarem alguns dos apóstolos do Senhor, anunciou em tom nervoso e quase aflito:

— Aquele... Saulo... Que nos persegue... Está num de nossos bancos!

A lembrança das dores infligidas por Saulo levou alguns a estremecer.

— Vamos... Enxotá-lo! — esbravejou Nicanor. João, contudo, pondo-se diante de todos, ponderou:

— Convém ver o que o jovem rabino quer de nós! Se está aqui e sem a guarda do Templo, comparecendo só e desassistido, não será justo não ouvi-lo.

— Ele é nosso inimigo! — afirmou Tiago, o filho de Alfeu — E não poderemos deixar um lobo entre ovelhas.

João, amoroso, advertiu:

— O nosso Mestre e Senhor sempre nos alertou que, diante do lobo, nosso dever é domesticá-lo! E, além disso, como descumprir o mandamento deixado por nosso Mestre, recomendando-nos que amemos até os nossos próprios inimigos?

* * *

Simão Pedro e João foram até o ex-rabino, de tão tristes lembranças, e espantaram-se ao vê-lo, quase irreconhecível, qual se fosse um mendigo, cansado, abatido, olhos lavados em lágrimas.

Humilde, rende-se a João e Simão Pedro:

— Quero... Juntar-me a vocês — murmurou aquele que instalara a perseguição aos da Casa do Caminho. — Hoje... Sou um seguidor de seu Mestre Jesus!

Tomé, incontinenti, afirmou:

— Não creio no que você nos fala, Saulo! Por certo que, vindo aqui, em nome do Sinédrio, você nos quer arrastar para as prisões públicas!

— Você é um escarmento! — acusou-o Simão, o zelote. — Você carrega a peste do ódio em sua alma!

As lágrimas borbulhavam pelas faces de Saulo, que, em silêncio, se deixava martirizar, lembrando-se do próprio Estêvão, sacrificado sob falsas acusações.

Barnabé, porém, chegou naquele minuto decisivo e, abraçando Saulo diante de todos os apóstolos, dirigindo-se a João e Pedro, falou-lhes:

— Este, que era Saulo, converteu-se à nossa fé, amigos, quando, às portas de Damasco, o nosso amado Mestre lhe abriu os braços compassivos e, num rasgo de Luz, convocou-o para servi-lo!

Houve um espanto geral.

O ex-rabino, caindo aos pés de João, afirmou:

— Já não sou Saulo. Ao converter-me, fazendo-me um escravo do Senhor, tomei para mim o nome de Paulo, muito semelhante a Saulo, para guardar em meu coração todos os vestígios de meu passado doloroso.

João, sempre conciliador e naquela hora um discreto admirador do ex-rabino, em quem sempre vira alguém muito especial, mas turbado pelas Sombras espirituais, sentou-se a seu lado.

Barnabé, diante do gesto amoroso de João, detalhou ainda:

— Tão logo após o Senhor chamá-lo, Ele ofereceu-se pelas mãos de Ananias, portas adentro de Damasco. E, restabelecida a sua visão, Paulo ergueu-se e passou a anunciar a Doutrina do Amor de nosso Mestre Jesus, a quantos quisessem ouvi-lo, nas ruas e nas sinagogas, e converteu muitos pela sua palavra ardorosa.

Ligeira pausa e Barnabé prosseguiu:

— A medida que Paulo testemunhava as excelências da Boa Nova, demonstrando a supremacia do amor de nosso Mestre, levantaram-se contra ele os judeus e resolveram matá-lo.

João recolhia cada uma daquelas palavras de Barnabé na brandura e sapiência de seu coração e, assim, todos ouviram a conclusão do relato de Barnabé:

— Paulo somente não foi morto porque os que se fizeram seguidores fiéis através deste ex-rabino, ao saberem que em certa noite os judeus combinaram matá-lo, pegaram Paulo e o puseram num grande cesto, descendo-o por uma abertura no muro da cidade de Damasco.

João, levantando-se, olhando ao Alto, como a ver Jesus, anunciou-lhes:

— O Mestre seja com Paulo! E, como vaso sagrado e escolhido pelo próprio Senhor, seja recebido no coração por todos nós, como sendo ele um dos nossos!

* * *

João recolheu-se em seu aposento, buscando os recursos da oração, envolvendo o sofrido e desfigurado Paulo em sua ternura infinita.

Sentiu o apóstolo muito amado um doce aroma de rosas.

E, em meio às suas súplicas, apercebeu-se que uma mão macia e reconfortante pousara em seu ombro.

Voltou-se e viu Jesus.

— Senhor! — rendeu-se João, comovido.

O Mestre, no clima da Luz, acercou-se mais de João e, em voz mansa e posição singela, falou-lhe:

— João, venho ao encontro de seu coração. Acompanhei Paulo, meu vaso sagrado, trazendo-o à Casa do Caminho.

— Bem o sei, Senhor!

— Vele por ele, João. Esse meu amado mensageiro estará sob a proteção de Estêvão. Sei que, num futuro próximo, necessitarei do vigor e da intransigência de Paulo, a fim de que os meus apóstolos não criem uma aristocracia espiritual indesejável, transformando o vinho generoso da vinha de meu Pai em vinagre de martírio, perturbando o crescimento da Doutrina do Amor e tomando, eles, uma posição equivocada sobre o testemunho do Evangelho.

— Devo... Amará-lo, Senhor?!

— Ampare-o, João, apenas nos primeiros dias e, depois, deixe-o entregue a si próprio, já que Paulo aprendeu, no curso de milénios, a bastar-se a si próprio e, igual a você, ele também me serve.

E, depois de ligeira pausa, em despedida, Jesus assegurou:

— A mão que fere, quando se entrega ao ninho do amor, é também a que serve na minha Seara de Luz!

E, sob os olhos e o coração saudoso de João, Jesus despediu-se.

Ajoelhando-se, reverente, beijando as mãos de Maria de Nazaré, João soergueu-se e, beijando-lhe também as faces róseas, não pôde conter as próprias lágrimas.
— Mãe de meu coração!

Maria, singela e como que nimbada de permanentes luzes a revestir-lhe os longos cabelos loiros, retribuiu-lhe o gesto de amor filial.

— Meu filho! — balbuciava, num transe de amor maternal — Desejaria conservá-lo comigo, mas Jesus lhe requisita o testemunho.

João sorriu comovido.

— Apenas três léguas nos separam, daqui até a cidade de Êfeso, João!

— Bem o sei, Santíssima, mas a mim sempre parecerá o infinito de distância, à vista dos laços filiais que unem o meu coração ao seu.

João afastou-se sereno e, a cada alguns de seus passos, voltava-se ao promontório, onde se situava a casa da Santíssima, acenando-lhe em despedida.

* * *

Ali estava a cidade de Êfeso.

Modestas, mas alegres habitações se espraiavam por todas as partes e, a cada instante, o coração do apóstolo muito amado por Jesus saltitava célere.

— A Grécia! — ele suspirou, qual se reencontrasse o ninho quente de toda a sua alma. — E, aqui, voltei para servir ao Senhor!

A emoção transparecia em lágrimas.

Súbito, João estacou trémulo.

Na pequena praça, no centro de Êfeso, deparou-se com um grupo de jovens. E isso lhe bastara para lembrar a Atenas de outrora, sacada de sua memória, dum distante passado.

— "Onde o Senhor me traz, Mestre?" — indagou João, em silêncio e comoção, numa ansiedade incontida.

— "Trago-lhe ao recomeço, João". — respondeu-lhe Jesus no interior de seu espírito. — "Você retomará, já agora com a completa doutrina do amor, aquilo que começou a realizar no seu passado de luzes."

João estremeceu.

Esfregou os olhos e se agitou, julgando-se alguém que se deixava envolver por fantasias. Jesus, de pronto, apareceu-lhe por inteiro.

— Não, João! Você não sofre o assalto da vaidade e nem delira!

O apóstolo rendeu-se de joelhos.

— Mestre, quase todos os seus apóstolos, em Roma e em todas as partes, caindo martirizados, retornaram a seu Reino de Amor! Que me resta fazer, se fui poupado e remetido a Êfeso?!

O Mestre, compassivo, informou:

— Em Atenas, João, transvestido de filósofo, você deu o seu testemunho de fidelidade, deixando-se imolar pela cicuta, que as Sombras lhe impuseram! Agora, quero vê-lo deitar as sementes do Evangelho nestas terras promissoras tão caras para as suas lembranças.

* * *

Uma casa modesta.

Paredes nuas, desvestidas de qualquer símbolo ou adorno, João, junto às mais sofridas criaturas, falava-lhes do amor de Jesus por toda a Humanidade.

— E, subindo ao monte das esperanças, o Senhor Jesus banhó a multidão de aflitos com o seu amor, oferecendo-se como a porta do aprisco, para as ovelhas desgarradas de seu divino rebanho.

Silêncio comovente.

— Estendendo as suas mãos compassivas, o Mestre clamava: "Venham a mim todos os que choram que os aliviarei dos pesados fardos de seu obscuro passado". E um velhinho, tomando a mão de seu perturbado filho, avançou alguns passos na direção do Apóstolo, clamando:

— João, em nome de seu Mestre, liberte este meu filho das perturbações das Sombras!

O jovem lunático, desgarrando-se das mãos de seu velho pai, avançou na direção de João, diante do espanto de toda a assembleia, ameaçando agredi-lo.

Alguns moveram-se para defendê-lo.

João, contudo, num gesto mudo os conteve.

E o lunático, atirando-se contra João, foi recebido em seus braços, num amplexo de ternura e, do abraço de João, o jovem libertou-se de seus implacáveis perseguidores, saindo das sombras para a Luz.

O velho pai, vendo seu filho curado, rendeu-se ao pranto.

* * *

Altas horas da noite, em lágrimas de reconhecimento, João meditava, quando Jesus, novamente, corporificou-se à sua frente.

O apóstolo, já avançado em idade, entregou-se à doce comoção e, querendo interpretar com justeza a presença do Senhor, indagou-lhe:

— E chegada a minha hora? Vem buscar-me, Senhor?

O Mestre sorriu, sereno.

— Não, João! Venho convocá-lo para uma outra tarefa, tão sagrada quanto esta que tão bem você realiza.

— Que quer que eu faça, Mestre?

Após a pausa, vendo Jesus que João se lhe subordinava antecipadamente aos desígnios, ponderou-lhe:

— Amado discípulo! Pelas mãos e coração de Mateus, de Lucas e de Marcos, já foram enviadas as cartas de minhas promessas aos israelitas e aos hebreus.

João esclareceu:

— Conheço essas anotações apostolares, Mestre. Elas traduzem o espírito de seu amor para o povo que o serviu, desde o cativo do Egito. E sei, também, que elas representam o fel que lhe foi destinado, no sacrifício supremo do Calvário. O Mestre concordou com um gesto silencioso.

— Quero agora, João, que você faça as suas próprias anotações do Evangelho, para endereçá-lo e para servir toda a Humanidade, acima dos limites de raças e de tribos, de nações e de povos.

— Não entendo, Mestre!

— Não quero, João, que a Boa Nova fique restrita apenas entre os que me rejeitaram, entregando-me à cruz do Sacrifício. Faz-se indispensável que as suas anotações não tenham fronteiras, que alcancem todos os povos, já que, na Terra, todos são almas que o Pai me confiou.

E, após ligeira pausa, Jesus complementou:

— Vou, pessoalmente, inspirá-lo, agora e sempre João. E, sobre a sua mão que escreverá, estará a minha para guiá-lo.

* * *

Tarde da noite.

Madrugada próxima e João acende uma candeia e apanha um rolo de papiro, ainda virgem, abrindo-o.

Aspira, quase trémulo, e grafa, como se extraísse tinta de seu próprio sangue, com toda a sua alma cativa a Atenas, e, na língua grega, escreveu emocionado:

"No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus."

"Ele estava no princípio da Terra com Deus."

"Todas as coisas foram feitas por intermédio dele e sem Ele nada se fez."

João enxugou duas lágrimas, lembrando-se intensamente de Jesus e, depois, prosseguiu anotando com seu próprio coração:

"A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A sua luz resplandece nas trevas e as trevas não prevaleceram contra a Luz".

E, assim, as anotações fluíram, dia após dia, em meses que escorreram mansos.

49 - AFINAL

Anos mais tarde!

Êfeso, coberta pela flores da estação primaveril, era, por certo, o Celeiro da Luz, atraindo quantos buscavam as memórias do Mestre Divino.

João, alquebrado pelos anos, com um sorriso permanente em seus lábios, repousa em seu catre.

Silvano aproximou-se.

— Mestre — chama-o Silvano, quase em lágrimas. — Que posso fazer por você, mestre?

João sorriu, quase jovial, com algum esforço.

— Comece, Silvano, não me rotulando de mestre, por que Mestre só há um, o Senhor Jesus! No mais, somos meros servidores dele, falíveis e desnecessários, admitidos apenas pelo amor que Ele nos dedica!

Ligeira pausa e João recomendou:

— Traga-me Johanes!

— Sim, mes... Sim, senhor! — emendou-se Silvano, saindo às pressas e logo retornando na companhia de Johanes.

Johanes, o mais velho daquele núcleo de amor que funcionava em Êfeso, aproximou-se prestativo.

— Que me ordena, João?

O amoroso apóstolo, indicando a custo um móvel à sua direita, disse-lhe:

— Johanes, consumi estes últimos meses a manuscruver o Evangelho, com tudo o que vi Jesus testemunhar neste mundo.

Johanes comoveu-se.

E João, recolhendo os pergaminhos, diante do comovido Johanes, passou-lhe as anotações apostólicas, dizendo-lhe:

— Confio-lhe, pois, estes textos manuscritos em grego, para que você os utilize nas pregações de cada dia, diante de nossa assembleia.

Johanes recolheu o manuscrito, abraçando-o em seu coração.

* * *

João, de seu catre, via a primavera encerrar seu ciclo de vida nova em toda a Natureza. A noite se tornara morna.

Após as assembleias, que se encerravam altas horas da noite, João era carinhosamente visitado, em seu leito, por corações ternos, amigos, fraternais. Os adultos beijavam-lhe as mãos.

As crianças, abraçando-se àquele coração feito de carinhos, osculavam-lhe as faces maceradas, sempre recompostas por brando sorriso.

Eram momentos de ternura.

As lágrimas, de precoce saudade, eram carinhosamente escondidas pelos seus visitantes, no intuito de não perturbá-lo, mas João, universo de amor, as sentia todas, quais se fossem gotas de amor a rociar-lhe o coração.

Após apagar a candeia, naquele singelo cômodo, Silvano cerrou mansamente a porta, ainda ouvindo João balbuciar:

— Filhos, amemos uns aos outros, já que só o amor é vida, junto ao coração de Jesus.

O servidor, junto à porta, chorava em silêncio.

* * *

João respirava com dificuldade.

O coração parecia crescer em seu peito, palpitando descontroladamente, com o apóstolo recordando o Lago de Genesaré.

Seu pai, Zebedeu, aparecia-lhe na praia, aprestando o barco da pescaria, e Tiago, seu doce e amável irmão, parecia acenar-lhe do palco de suas lutas redentoras. Recordou-se de Jesus.

Sob a cortina de suas comoventes lágrimas, revia Madalena, Suzana, Cleófas e todas as dedicadas servidoras do Mestre, quando de sua peregrinação sobre a Terra.

Sublimes acordes no ar!

João estremece e vê, afogado em soluços, a chegada de Maria de Nazaré, revestida de sua antiga juventude.

Ela se aproxima do leito, envolta em nuvens de luz e, curvando-se ao catre, beijalhe as faces encovadas pelo sofrimento:

— Filho de meu coração! — assegura-lhe a Santíssima em Espírito. — Venho convidá-lo ao repouso necessário!

João chora, comovido.

Sentia-se, contudo, ansioso.

E, pela porta cerrada de seu recanto, entra, num universo de cintilantes luzes, o Senhor.

João sacode-se e banha-se em pranto.

O Mestre, amável, aproxima-se mais dele e lhe diz em baixa voz:

— Venha bendito de meu Pai!

João, sem esforço, levanta-se em espírito, deixando seu corpo.

E, estremecendo de emoção, vê à sua volta Simão Pedro, Tiago, Mateus, Lucas, Marcos e todos os demais amigos de seu apostolado.

Seus olhos, contudo, procuram mais alguém, nessa augusta assembleia, quando se depara com aquele que aprendera a amar:

— Paulo! Paulo de Tarso!

E, naquela madrugada de quase outono, aqueles que tinham olhos espirituais para ver no Mais Além viram um arco-íris de luzes divinas cruzando da Terra para o Infinito, com Jesus, Maria e Paulo levando em seus braços o discípulo muito amado do Senhor.

* * *

Era uma assembleia sublime. Jesus, olhando seus diretos servidores, e vendo diante de si toda a Humanidade, disse-lhes:

— Filhinhos, aprestemo-nos, desde agora, a providenciar o envio do Consolador que prometi à Terra, para restabelecer os meus ensinamentos e, no final, unir a Terra aos Céus!